



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA - PRAC
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

LUIZ ERNESTO MELLET

**A RETÓRICA DO SOBRENATURAL NA TV:
Um estudo da persuasão no neopentecostalismo**

RECIFE/2009

LUIZ ERNESTO MELLET

**A RETÓRICA DO SOBRENATURAL NA TV:
Um estudo da persuasão no neopentecostalismo**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco por Luiz Ernesto Mellet, como parte dos requisitos à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião, elaborada sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques.

RECIFE/2009

M525

Mellet, Luiz Ernesto

A retórica do sobrenatural na tv: um estudo da persuasão no neopentecostalismo / Luiz Ernesto Mellet ; orientador Luiz Carlos Luz Marques, 2009.

125 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Centro de Teologia e Ciências Humanas. Mestrado em Ciências da Religião, 2009.

1. Religião. 2. Televisão na religião. 3. Pentecostalismo. 4. Persuasão (Psicologia). 5. Comunicação de massa . 6. Igreja Mundial do Poder de Deus. I. Título

CDU 284.57

LUIZ ERNESTO MELLET

**A RETÓRICA DO SOBRENATURAL NA TV:
Um estudo da persuasão no neopentecostalismo**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco por Luiz Ernesto Mellet, como parte dos requisitos à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião, elaborada sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques.

Aprovada em 16 de fevereiro de 2008

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Figueiroa Ferreira – Examinador externo

Prof. Dr. Drance Elias da Silva – Examinador interno

Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques – Orientador

RECIFE/2009

“Eu acredito no Deus de Spinoza, que se revela na harmonia de tudo o que existe, mas não em um Deus que se preocupa com o destino e os afazeres de toda a humanidade (...)

“Eu não posso conceber um Deus pessoal que influencie diretamente as ações dos indivíduos ou julgue as criaturas que ele mesmo criou”

Einstein

Em memória de José e Olga

AGRADECIMENTOS

Aos professores do mestrado de Ciência das Religiões e a todos que de uma forma ou outra contribuíram para a produção deste estudo. Em especial, ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques e ao Prof. Dr. Drance Silva.

À Ione, um beijo pelo apoio.

RESUMO

Nos últimos tempos, o movimento neopentecostal vem ganhando terreno no campo religioso brasileiro. O seu avanço se deve, entre outros motivos, pelo afrouxamento de condutas ascetas e o rigor sectário que, até então, estiveram presentes nas comunidades que seguem o cristianismo no país. A Igreja Mundial do Poder de Deus surgiu no final do século passado e vem abarcando para suas hostes um número crescente de fiéis. O uso sistemático da televisão na propagação da sua mensagem, ancorada na cura e resolução dos problemas deste mundo, responde, em parte, pelo sucesso dessa agremiação. O que o seu aparecimento acrescenta ao neopentecostalismo nacional, a influência da persuasão e a eficácia da mídia eletrônica na adesão dos fiéis são reflexões norteantes desta dissertação.

PALAVRAS CHAVES: Religião, Neopentecostalismo, Igreja Mundial do Poder de Deus, Mídia, Televisão, Persuasão

ABSTRACT

In the past few years, the neopentecostal movement has gain space on the brasilian religious field. The progress is based, among any others reasons, in the soft way to accept certain conducts and the sectary strictness that prevail in the others religious communities that follows the christianism in the country. The Igreja Mundial do Poder de Deus was created in the end of the last century and since then has been embracing in its temples a crescent number of followers. The systemic use of television in the propagation of its creed encored in the cure and solving problems of the world, responds, in part, for the success of this agremiation. What its appearance adds to the national neopentecostalismo, the influence of persuasion and efficiency of electronic media in the adhesion of followers are the reflexes that guided this dissertation.

KEY WORLDS: Religion, Neopentecostalism, Igreja Mundial do Poder de Deus; Media; Television; Persuasion

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. TIPOLOGIA DO NEOPENTECOSTALISMO NO BRASIL	19
1.1 Evangélicos e protestantes	19
1.2 As ondas pentecostais	23
1.3 O surgimento das igrejas neopentecostais no país	26
1.4 A Igreja Mundial do Poder de Deus	30
2. EVANGELISMO NA TV, PÓS-MODERNIDADE E IDEOLOGIA	38
2.1 O evangelismo vai ao ar e invade os lares brasileiros	42
2.2 Pós-modernidade	48
2.3 Ideologia	53
2.3.1 A ideologia marxista	54
2.3.1.1 O conceito de hegemonia em Gramsci	55
3. SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO E ELEMENTOS DA MAGIA	60
3.1 Ética protestante e o espírito do capitalismo	62
3.1.1 A teoria da dominação aplicado a IMPD	64
3.2 Em torno de como a psicologia interpreta o fenômeno religioso	67
3.2.1 Freud	70
3.2.2 Jung	71
3.3 Secularização	74
3.4 Acerca dos dons do mágico	80

4. A RETÓRICA DO SOBRENATURAL NA TV	84	
4.1	Conceitos de propaganda, publicidade e certas questões de retórica	84
4.2	Metodologia	88
4.3	Dados de pesquisa	90
4.4	Identificação das técnicas persuasivas no programa O poder sobrenatural da fé	92
4.4.1	Emprego de estereótipos	92
4.4.2	Substituição de nomes	99
4.4.3	Seleção	102
4.4.4	Mentira	103
4.4.5	Repetição	109
4.4.6	Afirmação	111
4.4.7	Apontar o inimigo	113
4.4.8	Apelo à autoridade	116
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	118	
6. REFERÊNCIAS	121	

INTRODUÇÃO

A capacidade que o sentimento religioso tem de confortar a inquietação espiritual diante o sentido da vida justifica a presença do sagrado no cotidiano da maior parte das pessoas. A conexão com o plano superior parece acompanhar o homem desde os tempos mais longínquos. Em muitas civilizações antigas, até mesmo o sacrifício humano era costume porque se supunha que as divindades da fertilidade esgotavam sua substância no esforço que desprendiam para manter o mundo e tinham, periodicamente, de repor a energia com sangue jovem. Nesse contexto, o judaísmo primitivo introduz uma nova exigência adquirida pela experiência religiosa, a fé.

O exemplo clássico do sacrifício de Abraão mostra claramente a diferença entre a concepção tradicional da repetição do gesto arquétipo e a nova dimensão, a fé, adquirida pela experiência religiosa. Do ponto de vista formal, o sacrifício de Abraão não é mais que o sacrifício do primogênito, costume frequente neste mundo paleo-oriental, no qual os Hebreus viveram até à época dos profetas. O primeiro filho era muitas vezes considerado como o filho do deus, de facto, em todo o Oriente arcaico, as jovens costumavam passar as noites no templo e, assim, concebiam do deus (do seu representante, o padre, ou do seu enviado, o estrangeiro). (...) Com o sacrifício desse primeiro filho restituía-se à divindade o que lhe pertencia. E, de certo modo, Isaac era um filho de Deus, uma vez que ele fora dado a Abraão e a Sara quando esta já não estava em idade de conceber. Mas Isaac foi-lhes dado pela sua *fé*. Este era filho da promessa e da fé. O seu sacrificio por Abraão, se bem que se assemelhe formalmente a todos os sacrificios de recém-nascido do mundo paleo-semite, difere essencialmente no conteúdo. Enquanto que para todo o mundo paleo-semite um sacrificio desse tipo, apesar da sua função religiosa, não passa de um *costume*, um rito cujo significado era perfeitamente inteligível, no caso de Abraão *é um acto de fé*. Abraão não compreende por que razão este sacrificio lhe é exigido e, no entanto, executa-o porque foi o Senhor que o exigiu. Com este acto, aparentemente absurdo, Abraão cria uma nova experiência religiosa, *a fé* (ELIADE, 1984, p. 123 – 124).

Hoje, quando a tecnologia em escala global dissolve distâncias e estabelece modos inovadores de relacionamento com o implemento de fantásticos artefatos midiáticos, surgem novas organizações religiosas que, apropriando-se dessas tecnologias buscam ainda responder às mesmas necessidades espirituais que angustiavam o homem no passado. Ao mesmo tempo em que a secularização se desenvolve nas sociedades humanas, observa-se o surgimento e

crescimento, nas últimas três décadas no Brasil, de inúmeras igrejas de forte apelo popular que enfatizam a presença e ação do Espírito Santo em suas cerimônias.

A secularização é um fenômeno que se propaga como marolas agitando a superfície do lago sem que se saiba exatamente o instante em que a pedra caiu na água – o que motiva calorosa discussão por parte dos historiadores da religião. Há uma corrente que diz ter-se iniciado ainda no judaísmo arcaico; outra sustenta que sua eclosão se deu no surgimento das ciências com suas idéias revolucionárias, como a Teoria da Evolução de Darwin que fez de Adão um primata como outro qualquer. Independentemente de quando começou, fato é que nestes tempos que se proclamam de pós-moderno, a secularização se firma como um processo autônomo e irreversível.

Pela obliquidade em sua nomenclatura, a ambivalência parece ser a principal característica da secularização. “O termo secularização tem sido empregado como um conceito ideológico altamente carregado de conotações valorativas, algumas vezes positivas, outras, negativas” (BERGER, 1985, p.118). Não bastasse essa sopa conceitual ganha mais ingredientes ao percebermos que se manifesta em formas diferentes. Berger diz: “Embora a secularização possa ser vista como um fenômeno global das sociedades modernas, sua distribuição entre elas não é uniforme” (*Ibidem*, p. 120).

A miscigenação das raças, a vasta extensão territorial e a condição de nação jovem fazem do Brasil contemporâneo um terreno fértil à pluralidade religiosa, que muitos consideram um efeito colateral da dinâmica secular. Todavia, a maior parcela da população do país continua freqüentando templos católicos. E é superlativa no Nordeste onde a esmagadora maioria dos habitantes afirma seguir as diretrizes do Vaticano¹. É nesse complexo cenário religioso que se dá o desdobramento de certas práticas litúrgicas incentivadas em várias doutrinas, inclusive o catolicismo². Constituem manobras à conquista de público – com vista a ocupação de espaço no

¹ De acordo com o resultado da amostra do último censo demográfico realizado em 2000, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 79,9% da população da região Nordeste se afirmavam católicos. No país, 73,7% da população segue o catolicismo enquanto 15,4% são evangélicos. Fontes IBGE e Fundação Getúlio Vargas. Diário de Pernambuco, 26/05/2007, p. A -12

² A igreja de São Felix, no Pina, bairro da zona sul do Recife, realiza às sextas, de meia em meia-hora, bênçãos que reúnem centenas de cristãos. Foi o modo que os capuchinhos acharam para atender às novas demandas dos fiéis. A

mercado religioso – ou para garantir a manutenção do próprio rebanho, a fim de não vê-lo evadir-se para a concorrência.

Ainda que o acelerado ritmo de vida nos centros urbanos explique em parte a preferência da população por novas formas de vivenciar o sagrado – o que nos reporta à pós-modernidade de nossos dias –, essa manifestação secular se afirma, também, na constatação de que hoje o indivíduo não obrigatoriamente tenha mais de abraçar uma religião institucional para suprir suas necessidades espirituais. Enquanto na Idade Média bastava ao católico seguir fielmente as diretrizes da Igreja para que lhe fosse aberta à porta do céu, o acesso ao paraíso se dá hoje através de muitas vias tendo em vista o grande número de congregações, movimentos e seitas de cunho religioso que surgiu na Europa e nos Estados Unidos nos séculos anteriores. Reflexo disso é a fragmentação encontrada no campo religioso brasileiro, em que muitos escolhem vivenciar um exercício espiritual privativo no qual elegem formas de crenças particulares com padrões que independem de uma doutrina específica.

Assim, verifica-se na pós-modernidade a correlação da religiosidade a estilos de vida e não mais, necessariamente, a exclusiva e criteriosa submissão a uma crença determinada. Em favor dessa proposição está o fato que o hibridismo religioso no Brasil permite ao indivíduo transitar em duas ou mais religiões ao mesmo tempo. Tal mistura de crenças se constata na facilidade de encontrar aquele que embora se afirme católico manter – num lugar destacado da casa – um panteão com imagens de orixás. E isso não lhe parece contraditório, ao contrário, complementam o todo que referenda sua espiritualidade. Nessa ótica a questão constrata com o padrão de religião formulado por Durkheim:

rapidez da cerimônia deu tão certo que o estacionamento no pátio da igreja teve de ser ampliado e foram os próprios frequentadores que doaram o dinheiro para as obras. Interessante observar que ali vão católicos de gênero social diferente. O primeiro formado por romeiros de todo o Nordeste que vêm visitar o túmulo do frei Damião (religioso de forte apelo popular morto em 1997 que agrega uma legião de devotos). O segundo é composto pela elite de moradores da zona sul da cidade que lota o estacionamento com seus carros de luxo. Aliás, o acesso de carro é um fator importante para a presença desses fiéis abastados. Isso evidencia o valor do automóvel na sociedade recifense que não dispõe de um transporte público eficiente. A condição de se deslocar de modo privado e seguro é fundamental para a participação desse grupo de pessoas que ali vão a busca de consolo espiritual. Já os romeiros cruzam longas distâncias para venerar o túmulo onde jaz aquele que é tido como santo. Essa pluralidade de públicos movidos por forças diferentes e que dividem o mesmo espaço representa para nós um fenômeno religioso característico da pós-modernidade.

Quando um certo número de coisas sagradas mantém entre si relações de coordenação e subordinação, de maneira a formar um sistema dotado de uma certa unidade, mas que não participa ele próprio de nenhum outro sistema do mesmo gênero, o conjunto das crenças e dos ritos correspondentes constitui uma religião (DURKHEIM, 2003. p. 28).

Uma das características mais visíveis da pós-modernidade talvez seja o reaproveitamento de vários pedaços para a composição de um todo. Assim, elementos textuais são reciclados e embalados numa atual roupagem. Esses ajustes promovem a ação fragmentária de sentidos para a produção de novos textos e leituras:

Os estudos constroem-se sobre outros estudos, não no sentido de que retomam onde outros deixaram, mas no sentido de que, melhor informados e melhor conceituados, eles mergulham mais profundamente nas mesmas coisas. (...) As idéias teóricas não aparecem inteiramente novas a cada estudo, (...) elas são adotadas de outros estudos relacionados e, refinadas durante o processo, são aplicadas a novos processos interpretativos. Se deixarem de ser úteis com referência a tais problemas deixam também de ser usadas e são mais ou menos abandonadas. Se continuam a ser úteis, dando à luz novas compreensões, são posteriormente elaboradas e continuam a ser usadas (GEERTZ, 1989, p. 35 – 37).

Certos autores³ vêem o pós-modernismo como um movimento completamente oposto à modernidade e rejeitam qualquer racionalidade que pretenda sistematizar o pensamento na busca de uma lógica que explique a tudo. Mas se a lógica pertence ao campo da ciência é preciso um método científico para se chegar a alguma conclusão. E surgem as críticas. “Para eles, a realidade não passa de uma série de relatos justapostos, e o papel do cientista social é apenas hermenêutico, não explicativo” (HOUTART, 2003, p. 37). Suspeitamos que essa flexibilização teórica também esteja abarcando os estudos dos fenômenos religiosos diante a evidência de que a procura da espiritualidade na sociedade brasileira de hoje não mais necessita de um acordo institucional. É uma escolha individual. Talvez aí esteja possivelmente a raiz do aparecimento de tantos movimentos e seitas.

Certas instituições de tradição reformista, particularmente as denominações evangélicas, parecem estarem mais aberta à plausibilidade por se acomodarem sem muita

³ David Harvey e Stuart Hall põem a modernidade e pós-modernidade em campos distintos que se acham pontuados no capítulo 2.

resistência às exigências da vida moderna que tencionam o espaço religioso. E não refutam em bolar meios sugestivos para resgatar passagens bíblicas – curas justificadas, sobretudo, no Novo Testamento e dons divinos que trazem prosperidade através da obediência dos adeptos ao pagamento do dízimo e ofertas – que são dramatizadas em ritos, tais como a passagem sob uma prosaica coluna de gesso ou em forma de toalhas e saquitéis com poderes sobrenaturais. A produção desses bens simbólicos além de serem concludentes para validar a crença da massa de fiéis – especialmente dos setores marginais das periferias nas grandes cidades – representa o modelo linear para a captação de recursos das igrejas neopentecostais.

Berger nos diz que mesmo que certas instituições religiosas percam poder de influência em muitas sociedades, todavia as crenças e práticas religiosas antigas ou novas permanecem na vida das pessoas, às vezes assumindo novas formas institucionais e às vezes levando a grandes explosões de fervor religioso (Cf. BERGER, 2001, p. 41 – 51).

Rebento do processo de secularização, o neopentecostalismo se dispõe a arranjar meios de aproximar o homem de Deus. Sua práxis legitima a apropriação de coreografias litúrgicas de outras doutrinas – como o catolicismo e o candomblé – e investe pesado na tv para disseminar seu discurso carregado de alto teor de elementos persuasivos. Foi seguindo esse modelo que em apenas uma década de existência a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD) está conquistando seu lugar no espaço religioso brasileiro. Não se trata apenas de mais uma entre as denominações neopentecostais que atuam no país. É também um inusitado fenômeno deste início de século que merece ser analisado sob os estudos interdisciplinares que constituem as Ciências da Religião.

O discurso da IMPD é cheio de ambigüidades. À medida que se apresenta como “ecumênico” critica o *modus operandi* de outras instituições religiosas. E as trata como rivais, sem exceção, não poupando nem seus pares de mesma doutrina. Para isso adota agressivas estratégias de marketing como fazem as organizações comerciais para vender produtos. Ressalva façamos que não há nada de novo no fato das igrejas utilizarem a televisão para divulgar sua crença. A diferença é que não se registra entre as emissoras nacionais a exibição, de modo

ordenado e contínuo, de um programa religioso com uma torrente de cenas explícitas de testemunhos e milagres como se vê no *O poder sobrenatural da fé*.

O programa vai ao ar nas principais cidades brasileira e gira em torno do fundador da IMPD, autodenominado apóstolo Valdemiro Santiago, cuja participação em cena é monopolizante nas vinhetas, cultos e prelações em estúdio. Esta pesquisa teve o intuito de analisar as técnicas persuasivas manejadas por esse missionário a fim de impressionar a audiência, e sua correlação com os motivos que levam tanta gente a freqüentar suas igrejas que todos os dias, de norte ao sul do país, abrem as portas. É esse fenômeno que analisamos com o intuito de procurar compreender as circunstâncias que possibilitaram o aparecimento da IMPD e o que ela veio a acrescentar no neopentecostalismo nacional.

Consideramos a IMPD uma organização religiosa resultante das contradições peculiares do período pós-moderno e que, sendo fruto do processo da secularização – que alargou a distância até Deus –, parece vir na direção oposta ao procurar promover a aproximação o homem com o sagrado mesmo concentrando mais atenção nas questões deste mundo. Eis aí a dicotomia neopentecostal.

De modo que cabe aqui investigar como se dá a aproximação do rebanho com a esfera divina na IMPD, que se baseia na promessa de cura e superação de todos os problemas mundanos no qual se ampara e justifica o sucesso das organizações neopentecostais. Essas igrejas mantêm as portas abertas apresentando-se como saída emergencial à solução dos problemas comuns que a maioria das pessoas enfrenta e que escaparam a atenção das religiões tradicionais. E reacendendo assim o fogo transcendental na vida das pessoas, através de um Deus próximo oposto ao “outro” de Otto⁴, alastra-se como chama em palha seca no campo religioso brasileiro. Foi seguindo o rastro chamuscado pelo fogo secular que o neopentecostalismo ganhou força no país. Alimentando-se de práticas do cristianismo primitivo como a faculdade de supostamente operar milagres e realizar curas extraordinárias, ocorrências que parecem estar conectada, de algum modo, com o espaço deixado pela falência de parte do aparelho do Estado na assistência à

⁴ Em *O Sagrado (Das Heilige)*, obra magna de Rudolf Otto (1869 – 1937), ele define o sagrado como um elemento de uma qualidade especial que se coloca fora de tudo aquilo que chamamos de racional se constituindo desse modo algo indescritível.

saúde pública que é visível nas periferias das grandes capitais brasileiras. Essas manifestações são amplamente exibidas na tv através do programa da IMPD transmitido em rede nacional: *O poder sobrenatural da fé*.

É este objeto de estudo sobre o qual nos debruçamos na busca de um entendimento maior sobre a eficácia da propagação de uma crença religiosa no Brasil, país de forte influência católica, por meio da televisão neste início de século. Queremos também conhecer a ideologia que a sustenta e os motivos da aderência de fração da população que se deixa seduzir pela retórica da IMPD.

Fez-se necessário, contudo, examinar através da lupa das ciências interdisciplinares que compõem o instrumental de análise das Ciências da Religião as causas que propiciaram o seu surgimento e as estratégias pelas quais dissemina a crença que abraça. Observa-se que a disputa das religiões pela preferência do público condiciona igrejas de várias correntes a se submeterem às regras reguladoras do mercado. Porém, nenhuma está sabendo explorar as técnicas do marketing empresarial tão bem como as neopentecostais⁵.

Considerando que não se produz conhecimento algum sem que passe através da linguagem – sendo ela resultado da cultura, de gênero e etnia, sempre associada a períodos e lugares específicos –, vamos tentar compreender a influência do programa *O poder sobrenatural da fé* na decisão dos fiéis em participar da IMPD, identificando e analisando as técnicas de persuasão utilizadas e como se coadunam com as imagens transmitidas na tv. Levaremos em conta também algumas questões relacionadas à retórica.

Em nossa pesquisa extraímos trechos do programa e a partir deles fizemos uma transcrição do clímax, sonoridade, ritmo, repetições, continuidades, cortes na fluência e frases coerentemente pontuadas em quatro séries de programas, totalizando 14 horas e meia de gravação, para investigar como são contextualizadas as falas e conduzida as entrevistas feitas

⁵ A transmutação de objetos ordinários a bens dotados de poderes sobrenaturais é uma prática muito comum na doutrina neopentecostal. Tais objetos consistem numa gama variada de produtos da igreja – saquitéis, toalhas, pães, etc. –, que são anunciados na televisão com vista à captação financeira necessária a manutenção dessas organizações religiosas. A criação, desenvolvimento e comercialização dos produtos são funções do marketing empresarial.

pelo emissor (apóstolo Santiago), se as perguntas influem nas respostas do receptor (fiéis) e em que circunstâncias elas são feitas. Essa metodologia também considerou a codificação não-verbal dos elementos da comunicação usados na televisão, que vem a ser o meio audiovisual que reúne um “amálgama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, seqüência de cenas e muito mais” (BAUER & GASKELL, 2002, p. 343). Avaliamos indispensável levar tal complexidade em consideração ao empreender uma análise sobre o conteúdo e a estrutura do programa da maneira mais imparcial possível. Ressaltamos, todavia, que nunca haverá uma análise capaz de captar uma verdade absoluta. “A questão, então, é ser o mais explícito possível, a respeito dos recursos que foram empregados pelos vários modos de translação e simplificação” (*Ibidem.*, p. 344).

Entendemos que a coreografia e as palavras de ordem proferidas durante o culto, os problemas cotidianos entendidos como obras demoníacas (encostos) e a realização de terapias para a resolução de problemas financeiros, de saúde, da vida afetiva, entre outros, são práticas usuais no neopentecostalismo. Esses traços nos levam a supor que o conjunto de seus princípios representa uma forma de espiritualidade intramundana devido a certas características presentes em sua liturgia, como:

1. A capacidade de possuir saúde, bens materiais e a felicidade conjugal através da bênção de Jesus Cristo.
2. O discurso de engajamento dos membros no trabalho de multiplicação do número de igrejas.
3. A exigência do pagamento do dízimo e ofertas como meios de obtenção de graças diretamente através da “mão de Deus”.
4. O louvor marcado por uma intensiva psicologia hedonista, onde o efeito prazeroso da presença divina se deixa flagrar sem reservas pelos fiéis, através do testemunho de fiéis crentes de terem tido a vida transformada por um milagre.

Todos esses pontos demarcam o estilo neopentecostal presente na práxis da IMPD que em nada sinaliza qualquer expectativa com a pós-vida. O vínculo do sagrado se restringe no aqui e agora, nas coisas deste mundo, o que sugere uma necessidade hedonista de realizar no presente, segundo o modelo axiológico de uma sociedade de consumo. Pois, não é difícil constatar, através da mídia ou nos templos, que as principais temáticas presentes no discurso neopentecostal contemporâneo brasileiro se respaldam em realizações concretas, ou melhor, que dizem respeito a este mundo (Cf. OLIVEIRA; PIRES, 2005, p. 84 – 85).

Autores como Adorno e Horkheimer formularam o conceito de indústria cultural, que se reporta a uma cultura “fabricada” para a massa e não fluida dela. Na sociedade de mercado estruturada na produção industrial, a cultura passou a ser vista também como uma mercadoria. Partindo desse raciocínio – sendo o campo religioso um dos diversos modos de expressão cultural –, pode-se admitir que em algum momento os bens simbólicos sejam convertidos em mercadorias revestidos e embalados como produtos fetíchos.

É no estudo da intertextualidade presente entre religião, pós-modernidade, mídia e outros complementares que se ancora esta dissertação. Constitui nada além de um esforço investigativo com intuito de vislumbrar novas perspectivas que de algum modo possam ser pertinentes aos estudos das Ciências da Religião.

1. TIPOLOGIA DO NEOPENTECOSTALISMO NO BRASIL

Os evangélicos consideram a Bíblia a única fonte de autoridade religiosa e defendem o direito das pessoas interpretarem as escrituras sagradas sem intermediários. Isso quer dizer que, em tese, qualquer pessoa pode fundar sua igreja sem que necessariamente tenha relação com as hierarquias das organizações já existentes. Talvez resida aí a fragmentação das igrejas evangélicas em várias correntes dado que em todas elas não se ache uma autoridade central, como o papa está à frente da Igreja Católica. A soberania é teoricamente da assembléia de cada denominação, muito embora haja obediência doutrinária a certas características que são comuns a todas como, por exemplo, a condenação à veneração a santos e imagens, prática vista com naturalidade pelos católicos.

1.1 Evangélicos e protestantes⁶

Partimos do princípio que, no Brasil, evangélicos e protestantes são palavras sinônimas. Ramificações do cristianismo, evangélicos ou protestantes representam as correntes surgidas a partir do dia 31 de outubro de 1517, quando Lutero afixou suas 95 teses contra as

⁶ Tomamos como base o Censo Institucional Evangélico publicado pelo ISER (Instituto de Estudos da Religião, fundado em Campinas, São Paulo, em 1970, com forte apoio do Conselho Mundial de Igrejas que reúne uma rede de pesquisadores, cientistas e estudiosos interessados em aprofundar investigações associando a questão religiosa com a questão da cultura), que classifica os evangélicos como históricos, pentecostais e neopentecostais, aqui resumidos:

a) Evangélicos Históricos

Originários do protestantismo surgido com a reforma do século XVI. Abrangem os luteranos, presbiterianos (século XVI), batistas e metodistas (século XVIII) que fundaram igrejas no Brasil no século passado. Representam cerca de 33% dos dezoito milhões evangélicos existentes no Brasil (aproximadamente seis milhões de pessoas). Chegaram ao Brasil através de dois grandes movimentos: originários da Europa (luteranos) e dos Estados Unidos (presbiterianos; batistas e metodistas).

b) Evangélicos Pentecostais

O nome vem do dia de Pentecostes quando, de acordo com a Bíblia, o Espírito Santo se revelou aos apóstolos, cinquenta dias depois da ressurreição de Jesus Cristo. Surgiram no Brasil no início do século passado. A maior representante é a Assembléia de Deus. Outras, como a Congregação Cristã no Brasil e Brasil para Cristo, também são muito populares. Dão ênfase a manifestações do Espírito Santo, principalmente à glossolalia (falar em línguas desconhecidas) e, a partir dos anos 50, também às curas divinas. Cultos são baseados na emoção, mais informais do que nas igrejas tradicionais. Os pentecostais e neopentecostais somam aproximadamente doze milhões de pessoas (67% dos evangélicos).

c) Evangélicos Neopentecostais

Reúnem organizações religiosas formadas a partir da segunda metade do século 20. Nesse grupo se inclui a Senhor Sara Nossa Terra, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Renascer em Cristo e a Igreja Mundial do Poder de Deus. Os neopentecostais destacam, ainda, o dom do Espírito Santo que leva à cura divina e o exorcismo a que chamam de “libertação”. Maiores informações ver FERNANDES, 1992, p. 37 – 43e no site: [Http// www.iser.org.br](http://www.iser.org.br).

indulgências em Wittenberg, Alemanha. Toma-se a data como ponto de partida da Reforma. “Mas o acontecimento desse dia é a culminação de uma trajetória que tivera início muito tempo antes” (COMBY, 2001, p. 14).

Nascido em 1438 em Eisleben, Saxe, numa família de pequenos burgueses próximos do campesinato, Martinho Lutero passou a infância aterrorizado com estórias de demônios e bruxas. Aos 25 anos se torna padre e vai estudar as Sagradas Escrituras na universidade de Wittenberg. “A concupiscência, a tendência ao pecado se encontram sempre presentes. Segundo a teologia da época, Deus faz o que lhe agrada, salvando alguns e condenando os outros” (LUTERO *apud* COMBY p. 15). Aos 31 anos, Lutero tem uma revelação ao ler no primeiro capítulo da Epístola aos Romanos a expressão *A justiça de Deus é revelada no Evangelho*:

Enquanto meditava dia e noite, e enquanto examinava o encadeamento dessas palavras: ‘*A justiça de Deus é revelada no Evangelho, como está escrito: o justo viverá da fé*’, comecei a compreender que a justiça de Deus significa, aqui, a justiça que Deus dá, justiça da qual o justo, se tiver fé, vive. (...) Tão logo isso ocorreu, senti-me renascer, e tive a impressão de ter adentrado as portas, abertas, de par em par, do próprio Paraíso (LUTERO *apud* COMBY, 2001, p. 15).

A revolta contra o incentivo à “compra” das indulgências – a remissão das penas correspondentes ao pecado para vivos ou mortos, através da doação de dinheiro para a construção da nova basílica de São Pedro, em Roma – fez com que Lutero fixasse 95 teses contrárias a várias práticas da Igreja tardo-medieval à porta da igreja do castelo de Wittenberg, como era costume dos universitários da época para chamar a atenção do público. Em suma, os textos representam um protesto. Lutero recusa a idéia falsa de segurança das indulgências. Afinal, o cristão não podia comprar a graça dada gratuitamente por Deus. As teses tiveram enorme sucesso na Alemanha e na Europa.

O exemplo de Lutero inspiraria seguidores. Embora a maior parte concordasse com ele acerca da fé e das Escrituras, havia divergências quanto às suas concepções da Eucaristia. Os mais importantes reformistas foram Ultrico Zwinglio e João Calvino. Vigário de Glaris, na Suíça, Zwinglio (1484-1531) instaura o princípio fundamental da Reforma, propondo a

estrita obediência do cristão à Bíblia e refutando influências como as dos teólogos Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino. Promove em Zurique a secularização dos conventos, liturgia em alemão e a destruição das imagens sacras. É duro com os opositores e ordena a morte por afogamento dos anabatistas⁷ que se recusavam batizar os filhos. O radicalismo com o qual pretende ampliar a Reforma enfrenta a resistência de boa parte dos cidadãos suíços. Eclode uma guerra civil e Zwinglio morre em combate à frente da tropa durante cerco a Zurique.

Da segunda geração de reformistas, João Calvino (1509-1564) não criou, mas consolidou a Reforma ao publicar em latim, no ano de 1536, em Basileia, *A Instituição da Religião Cristã*. A obra é traduzida para o francês em 1541 e edições sucessivas e ampliadas fizeram-na a suma teológica do protestantismo reformado, “o mais importante compêndio doutrinário dos cristãos reunidos sob a sigla calvinismo” (DREHER, 1996, p. 94). Para ele, os sacramentos são o sinal exterior da graça de Deus para conosco e a confirmação da nossa fé; o batismo, a remissão dos pecados. Prescrições minuciosas devem regulamentar a vida dos cristãos. Paralelo a isso conclama os cristãos a considerar sua vocação pessoal em todos os atos da vida como uma ordem de Deus. Sendo assim, introduz o puritanismo, combinando normas rígidas de conduta com uma fervorosa devoção ao trabalho.

Ao longo do século 16 uma nova geografia religiosa vai se desenhando por toda a Europa. A cristandade se divide em múltiplas igrejas. A paz está por um fio e um mundo de tolerância ecumênica parece distante.

Por muito tempo, o imperador Carlos V conserva a esperança de refazer a unidade religiosa do Império. Ele considera a possibilidade, sucessivamente e às vezes ao mesmo tempo, da reunião de um concílio geral, de discussões amigáveis e da luta armada.(...) A Dieta de Spira, de 1526, deixara aos

⁷ Enquanto Lutero, Calvino e Zwinglio mantiveram o batismo infantil e a vinculação da igreja ao Estado, os anabatistas ansiavam por uma reforma mais profunda. O sinal mais característico do movimento é que o batismo deveria ser ministrado somente aos adultos. Cora Grebel pode ter sido o fundador. Ele trabalhou ao lado de Zwinglio e rompeu. Os anabatistas fundaram sua primeira igreja no dia 21 de janeiro de 1525, numa localidade próxima a Zurique, na Suíça. Nesse mesmo ano, desencadearam revoltas fanáticas das quais a mais famosa é a dos camponeses cujo líder, Thomas Munzer, foi decapitado. Ver BITTENCOURT, Estevão, 1997.

príncipes a liberdade de reforma em seus domínios. Nesse momento, os príncipes que escolheram a Reforma protestam solenemente, donde decorre o nome de protestantes que, a partir de então, servirá de denominativo geral para os reformadores separados de Roma (COMBY, *op cit.* p. 24).

Os protestantes rechaçavam a idéia de que coubesse a um só homem, no caso, o Papa, guiar os rumos do cristianismo. Cada pessoa deveria, então, fazer sua própria reflexão das sagradas escrituras. Com o passar dos anos surgem diferentes outras doutrinas evangélicas: os batistas, os metodistas e os presbiterianos, designados, aqui, como protestantes históricos.

Ao longo do período colonial, o Brasil se manteve oficialmente afastado do furacão protestante que varria a Europa. A Corte Portuguesa proibia em seus domínios a prática de qualquer religião que não fosse o catolicismo. Houve raras exceções como as invasões dos calvinistas franceses, no Rio de Janeiro, e holandeses, em Pernambuco.

Registros apontam que em janeiro de 1557 foi realizado o primeiro culto evangélico no país, pelos franceses, na cidade do Rio de Janeiro. Portanto, muito tempo depois de 22 de abril de 1500 quando foi rezada por Henrique de Coimbra a primeira missa no Brasil. A Independência trouxe alguma tolerância religiosa ao país. A Constituição de 1824 fazia algumas ressalvas. Não se podia, por exemplo, promover cultos fora dos templos. E os templos não deveriam ter aparência externa que pudesse identificá-los como locais destinados a prática religiosa. Nesse mesmo ano, os alemães fundariam a primeira comunidade luterana no Brasil⁸.

Não custaria muito aportarem as correntes missionárias em terras brasileiras. Aos gritos, pelas ruas, os metodistas pregavam, equilibrando-se sobre caixas de madeira, a salvação das almas⁹. As doutrinas recém-chegadas caíram na graça da elite republicana no início do século 20 com a publicação do clássico *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, de Max Weber. Logo os jornais saíam do prelo estampando artigos que defendiam a importância da presença dos

⁸ O luteranismo chegou ao Brasil em 1824 junto com a imigração alemã e, embora tenha permanecido mais concentrado no sul e sudeste do país por mais de um século, hoje há comunidades luteranas espalhadas em quase todos os estados brasileiros. Ver <http://www.luteranos.com.br>.

⁹ Pedimos licença de imaginar como ocorriam as prelações religiosas dos evangélicos nas ruas no século 19, portanto, antes da popularização do rádio. Ainda em nossos dias, observam-se sermões espontâneos de devotos nas praças públicas das grandes cidades brasileiras.

evangélicos para a modernização do país. Puro equívoco. Os protestantes que porventura vieram prosperar nestas terras não estavam relacionados com as idéias weberianas.

1.2 As ondas pentecostais

O surgimento das duas primeiras igrejas pentecostais foi marcante para definir o caráter heterogêneo das congregações evangélicas brasileiras. Em 1910, o italiano Luigi Francescon inaugura em São Paulo a Congregação Cristã. Um ano depois, os suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg fundam a Assembléia de Deus, em Belém. Apesar da origem européia, a dupla desembarcou no Brasil vindo dos Estados Unidos, onde fazia parte de uma emergente corrente que ganhava corpo fora do protestantismo tradicional, o pentecostalismo. Inicia-se aí o que o sociólogo Paul Freston define como “a primeira onda do pentecostalismo brasileiro” (FRESTON, 1993 p. 66).

A introdução no país do movimento pentecostal desagradou não somente os católicos, mas também os protestantes clássicos. Isso porque os pentecostais proclamavam operar milagres através dos poderes do Espírito Santo¹⁰. O mais valorizado desses poderes era a capacidade de curar os males de saúde. Vem daí as cenas de aleijados largando as muletas e cegos enxergando em meio à adoração fervorosa, de êxtase religioso e coletivo que se observa em nossos dias, nas manifestações das contemporâneas congregações pentecostais. Gritos de louvores passaram a soar nos templos. Comportamento bem dissonante da formalidade e contrição que se vê nos cultos das igrejas evangélicas históricas.

Para participar das congregações pentecostais, o fiel era obrigado a obedecer a normas de conduta ascetas: mulheres não podiam se maquiar, nem cortar o cabelo e tinham de vestir saias abaixo do joelho. Aos homens, terno, gravata e a Bíblia debaixo do braço. Além do

¹⁰ O pentecostes era celebrado cinquenta dias depois da Páscoa judaica. Jesus morreu algumas horas antes da Páscoa e ressuscitou algumas horas depois dela. A Páscoa era celebrada no sábado (que se iniciava, como era tradição no Oriente, ao cair do sol, do dia anterior, sexta-feira, e terminava ao cair do sol do sábado) que se sucedia à primeira lua cheia da primavera do hemisfério norte, isto é, de 21 de março em diante. A palavra pentecostalismo vem de um trecho bíblico que diz que num dia de Pentecostes o Espírito Santo se revelou aos apóstolos e eles realizaram milagres. Ver cap. 2, Atos dos apóstolos.

mais, cabia ao praticante levar uma vida de contrição, fazendo o possível para isolar-se do restante do mundo infestado de pecados.

Até a década de cinqüenta, o modelo sectário e asceta ocupou sozinho o espaço do pentecostalismo brasileiro. A chegada de missionários da Cruzada Nacional de Evangelização, vinculada à Igreja do Evangelho Quadrangular, renovou os ares. De modo que ingressa o pentecostalismo liberal no país. O arejamento do cenário contribuiu para flexibilização das rígidas normas comportamentais a que estavam submetidos os praticantes. E na esteira das mudanças surgem novas formas de proselitismo, inclusive o uso sistemático da mídia e a adoção de hinos com ritmos populares nos cultos. Esses ingredientes iriam potencializar sobremaneira a atração das massas.

Adaptado do modelo criado pelo sociólogo americano David Martin (MARTIN, 1990), Freston classifica o pentecostalismo brasileiro em três ondas:

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã. (1910) e da Assembléia de Deus (1911) (...) A segunda onda pentecostal é a dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962) (...) A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) (FRESTON, 1993, p. 67).

Adotamos a divisão em ondas pelo motivo que consideramos adequado o fracionamento em cortes institucionais para classificar a evolução do pentecostalismo no país. Do mesmo modo, nomeamos as congregações da primeira onda – entre as décadas de 1910 a 1950 – com o surgimento da Congregação Cristã no Brasil (São Paulo, 1910) e da Assembléia de Deus (Belém, 1911) e seu alastramento país afora. Para Mariano, as duas maiores denominações na fase inicial do pentecostalismo abarcaram uma legião de fiéis de baixa renda e pouco tempo de estudo.

Pessoas pobres e de pouca escolaridade, discriminadas por protestantes históricos e perseguidas pela Igreja Católica, ambas caracterizam-se por um ferrenho anticatolicismo, por enfatizar o dom das línguas, a crença na volta

iminente de Cristo e na salvação paradisíaca e pelo comportamento de radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo exterior (MARIANO, 1999, p. 29).

Atualmente, observa-se a participação de fiéis da classe média e de profissionais liberais nessas congregações que subsistem em meio à difícil disputa por espaço no campo religioso brasileiro. Todavia, permanece a maioria dos praticantes inserida nas camadas de baixa renda e pouca escolaridade. É bem verdade que a postura sectária e o ideal ascético ainda prevalecem, mas sofreram alterações, sobretudo na adoção de normas comportamentais. Ambas aboliram, por exemplo, a proibição à mulher de cortar o cabelo. Esse afrouxamento aponta a disposição dessas igrejas em acompanhar as mudanças na esfera pentecostal no país num claro sinal de acomodamento à sociedade pós-moderna. De modo que a anulação dos modelos rígidos de comportamento parece constituir-se a única saída para a sobrevivência das primeiras denominações pentecostais frente ao avanço das neopentecostais. Talvez tenham sido esses os motivos pelos quais a Congregação Cristã e a Assembléia de Deus atenuarem suas exigências doutrinárias.

A segunda onda inicia-se em São Paulo, nos anos cinquenta do século passado¹¹, através do trabalho dos missionários americanos, Harold Willians e Raymond Boatright, líderes da Cruzada Nacional de Evangelização, que viria a ser uma ramificação da Evangelho Quadrangular¹². Eles introduziram no país a evangelização de massa, através da difusão de sua práxis pelo rádio, tendo especialmente na cura divina o seu maior poder de sedução. Esta fórmula atraiu não somente pastores de outras congregações protestante como também milhares de fiéis. A partir da segunda onda do pentecostalismo, ou deuteropentecostalismo, intensifica-se a utilização de métodos empresariais para maior visibilidade pública, ou seja, delineia-se, ainda de

¹¹ As congregações originárias da segunda onda pentecostal mantiveram a mesma essência teológica do pentecostalismo da primeira onda. As diferenças se acham na adoção dos meios de comunicação de massa como rádio e televisão que, de certo modo, representa o corte histórico-institucional entre os 40 anos que separam as duas ondas. Ricardo Mariano classifica as igrejas da segunda onda de deuteropentecostalismo. Para ele, o radical deuteropentecostalismo, por estar presente no título do quinto livro do Pentateuco significando *segunda vez*, justifica a nomeação a essa corrente pentecostal.

¹² A Evangelho Quadrangular, *Church of The Foursquare Gospel*, fundada nos EUA, em 1923, por Aimee Semple McPherson, tem seu nome associado a quatro virtudes divinas de Jesus: Cristo Salvador, Batizado no Espírito Santo, Curador e Rei que voltará. A mensagem “quadrangular”, por sua vez, foi criada pelo pregador norte-americano e líder da *Christian and Missionary Alliance*, A. B. Simpson, em fins do século 19.

modo embrionário, a noção de mercado religioso no Brasil. E o já rachado pentecostalismo nacional se parte ainda mais, conforme observa Mariano:

Causaram escândalo e reações adversas por toda parte. Mas, ao chamarem a atenção da imprensa, que os ridicularizava e os acusava de charlatanismo e curandeirismo, conseguiram pela primeira vez dar visibilidade a este movimento religioso no país. Com o êxito de sua missão, provocaram a fragmentação denominacional do pentecostalismo brasileiro, que, até então, praticamente contava só com Assembléia de Deus e Congregação Cristã. No rastro das campanhas de cura divina da Cruzada surgiram as igrejas Brasil Para Cristo (São Paulo, 1955), Deus é Amor (São Paulo, 1962), Casa da Bênção (Belo Horizonte, 1964) e várias outras de menor porte (MARIANO, 1999, p. 30).

Verifica-se que o evangelismo centrado na mensagem da cura foi crucial para a explosão pentecostal pelo mundo. Ao enfatizar teologicamente este dom, a doutrina angariou multidões e promoveu um crescimento sem precedentes. Contudo, observa-se que à luz da teologia cristã há pouca diferença entre as congregações da primeira e segunda onda pentecostal. Distinções ocorrem na interpretação dada a certas manifestações atribuídas ao Espírito Santo. Enquanto a primeira enfatiza o dom de línguas, – fenômeno conhecido como glossolalia no qual o fiel tomado de êxtase passa a falar em língua estranha –, a segunda prioriza o dom de cura em suas estratégias proselitistas que, aliás, serão reaproveitadas pelas igrejas integrantes da terceira onda do pentecostalismo brasileiro e que fazem parte do movimento neopentecostal¹³.

1.3 O surgimento das igrejas neopentecostais no país

A Igreja Nova Vida – inclusa no rol da segunda onda do pentecostalismo no país – funcionou como uma espécie de tubo de ensaio para a incubação de três importantes igrejas neopentecostais brasileiras que permanecem como grandes representantes da doutrina nesse início de século: a Universal do Reino de Deus, a Internacional da Graça de Deus e a Cristo Vive. Sobre esse assunto, Freston afirma que os seus “líderes, Edir Macedo, R.R. Soares e Miguel

¹³O termo neopentecostal ou neopentecostalismo como referência às novas igrejas pentecostais é aceito por diversos pesquisadores como Pierucci & Prandi (1996), Oro (1996) e Mariano (1995). Definimos o neopentecostalismo como um ramo do pentecostalismo, que tem igrejas autônomas, faz uso dos meios de comunicação para a evangelização das massas e que prega a prosperidade e a cura através do poder sobrenatural da fé. Portanto, o prefixo *neo* nos parece apropriado para designar o movimento dessas novas igrejas, tanto pela formação recente como pelas inovações trazidas à doutrina pentecostal. Afora que a expressão ganhou senso comum sendo largamente empregado na imprensa.

Ângelo, respectivamente, foram membros da Nova Vida, denominação pouco legalista e de membesia da classe média baixa, na qual fizeram estágio” (FRESTON apud MARIANO, 1999, p. 35).

Fundada na década de 60 do século passado pelo missionário canadense Walter Robert McAlister, a Nova Vida ganhou projeção pelas ondas do rádio, através do programa *A Voz de Nova Vida*. Após a morte do fundador, em 1993, a congregação passou por uma crise de mando. O filho McAlister Junior, desprovido do carisma do pai, acabou criando uma nova denominação: a Nova Aliança. Dirigida à classe média – cuja receptividade à mensagem pentecostal é, de certo modo, menor se comparada a influência que produz nas classes subalternas da sociedade –, ambas estagnaram-se frente à forte concorrência de outras denominações que passaram a competir no campo pentecostal brasileiro a exemplo da Evangélica Sara Nossa Terra, Bíblica da Paz e Renascer em Cristo.

A terceira onda pentecostal, o neopentecostalismo, representou uma acentuada mudança na direção da doutrina no Brasil. Além de romper com o legalismo pentecostal, ou seja, o tradicional sectarismo e o ascetismo puritano – características inseparáveis das pentecostais clássicas e que subsistiram nas congregações configuradas na segunda onda – as igrejas neopentecostais se distanciam das correntes que as antecederam por serem radicalmente contra práticas religiosas de origens afro-brasileiras e o espiritismo, possuem líderes fortes (as mais importantes têm o poder concentrado numa única pessoa), uso dos meios de comunicação (consiste na principal estratégia de disseminação do seu proselitismo ideológico para evangelizar as massas), estímulo à expressividade emocional (nos cultos se evidencia claramente o incentivo às manifestações extáticas), a pregação da cura pela fé (as maldições lançadas pelo diabo e seu séqüito de anjos decaídos respondem pelos males mundanos que são extraídos nos cultos de libertação no qual se valem rituais de exorcismo), a utilização do que se convencionou chamar de Teologia da Prosperidade (o reino do céu está à disposição no plano terreno, aqui e agora) e sua organização institucional e administrativa (são estruturadas seguindo o modelo empresarial).

Entre todas as denominações neopentecostais surgidas no país a partir da década de 70 do século passado, sem dúvida a que mais transformou o campo religioso brasileiro devido

o seu crescimento foi a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Ela representa o maior fenômeno do pentecostalismo nacional. Sucesso que se deve em parte à eficiente utilização dos princípios doutrinários da Teologia da Prosperidade¹⁴, os quais a IURD foi a primeira denominação protestante a propagar no país. E assim se tornou um verdadeiro império ainda na década de 80 do século passado, conforme atesta Mariano:

Seu crescimento, sobretudo a partir de meados dos anos 80, quando começa a adquirir as primeiras rádios, tem sido impressionante. O número de templos chega a três mil, o de países atingidos supera cinco dezenas, o de fiéis ultrapassa um milhão. Sua forte inserção na mídia e na política partidária, sua competência administrativa, sua vertiginosa expansão no Brasil e no exterior, bem como sua capacidade de mobilizar miríades de fiéis em diversos Estados não encontra paralelo na história de nenhuma outra grande denominação protestante brasileira. (...) Qualquer um que tivesse visto surgir na sala de uma ex-funerária do bairro da Abolição, subúrbio da zona Norte do Rio, não sustentaria grandes expectativas a seu respeito. Seu destino mais provável, como o de tantos grupos pentecostais cismáticos, seria a obscuridade da periferia ou dos entrincheirados morros e favelas do Rio. No entanto, apesar da remota probabilidade de êxito, a história que foi assaz generosa, milagrosa até. Parte desse sucesso deve ser creditada a seu controverso líder, o bispo Macedo. Venerado por fiéis e subalternos, criticado por adversários religiosos e pastores concorrentes, acusado pela polícia, pela Justiça e pela imprensa de charlatanismo, estelionato, curandeirismo e de enriquecimento às custas da exploração da miséria, ignorância e credulidade alheias, Macedo vai, em parte graças ao Diabo que tanto ataca, interpela e humilha, construindo a passos largos seu império (MARIANO, 1999, p. 53 – 54)¹⁵.

Edir Macedo nasceu em 1945 no Rio de Janeiro. Veio de uma família humilde de migrantes nordestinos. Ao contrário da maioria dos líderes pentecostais, frequentou os bancos universitários. Fez cursos, inconclusos, de matemática e estatística. Frequentou igrejas católicas e até mesmo terreiros de umbanda. Mas, ainda bem jovem, aos 18 anos, converteu-se ao pentecostalismo, e passou os 12 anos seguintes indo aos cultos da Igreja de Nova Vida chamando atenção com o dom de sua oratória lapidada desde os tempos em que evangelizava nos coretos das praças suburbanas da cidade. Em 1975 fundou a própria igreja, a Cruzada do Caminho

¹⁴ Teologia surgida nos Estados Unidos, nos anos 40 do século passado, que encontrou respaldo nos grupos evangélicos carismáticos, sendo reconhecida somente nos anos 70 como movimento doutrinário. Em suma, defende que todo cristão é sócio de Deus e, ao financiar suas obras, recebem as graças de prosperidade financeira, saúde, felicidade e sucesso nos empreendimentos que abraçam.

¹⁵ Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas divulgada em 2 de maio de 2007 mostra que se mantém o crescimento dos evangélicos que passaram de 16,2% para 17,9% dos brasileiros, entre os anos de 2000 a 2003. Desse total, os pentecostais representavam 12,49% e os tradicionais, 5,39%. JORNAL DO COMMERCIO. Recife, 03 de mai. 2007.

Eterno, ao lado de Romildo Ribeiro Soares, Roberto Augusto Lopes e dos irmãos Samuel e Fidélis Coutinho. A experiência que tinha como ex-funcionário da Loteria do Rio de Janeiro fez com que ocupasse a função de tesoureiro. O grupo se desentendeu dois anos depois. Edir Macedo, Romildo Soares, Carlos Rodrigues e Roberto Lopes deixaram a Caminho Eterno e abriram, em 9 de julho de 1977, a Igreja Universal do Reino de Deus. Brandão analisa assim as frequentes cisões nos meios pentecostais:

Se alguma coisa é realmente estável no mundo da religião, essa coisa é a dialética de sua constituição, onde a igreja conquista o sistema e gera a seita que vira Igreja que produz dissidência (BRANDÃO, 1980, p. 113).

Não demorou que o pragmatismo somado a personalidade centralizadora de Edir Macedo causasse mal-estar em meio às demais lideranças da IURD que tinha no cunhado de Macedo, o missionário Romildo Soares, seu principal orador¹⁶. Paulatinamente o controle da denominação passou para as mãos de Macedo até que, no final da década de setenta do século passado, os dois concordaram em se submeter a uma votação entre os integrantes da IURD para ver qual deles ficaria no comando. Macedo venceu. Derrotado no pleito, Soares recebeu uma indenização compensatória e largou a IURD para fundar, em 1980, a Igreja Internacional da Graça de Deus seguindo as mesmas diretrizes da sua ex-congregação.

No lugar de Romildo Soares vieram outros pastores que por méritos próprios ocuparam espaço e ascenderam na hierarquia da IURD. Entre eles, um mulato rechonchudo, alegre e eloqüente se destaca pelo carisma, inteligência, e o poder de entusiasmar o público ao pregar os preceitos da Teologia da Prosperidade – doutrina que consiste na essência da retórica neopentecostal e se resume na promessa de melhoria da qualidade de vida por meio da oração, dos ritos de libertação, do pagamento das ofertas e do dízimo e, sobretudo, pela fé. A abnegação ao trabalho evangélico fez de Valdemiro Santiago um dos principais bispos da IURD¹⁷. Sua trajetória se assemelha a de Romildo Soares. A diferença foi como se deu a saída dele. Enquanto o hoje missionário de sucesso R. R. Soares deixou a IURD de forma negociável e com uma

¹⁶ Entrevista dada por Roberto Augusto Lopes ao Jornal da Tarde, em São Paulo, na edição de 09.04.1991. Este fato foi várias vezes mencionado pelo o líder da Igreja Internacional da Graça de Deus no seu programa de televisão transmitido em rede nacional.

¹⁷ Valdemiro Santiago foi obreiro, pastor, bispo e participou do seletor grupo da IURD, sendo inclusive enviado pelo bispo Macedo como missionário para fundar igrejas no continente africano.

quantia de dinheiro, Santiago saiu atirando. Ao referir-se a sua ex-congregação disse: “virou um misto de centro de macumba e igreja católica”¹⁸. Essa reação colérica se deveu aos motivos alegados pela IURD: a expulsão ocorreu ao se tornar público um caso extraconjugal do bispo. Santiago nega o fato e alega ter saído por conta própria, após desentender-se com o bispo Macedo¹⁹.

1.4 A Igreja Mundial do Poder de Deus

A Igreja Mundial do Poder de Deus, IMPD, surgiu em 9 de março de 1998, na cidade de Sorocaba, interior do Estado de São Paulo. O seu fundador, Valdemiro Santiago de Oliveira, é pregador evangélico há mais de trinta anos²⁰, e afirma ter sido formado por uma desconhecida Ordem dos Teólogos Evangélicos da América Latina²¹. Ele assegura que recebeu a missão de fundar seu ministério diretamente de Deus, numa certa madrugada, no alto de um monte.

No papel de anjo decaído da corte da IURD, Santiago não esconde sua dissidência e repulsa aos métodos de angariar fiéis adotados pela sua ex-congregação²². Ao contrário, os pastores da igreja parecem ser orientados a criticar nos cultos a práxis da IURD, sem citá-la nominalmente, mais até que representantes de quaisquer outras doutrinas, como as religiões afro-brasileiras. A umbanda – que sempre foi alvo de críticas pelos pentecostais e neopentecostais, sobretudo na IURD e Igreja Internacional da Graça de Deus – fica totalmente a margem dos ataques da denominação liderada pelo apóstolo Valdemiro Santiago²³.

¹⁸ Tribuna da Imprensa online. Rio de Janeiro, 09 de mar. 2006. Disponível na Internet. www.tribuna.inf.br/antigos/2006. Acesso em: 3 de jun. 2008.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ Não encontramos registro na internet e nem em sites oficiais das igrejas protestantes sobre a Ordem dos Teólogos Evangélicos da América Latina.

²² Santiago se refere a IURD como “o outro ministério”. Ele procura evitar ser entrevistado sobre o assunto, especialmente por jornalistas e pesquisadores. Ricardo Bitun, autor da tese *Igreja Mundial do Poder de Deus: Rupturas e Continuidades no Campo Religioso Neopentecostal* não conseguiu ter uma audiência com o missionário. Ver Bitun, 2007.

²³ A denominação de apóstolo ao líder da IMPD é assim descrito na edição n. 1 da *Revista Mundial Sem Limites*, abr. 2007: “No dia 23 de dezembro de 2006, o apóstolo Valdemiro e a sua esposa Bispa Franciléia, receberam uma unção dobrada, passando de bispo a apóstolo, e ela, de pastora à bispa”.

A primeira reunião contou apenas com 16 pessoas. Segundo a primeira edição da revista da IMPD, *Mundial Sem Limites*, os milagres foram logo ocorrendo. “Uma mulher que não tinha rins e um menino que não tinha órgãos genitais foram completamente restaurados pelo poder de Deus”, testemunha o pastor Washington Alder Alves de Oliveira²⁴.

O apóstolo ocupa o topo da escala hierárquica da IMPD. Josivaldo Batista foi o primeiro bispo, após Santiago, consagrado na igreja, em 2 de novembro de 2005, e é reconhecido como a segunda autoridade da organização. É intitulado como “Bispo do Brasil” por substituir e representar o apóstolo em grandes celebrações. Assim, ele descreve como se deu o seu ingresso, as dificuldades enfrentadas na formação do ministério que ajudou a construir e o respeito que tem pelo fundador:

Quando entrei na IMPD, vi a oportunidade de pregar um Evangelho vivo e sincero. Entrei na igreja como obreiro, apesar de já ter feito a obra de Deus em outra denominação. Fiquei uns 20 dias como obreiro e depois passei a fazer a obra como pastor, assumindo a minha primeira igreja em Maranguape II, um bairro da cidade de Paulista, Pernambuco. (...) Minhas grandes lutas eram as dificuldades para alugar salões para a igreja, para locar casas e apartamentos que servissem de moradia para os pastores. Também enfrentamos perseguições de outras igrejas, que tentavam nos impedir de continuar. Certa vez encontramos uma rádio ou televisão, eles iam na mesma mídia e pagavam três, quatro vezes mais o que pagávamos, isso quando não fechavam as rádios. Passamos por muitas dificuldades financeiras para saldar compromissos, porém a alimentação nunca faltou. (...) O Apóstolo, eu o considero como meu próprio pai (REVISTA MUNDIAL SEM LIMITE, 2007, p. 8).

Para atingir o bispado na IMPD o postulante escala níveis hierárquicos. Começa como membro. Frequentando os cultos com assiduidade e demonstrando interesse é convidado a ser “candidato a obreiro”. Depois promovido a “obreiro”, quando passa a participar de reuniões e auxiliar nos cultos. Dependendo da dedicação que tem à igreja e após um tempo indeterminado – que pode levar alguns meses a anos –, o integrante é alçado à função de pastor. Os bispos ocupam a direção do grupo de pastores nas sedes regionais. Nas estaduais, àquelas onde ainda não se

²⁴ **Revista mundial sem limites**, Ano I, n. 1, abri. 2007. São Paulo, p. 8.

instalou uma sede²⁵, ou seja, um amplo templo com capacidade para abrigar um contingente de mais de mil pessoas, os pastores estão à frente.

Outros bispos influentes são Edson Canavarro, que atua na sede do Rio de Janeiro e Vanderley Santiago, irmão do apóstolo e que foi o primeiro pastor da Igreja. A esposa de Santiago, a bispa Franciléia acompanha os trabalhos e dá assistência ao marido. O partícipe José Olímpio é uma figura em ascensão na igreja que o ajudou a eleger-se para a Câmara Municipal de São Paulo, com 28.921 votos, de acordo com a edição 42 do jornal da IMPD, *Fé Mundial*.

O poder sobrenatural da cura representa um dos pilares doutrinários das igrejas neopentecostais e que é atribuído ao Espírito Santo, de modo semelhante ao pentecostalismo. Todavia, a psicologia tem outra leitura que acentua uma dinâmica própria na vertente mais recente do protestantismo.

No pentecostalismo clássico, o Espírito Santo é primordialmente, a fonte de poder místico para testemunho e pregação do evangelho, operada antes que venha o desejado fim dos tempos. Já no neopentecostalismo, o Espírito Santo é o curador das feridas emocionais, que gera saúde e o bem-estar para uma vida feliz em meio a uma sociedade, que busca resfolegantemente a cura integral (...) A psicologização da cura, revelada no encontro-êxtase neopentecostal, anuncia o *espírito neopentecostal* como um grande paradigma psico-hermenêutico de interpretação do binômio saúde-doença, cujos pressupostos afastam-se da razão escatológica, assumindo os pressupostos do hedonismo pós-moderno de uma sociedade de consumo (OLIVEIRA; PIRES, 2005, p. 99).

A promessa de cura para todos os males não se resume apenas no plano das enfermidades e ameaças à saúde. Engloba também o universo material. A Teologia da Prosperidade – crença que surgiu com o enfraquecimento do movimento *healing revivals*, no final dos anos 40 do século passado, nos EUA, e que, segundo Robert Mapes Anderson, consiste na vontade de Deus que todos os crentes sejam ricos e, como generosos participantes da obra divina, seriam abençoados com dinheiro, saúde e felicidade (Cf. ANDERSON, 1987, p. 232) –, por exemplo, é uma característica restaurada pela doutrina neopentecostal, através da

²⁵ Uma sede é instalada de acordo com o progresso da igreja no estado, ou seja, quando a demanda de fiéis se intensifica e há templos sendo instalados nas cidades do interior.

disponibilidade de um inesgotável repertório de bens simbólicos ofertados aos fiéis como meios de adquirir as bênçãos.

A Igreja Mundial do Poder de Deus segue as mesmas regras. No início de 1998, em suas primeiras investidas evangelizadoras, os pastores proclamavam o povo a lavar as mãos numa bacia de leite. Atos desta natureza e outros com o uso de retalhos de tecido e pães, carregados de elementos simbólicos, reforçam o proselitismo fundamentalista da IMPD que extrai trechos da Bíblia como argumentação para legitimar o conteúdo discursivo de suas prelações, abrindo caminho, por meio da sugestão, ao uso de técnicas persuasivas para o recrutamento de fiéis.

Pierucci afirma que o termo “fundamentalista” é uma profissão de fé que se respalda na absoluta obediência à Bíblia:

A profissão de fé fundamentalista, que emerge numa declaração da igreja presbiteriana em 1910, continha *cinco pontos fundamentais*: a veracidade absoluta da Bíblia; o nascimento virginal de Jesus; a ressurreição física de Jesus; a autenticidade de seus milagres, prova de sua divindade; a expiação dos pecados pelo sacrifício de Cristo tornando desnecessária a expiação pelas obras. Esses *fundamentals of faith* [itens fundamentais da fé] foram explicados e divulgados em doze livrinhos de teologia, escritos entre 1910 e 1915, só que sem a designação de fundamentalismo, pois tal nome ainda não fora inventado. Quando o reverendo Curtis Lee Laws, editor do jornal batista *Watchman Examiner*, inventou o termo *fundamentalism* em 1920, o nome foi honrosamente incorporado por seus colegas batistas e presbiterianos como algo que traduzia bem o empenho deles de irem à luta "pelos fundamentos da fé" contra o protestantismo liberal. Seu objetivo básico era defender o princípio da *plena* inspiração divina da Bíblia. Para os fundamentalistas, a Bíblia foi *totalmente* inspirada por Deus, tintim por tintim, em todas as particularidades e minudências. Por isso a Bíblia não erra, não pode errar: esta é a doutrina da "inerrância bíblica", noutras palavras, da infalibilidade da *letra* das Escrituras, da autoridade inquestionável daquilo que *está escrito* na Bíblia, e do modo como está escrito (PIERUCCI, 2004).

Outras campanhas se seguiram e o número de convertidos aumentou na mesma proporção em que igrejas foram sendo inauguradas, a segunda no Recife, seguindo-se outras cidades do interior de São Paulo e capitais como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Belém e Porto Alegre. Em novembro de 2008, a congregação liderada pelo apóstolo Santiago somava 586

templos espalhados em 26 estados do país e mais cinco no exterior, distribuídos nos continentes da Europa, América do Sul e África²⁶.

Seguindo a cartilha das congregações neopentecostais, ritos como a lavagem de mãos numa bacia de leite ou o copo de água bebido pelo pastor defronte a câmera de tv, a oferta de saquitéis e mesmo uma tira de pano apresentado como lenço sagrado com poderes sobrenaturais, consistem em representações do plano simbólico que endossam a retórica da cura e de prosperidade pela fé apregoada na IMPD. Pois é “do sagrado, com efeito, que o crente espera todo o socorro e todo o êxito” (CALLOIS, 1998, p. 22). Os testemunhos dados por pessoas que acreditam terem sido alcançada por uma graça miraculosa são veiculados pela televisão, e servem para validar os apelos das ofertas e contribuições que o apóstolo e os bispos da IMPD exortam como sendo “obra de Deus”. Para arrecadar dinheiro também são distribuídos carnês com valores variados para ser pago em parcelas mensais para a cobertura dos custos de aluguel, manutenção das igrejas e do tempo comprado nas emissoras de tv para exibir o programa *O poder sobrenatural da fé*. “Sendo a religião uma coisa humana, é também, de fato, uma coisa social, lingüística e econômica” (ELIADE, 2002, p. 1).

Em contrapartida, agindo como interventor de Jesus Cristo, o apóstolo garante a retribuição divina, partindo diretamente de Deus, para o êxito nas atividades profissionais, como mostra matéria publicada na revista do seu ministério:

Ele participará dos seus negócios, da sua família, da sua vida e de tudo que você empreender (...). Se você, por exemplo, é um médico e estiver realizando uma cirurgia, Ele estará ajudando-lhe a operar com sucesso. Se você é um vendedor, Ele estará com as mãos estendidas ajudando-lhe a vender, a prosperar como você nunca imaginou. Se você é um advogado, Ele estará com as mãos d’Ele sobre os seus processos, desvendando-os e desembaraçando casos que você jamais imaginaria resolver, dando-lhes por perdido e tomando prejuízo²⁷.

²⁶ As igrejas da IMPDF estão assim distribuídas nos estados: Acre, 1; Alagoas, 1; Amapá, 4; Amazonas, 22; Bahia, 29; Ceará, 11; Distrito Federal, 3; Espírito Santo, 11; Goiás, 12; Maranhão, 9; Mato Grosso, 14; Mato Grosso do Sul, 1; Minas Gerais, 64; Pará, 6; Paraíba, 8; Pernambuco, 24; Piauí, 3; Rio de Janeiro, 72; Rio Grande do Norte, 5; Rio Grande do Sul, 17; Rondônia, 13; Roraima, 1; Santa Catarina, 13, São Paulo, 224; Sergipe, 8; Tocantins, 10. No exterior: Moçambique, Lisboa, Argentina, Uruguai e Colômbia. Fonte: site www.impd.com.br. Acesso em 6 de nov. de 2008, e Fé Mundial, edição n. 42, out. de 2008, p. 19.

²⁷ **Revista mundial sem limites**, Ano I, n.1, abri. 2007. São Paulo, p 39.

E o discurso prossegue numa fala de gramática acidentada, evocando trechos bíblicos, porém de maneira evasiva, repleta de imperativos e outros elementos léxicos bastantes utilizados na técnica de persuasão da propaganda e do marketing, que iremos analisar com mais profundidade adiante:

Ele abençoará e fará dar frutos a todo o empreendimento da tua mão. Ele te colocará por cabeça e te dará abundância de bens no fruto do teu ventre, como está escrito em Deuteronômio 28. Ele estará contigo em todos os momentos, sempre olhando e cuidando de você como se fosse uma criança (...) As coisas de Deus são sempre boas, cristalinas e maravilhosas. São palavras firmes, de vida e de amor. (...) Em II-Corintios 9:6, está escrito que o que semeia pouco, pouco ceifará, e o que semeia com fartura, com fartura também ceifará²⁸.

E usando como referência trechos bíblicos para ratificar sua intenção, num discurso de cunho fundamentalista, na interpretação literal das Escrituras atribui o pedido não a ele, mas à construção de “uma obra de Deus”. Por fim, vai direto ao ponto:

E é por essas palavras escritas e testificadas que eu convido-lhe a participar deste propósito de prosperidade, ajudando a patrocinar esta obra. Ao ser escolhido para ajudar a manter a obra de Deus, o seu nome será escrito no nosso livro e levado para o Monte para orarmos em seu favor (...) Confie, creia e participe, porque a sua vida será como uma árvore adubada, regada, e cada vez mais frutífera. Ligue agora na Central de Atendimento e faça parte deste propósito, ajudando a patrocinar esta obra²⁹.

Após três meses de inaugurada, de acordo com matéria da *Revista Mundial sem Limites*³⁰, a igreja passou a ocupar um salão quatro vezes maior. Poucos meses depois, o líder da IMPD decidiu abrir templos no Nordeste inaugurando o primeiro da região no Recife. Na capital de Pernambuco, segundo testemunho de pastores e obreiros, a congregação sofreria muitas perseguições. Perseguições que não são esclarecidas de onde partiam, apenas sugerem que supostamente tenham vindo das rivais, a IURD e a Igreja Internacional da Graça de Deus³¹, seguido dos setores mais convencionais do catolicismo. A intolerância que vitima a IMPD recebe

²⁸ *Ibidem*, p. 39.

²⁹ *Ibidem*, p. 39.

³⁰ **Revista mundial sem limites**, Ano I, n. 1, abri. 2007. São Paulo, p. 5.

³¹ O apóstolo Valdemiro Santiago disse no ar que o seu programa de tv, exibido das 5 às 8 horas da manhã pela emissora CNT, estava saindo do ar por perseguição a seu ministério para ser ocupado por outra igreja. De fato, no dia seguinte, a congregação liderada pelo bispo R.R. Soares ocupou o mesmo horário que era da IMPD. A direção do canal de televisão divulgou nota que o contrato comercial com a IMPD tinha sido encerrado. Programa *O poder sobrenatural da fé*. CNT. Exibido em: 28 fev. 2008.

ampla divulgação, como o que ocorreu numa grande concentração no estádio do Palmeiras, São Paulo, pelo nono aniversário da denominação:

Mas, em todo o país, as perseguições contra a Igreja Mundial também não param. Inclusive, a Mundial só conseguiu realizar a Concentração de Fé no Palmeiras sob uma liminar concedida por um juiz. Os que perseguem a obra de Deus tentaram embargar o estádio, mas o juiz entendeu que o culto poderia acontecer normalmente, como de fato aconteceu, com centenas de pessoas curadas...³²

Apesar das perseguições que diz sofrer, o “novo ministério que começava a revolucionar o país”³³ ou “a última porta”³⁴, como os pastores da igreja induzem os seguidores a chamá-la, prosperou e hoje afirma de modo apologético possuir a maior Igreja da América Latina, o “Ministério dos Milagres”³⁵, com 42 mil metros quadrados de área, no centro da cidade de São Paulo, que vem a ser a sede nacional da IMPD. No interior do templo, cenário principal dos programas televisivos da IMPD, atribui-se à ocorrência de manifestações sobrenaturais: paráliticos andam, cegos voltam a enxergar, não faltam depoimentos de fiéis sobre a cura de doenças graves, como o câncer, aids e, até mesmo, casos de ressurreição³⁶. Os testemunhos e manifestações de êxtase religioso são gravados e editados para exibição na tv e se constituem no conteúdo principal do *O poder sobrenatural da fé*, que gira em torno da figura central do fundador. Mais adiante vamos analisar os elementos persuasivos que justificam a influência produzida por essas imagens junto aos telespectadores.

É importante dizer que nos foge querer provar ou desmentir o poder sobrenatural que o apóstolo Santiago afirma deter no seu ministério. O que nos interessa é clarear, sob o viés de uma hermenêutica, o fenômeno religioso representado pela IMPD no campo religioso brasileiro. Para esse fim, as disciplinas que compõem as Ciências da Religião, a partir de

³² **Revista mundial sem limites**, Ano I, n. 1, abri. 2007. São Paulo, p. 12.

³³ *Ibidem*. p. 11.

³⁴ *Ibidem*. p. 19.

³⁵ *Ibidem*, p. 19.

³⁶ Para fins da pesquisa, nas 14 horas de programação gravadas, nos dias 18, 19, 20 e 21 de março de 2008, durante as comemorações de dez anos da IMPD, foram dados ao apóstolo 42 depoimentos de supostos milagres e curas. Os relatos dos depoentes, que se disseram curados ou tiveram a vida transformada, estão assim distribuídos: câncer, cinco; cegueira, três; mudez, um; cura da aids, um; acidentados com lesões graves e perda de massa cefálica, dois; acidente vascular cerebral, dois; paralisia nas pernas: quatro; epilepsia, um; reumatismo, um; dores no corpo, oito; ressurreição, dois, e mais outros relatos de toda ordem, como vítimas de assalto e seqüestro, pagamento de dívidas, ações judiciais resolvidas, ascensão social, etc.

reflexões teóricas no âmbito da sociologia, psicologia e comunicação servem de fochos para clarear o entendimento sobre os motivos da expansão de uma denominação neopentecostal num país laico com extensão continental, inter-racial e que se insurge como a maior força econômica da América do Sul nestes tempos que se instala com a nomenclatura de pós-moderno. A investigação em diversas culturas, e em diferentes períodos da história, apresenta as religiões como modos de vida fundamentalmente práticos e normativos. “Rituais e práticas religiosas vinculam os indivíduos em comunidades onde a memória, os pressupostos e as estratégias de vida são compartilhados” (BARBOUR, 2004, p. 36). Para Durkheim, esses aspectos identificam um grupo integrado:

As crenças são sempre comuns à coletividade, que declara aderir a elas e praticar os ritos que lhes são solidários. Tais crenças não são apenas admitidas, a título individual, por todos os membros dessa coletividade, mas são próprias do grupo e fazem sua unidade. Os indivíduos que compõem essa coletividade sentem-se ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum (...) é isso a que chamamos uma igreja. Ora, não encontramos, na história, religião sem igreja (DURKHEIM, 2003, p. 28).

Como se estruturaram as comunidades religiosas que tiveram como instrumento maior de divulgação de sua práxis a televisão, levando em parte questões relacionadas com a pós-modernidade e os suportes ideológicos que sustentam o discurso neopentecostal e o impacto que produz sobre as massas de telespectadores, é o que iremos analisar a seguir.

2. EVANGELISMO NA TV, PÓS-MODERNIDADE E IDEOLOGIA

Neste capítulo vamos tematizar as mediações da religião com vista a situar a atuação dos neopentecostais na televisão e refletir sobre as influências e ambigüidades da pós-modernidade que municiam o indivíduo com novos sentidos. Sentidos que propõem atender não somente sua subjetividade, mas as necessidades mais mundanas constituídas de problemas de ordem particular presentes, sobretudo, nas camadas mais pobres da sociedade brasileira na qual se observa a inadequação do aparelho do estado na assistência à saúde e educação³⁷. Esses aspectos são um convite à adoção de um proselitismo bastante peculiar por parte das igrejas neopentecostais na disputa pelo mercado da fé no país³⁸.

As marcas que ainda permanecem nas paredes rochosas de grutas nos mais remotos cantos do mundo nos dão uma idéia da necessidade de comunicar que acompanha o homem desde quando habitava as cavernas. Há nesses vestígios – alguns com mais de 30 mil anos – traços que aparentam manifestações religiosas. Assim sendo, deduz-se fazer parte da natureza humana o desejo de exprimir necessidades espirituais. As manifestações religiosas atravessam o curso da história e se espalham desde o ribombar africano dos tambores até a comunicação interativa das novas tecnologias.

Há cinco mil anos, os sumérios registravam suas crenças em escritos cuneiformes gravados sobre placas de argila. Tempos depois, o pergaminho serviu aos judeus para compilar os textos que conhecemos hoje como Antigo Testamento. O código religioso, moral e político dos muçulmanos, o Alcorão, também passou por semelhante processo. Na Idade Média, os beneditinos reproduziram cópias manuscritas da Bíblia costuradas em couro. Em 1454, o alemão

³⁷ Sociedades com maior cobertura do poder público também se submetem a igrejas de apelo popular. Isso se justifica pelo êxito do televangelismo em países ricos, como os Estados Unidos. No Brasil, pessoas de classe-média freqüentam os templos da IURD e da Internacional da Graça de Deus. Suspeitamos que, no momento, a IMPD concentre esforço maior na agregação de fiéis de baixo padrão socioeconômico, haja vista que do total de 72 fiéis – entre testemunhas e acompanhantes –, que participaram nos cultos transmitidos pela tv, nos programas analisados nesta pesquisa, 54 eram pessoas cuja apresentação e modo de se expressar sugerem – através do aspecto físico, aparência e vocabulário empregado –, pertencer a uma camada de pouca renda e escolaridade.

³⁸ A idéia de que a espiritualidade neopentecostal no país se apresenta como um movimento de acomodação, em relação aos valores de uma sociedade de consumo, tem sido defendida nos estudos de sociologia da religião. Ver CAMPOS, 1997.

Johann Gutenberg (1400 – 1468) adaptou o prelo e promoveu um formidável avanço na disseminação de conhecimento ao aperfeiçoar o processo de impressão com tipos móveis. Devido à importância da religião na vida do homem, não é de se estranhar que o primeiro livro impresso no Ocidente tenha sido, justamente, o livro considerado sagrado pela cultura de matriz judaico-cristã, a Bíblia.

Na segunda metade do século 19, a fiação do telégrafo corre paralela à trilha das ferrovias que cravaram de leste a oeste o território americano. Marconi inventa o rádio. No início do século passado, as pesquisas de alta tecnologia dos meios eletrônicos começam a apresentar resultados. Com a invenção do tubo catódico nos anos 20, abre-se caminho para a transmissão de imagens. Em 1939, entre Chicago e Nova Iorque, nos Estados Unidos, ocorrem experiências pioneiras. No pós-guerra, a tv supera o rádio, coloniza o lazer e ocupa o centro do sistema de cultura e comunicação, tornando-se o meio mais eficaz para influenciar a sociedade de consumo que então surgia na ascendente classe média americana, servindo para conformar as massas à lógica do sistema capitalista³⁹. Surge o conceito de *mass mídia*.

Nos anos 40, missas católicas e cultos evangélicos passam a ser transmitidos na tv. Na década seguinte, evangelistas de expressão como Billy Graham, Oral Roberts e Jerry Falwell adotam o meio como preferido na propagação de crenças religiosas nos EUA (Cf. ASSMANN, 1986).

A televisão ingressa no Brasil em 1950. Na noite de 18 de setembro vai ao ar a Emissora Tupi, canal 3, em São Paulo. Chega, pela iniciativa de Assis Chateaubriand, uma nova era das comunicações. Não havia ainda videotape e a transmissão era ao vivo. A Igreja Católica não demorou a perceber o poder difusor da nova tecnologia que surgia no país. Num domingo de Ramos, de 30 de março de 1958, o arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Helder Câmara, promoveu uma solenidade paralitúrgica, intitulada “Tarde Sagrada”, que reuniu no estádio

³⁹ Aceitamos a idéia de Adorno de que a indústria cultural age sobre o indivíduo a fim de fazer dele também um produto, mas discordamos da passividade do indivíduo como mero receptor da mensagem. O indivíduo também produz na sua relação com a mídia. A interatividade da Internet e o marketing de resposta direta são exemplos da reação do receptor capaz de influir na mensagem. Por sua vez, concordamos com Luhmann quando diz que os resultados da recepção da mensagem não são precisos, ou seja, podem alcançar os objetivos pretendidos como também outros contrários e inesperados. Ver CANCLINI, 1999.

Maracanã uma multidão de 150 mil pessoas. O evento foi transmitido ao vivo pela TV Tupi. É significativa a descrição feita 50 anos por um dos maiores intelectuais leigos católicos do século 20.

“Bastou para isso”, escreveu Alceu Amoroso Lima em *O Cruzeiro* “que a palavra de um homem de Deus se erguesse. E de todos os recantos da cidade, nessa tarde de Domingos de Ramos, acudiram levas, levas e levas de homens, mulheres e crianças, de todas as condições sociais, vencendo distâncias, desafiando o calor, carregando palmas para levantar hosanas a um Pobre de Deus montado num burrico...”. Para conseguir tal efeito dom Helder “pôs em funcionamento a maior potencia publicitária do país a difundir a sua Tarde Sagrada”, a rede de emissoras de rádio, jornais, revistas e a TV Tupi, de propriedade de Assis Chateaubriand, o que permitiu que outra quantidade ainda maior de pessoas acompanhasse o evento sem sair de casa. (*apud* PRAXEDES & PILETTI, 2008, p. 222).

Apesar da rápida industrialização que o país experimentava – no período que ficaria conhecido como a era JK, alusão ao presidente Juscelino Kubitschek, que modernizou a indústria nacional – havia poucos televisores. Somente as classes altas podiam comprar um. Nos anos 60, a instalação de fábricas no sudeste brasileiro reduziu o preço. A audiência aumentou e os programas de auditório – com ídolos populares oriundos das rádios e os reclames de garotas de maiô – marcaram a época.

A televisão em cores surgiu no país, em 1974, por decreto do presidente Médici⁴⁰. A nova tecnologia conquistou rapidamente os lares da classe média brasileira. Pela excelência da qualidade na sua teledramaturgia e dos programas de variedades e humor, a Rede Globo atingiu a liderança de audiência em todo país. A partir do fim do regime militar e o retorno do estado democrático em 1985, as novas técnicas na tecnologia de transmissão de imagens simultâneas fizeram com que o jornalismo televisivo ganhasse a audiência dos telespectadores brasileiros

⁴⁰ Terceiro presidente do regime militar, o general Emílio Garrastazu Médici, que governou o país de 1969 a 1974, era um notório torcedor do Grêmio tendo sido muitas vezes flagrado pelas câmeras dos fotógrafos com o rádio colado no ouvido sentado na tribuna de honra dos estádios. Relatos da crônica esportiva da época aludem que Médici teria acelerado o ingresso da televisão em cores no país de modo a que os brasileiros pudessem assistir a Copa de 1974 no novo formato, ainda sob a enorme euforia popular pela conquista do Tricampeonato mundial de futebol pela seleção nacional em 1970.

ocupando um tempo maior nas emissoras⁴¹. A partir daí, a manipulação política descobriu o poder da imagem – e os meios de subvertê-la. Ainda são nebulosos os acontecimentos que envolveram um debate transmitido ao vivo pela TV Globo, entre os candidatos a presidência da República Fernando Collor e Luiz Inácio da Silva, às vésperas da eleição. Analistas apontaram a preferência de setores da mídia pela candidatura Collor como um fator determinante no resultado do pleito.

Tal episódio em nossa história recente corrobora a tese de que a evocação imagética dos personagens televisivos pode induzir a uma interpretação equivocada da realidade⁴². Isso se dá porque o que se exhibe na tv passa pelo filtro da edição, ou seja, aquilo que é levado ao ar é previamente selecionado por um indivíduo carregado de subjetividade própria e obediente a regras da corporação a que pertence⁴³. Parece suficiente para por em xeque os paradigmas da objetividade e imparcialidade do jornalismo. Sobre esse aspecto, Charaudeau nos diz:

O universo da informação midiática é efetivamente um universo construído. Não é, como se diz às vezes, o reflexo do que acontece no espaço público, mas sim o resultado de uma construção. O acontecimento não é jamais transmitido em seu estado bruto, pois, antes de ser transmitido, ele se torna objeto de racionalizações: pelo critério de seleção dos fatos e dos atores, pela maneira de encerrá-los em categorias de entendimento, pelos modos de visibilidade escolhidos. Assim, a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo. Nela, a instância de recepção encontrará pontos de referência, e desse encontro emergirá o espaço público (CHARAUDEAU, 2006, p. 151).

⁴¹ Programas jornalísticos como *É Tudo Verdade*, da extinta TV Manchete, e *Aqui e Agora*, do SBT apresentavam altos pontos de audiência nas aferições do Ibope no final dos anos setenta e meados da década de oitenta do século passado.

⁴² Não se afirma aqui que os diversos públicos não se dêem conta do fomento manipulador que estão por trás de determinadas notícias disseminadas pelos veículos de comunicação. Estudos culturais britânicos realizados em meio ao escândalo sexual de Bill Clinton, no final dos anos noventa, afirmaram que o motivo pelo qual o presidente dos EUA ter sobrevivido ao impeachment orquestrado pelos republicanos se deu porque a audiência não se deixou influenciar pela mídia e condenou, talvez por um certo respeito ao presidente, a exposição demasiada em rede nacional de sua vida privada. Ver MORAES, 2006.

⁴³ É o que as corporações midiáticas denominam de *agenda setting*, no qual se elege, na véspera, os fatos que serão noticiados no dia.

A última década do século 20 representou um divisor de águas das comunicações na América Latina. O desenvolvimento das novas tecnologias de informação – em especial a popularização dos celulares e da internet – promoveu uma transformação enorme no cotidiano das pessoas. No Brasil, o mercado de nichos se consolida com o surgimento da tv por assinatura, transmitida a cabo e por satélite. A programação passa a ser simultânea e os canais são padronizados visando à obtenção da audiência de públicos específicos. Assim, a ênfase recai nas categorias de filmes, esportes, programas de variedades e jornalismo que são transmitidos ininterruptamente.

Com seu inquestionável poder de indução sobre o comportamento humano e diante as contradições intoleráveis pelo abuso na exibição de programas tipo “apelativo” e de culto a celebridades, o Brasil ingressa no século 21 às voltas com o fenômeno da sociedade do espetáculo⁴⁴, que nos reporta diretamente a questões ligadas à qualidade da programação, que se deteriora e pior, avilta o espírito humano. Caso contrário, como fica a abstração de uma criança e que contribuição oferece à sua formação ver na tv um cadáver com os miolos expostos enquanto almoça? Com raras exceções, a guerra pela audiência que se instalou entre as concessionárias de canais no país vulgariza a violência, corrompe a sexualidade e elege a mediocridade como padrão de lazer. Diante a obstinada guerra pela preferência do telespectador – cada ponto de audiência representa 80 mil televisores sintonizados num determinado horário – as emissoras comerciais pouco tempo concedem a instâncias edificadoras do homem como a educação e a arte.

2.1 O evangelismo vai ao ar e invade os lares brasileiros

Segundo Oro, a Igreja Adventista do Sétimo Dia foi pioneira no país no uso da mídia para a pregação religiosa. Em 1940, o Sistema Adventista de Comunicação leva ao ar o programa radiofônico *A Voz da Profecia*. No pentecostalismo a Assembléia de Deus foi a primeira a investir no rádio, seguida pela Igreja do Evangelho Quadrangular, *O Brasil para Cristo e Deus é Amor* (ORO, 1993, p. 304 – 334). O rádio teve um papel fundamental a ponto de

⁴⁴ O conceito de sociedade do espetáculo, desenvolvido pelo francês Guy Debord, em 1960, influenciou diversas teorias contemporâneas sobre sociedade e cultura. Ele descreve uma mídia organizada em torno da produção e consumo de imagens, produtos e eventos culturais. Nessa concepção, o espetáculo incorpora os valores básicos da sociedade e pode inspirar estilos de vida nos indivíduos de acordo com os interesses de megacorporações.

algumas denominações evangélicas internacionais se instalarem no país através da difusão de seus programas radiofônicos. A exemplo do missionário canadense Robert McAlister. No final da década de cinquenta ele comandou um programa muito popular, *A voz da Nova Vida*, que originou a Igreja Nova Vida, em 1960, que viria a ser um dos berçários do neopentecostalismo brasileiro.

Nos anos sessenta, o Sistema Adventista de Comunicação estréia o evangelismo via tv com um programa transmitido inicialmente em São Paulo, e logo após, no Rio de Janeiro. A Igreja Nova Vida leva ao ar pela TV Tupi do Rio de Janeiro o primeiro programa pentecostal. Daí por diante, a comunicação dos matizes protestantes invade as emissoras.

Desde então, por duas décadas, programas importados de tele-evangelistas norte-americanos são exibidos em rede nacional, sendo os principais *Alguém Ama Você*, de Rex Humbard, *Clube 700*, de Pat Robertson, e os cultos do pastor Jimmy Swaggart. Ainda que tenham sido responsáveis pela introdução de técnicas inovadoras de catequese pela tv – como a benção do copo d'água –, esses programas não surtiram o mesmo efeito que tiveram nos EUA diante, entre outros motivos, a precariedade técnica com que eram reproduzidos aqui, com edições fora de ordem e dublagens precárias, afora a visível diferença de comportamento e atitude que distinguem os públicos brasileiros dos norte-americanos. Foram aos poucos desaparecendo do ar até sucumbirem quase que completamente nos anos oitenta quando a produção televisiva nacional de cunho religioso aumentou à medida que crescia o poder econômico das denominações evangélicas do país, a exemplo do verdadeiro império construído pela Igreja Universal do Reino de Deus e as que vieram a partir da cisão entre suas lideranças, como a Igreja Internacional da Graça de Deus, do cunhado de Edir Macedo, o missionário R.R.Souza, e mais recentemente, a Igreja Mundial do Poder de Deus, do apóstolo Valdemiro Santiago.

É a IURD que hoje detém o maior número de concessões do país, desbancando, até mesmo, a indústria de televisão líder no Brasil, a Rede Globo:

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é a maior proprietária de concessões de televisão do país. São 23 emissoras de TV, além de 40

emissoras de rádio registradas em nome de um grupo de pastores, escolhidos entre os de maior confiança de Edir Macedo. A igreja ainda arrenda 36 rádios, que integram a Rede Aleluia.

Nos últimos cinco anos, as principais emissoras de televisão da Record passaram de outros bispos para Edir Macedo. Levantamento exclusivo feito pela Folha em cartórios, juntas comerciais e no cadastro de radiodifusão da Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) mostra que ele se tornou dono de 99% das ações da TV Capital, geradora da Rede Record em Brasília; de 50% da TV Sociedade, de Belo Horizonte, de 48% da TV Record do Rio e de 30% da Record de São José do Rio Preto (SP).

O movimento se deu após a regulamentação da emenda constitucional 222, que autorizou a participação de pessoas jurídicas como acionistas de rádio e televisão. Antes, só pessoas físicas – brasileiros natos ou naturalizados há mais de 10 anos – podiam ter empresas de radiodifusão.

Até a mudança constitucional, Macedo e a mulher, Ester Bezerra, eram proprietários, oficialmente, apenas de duas emissoras de televisão --a Rádio e Televisão Record S.A, que tem a concessão em São Paulo, e a Record de São José do Rio Preto--, além da Rádio Copacabana, no Rio, sua primeira investida na mídia.

A Rádio e Televisão Record S.A (da qual Macedo tem 90% das ações e sua mulher, Ester Bezerra, 10%) "comprou" as ações de outros bispos.

O movimento reforça as suspeitas de empresários do setor de que Macedo seja o verdadeiro dono de toda a rede Record, o que faria dele um bilionário. O valor atual estimado da Rede Record é de R\$ 2 bilhões.

Macedo comprou a Record de Silvio Santos e da família Machado de Carvalho, por US\$ 45 milhões, em 1989, o que significa um crescimento patrimonial do grupo de 4.344% desde então. (...) A Iurd ultrapassou as Organizações Globo em número de concessões próprias de televisão, mas a Record disputa com o SBT o segundo lugar faturamento publicitário (LOBATO, 2007).

Por sua vez, a Igreja Católica também tem se interessado em aproveitar a mídia eletrônica nas suas atividades pastorais. Ressalva-se que o termo “comunicação social” foi cunhado pela Igreja e usado primeiramente no Concílio Vaticano II⁴⁵. O documento conciliar *Decreto Inter Mirifica, Sobre os Meios de Comunicação Social* louva os veículos de comunicação como maravilhas do engenho humano:

Entre as admiráveis invenções da técnica, que de modo particular nos tempos atuais, com o auxílio de Deus, o engenho humano extraiu das coisas criadas, a

⁴⁵ O Concílio Vaticano II (1962-1965) foi solenemente inaugurado pelo Papa João XXIII (1958-1963) no dia 11 de outubro de 1962, na presença de 2.540 Padres conciliares, dos 2.908 que teriam o direito de participação. Foi encerrado pelo Papa Paulo VI (1963-1978) em 8 de dezembro de 1965. Durante esses quatro anos, os bispos reuniram-se em Roma a cada outono: o 1º período ocorreu de 11 de outubro a 8 de dezembro de 1962. O 2º, de 29 de setembro a 4 de dezembro de 1963. O 3º, de 16 de setembro a 21 de novembro de 1964 e o 4º e último, de 14 de setembro a 8 de dezembro de 1965 Ver MARQUES, 2004, p. LV – LVII

Mãe Igreja com especial solicitude aceita e faz progredir aquelas que de preferência se referem ao espírito humano, que rasgaram caminhos novos de comunicação fácil de toda sorte de informações, pensamentos e determinações da vontade. Dentre estas invenções, porém, destacam-se aqueles meios que não só por sua natureza são capazes de atingir, movimentar os indivíduos, mas as próprias multidões e a sociedade humana inteira, como a imprensa, o cinema, o rádio, a televisão e outros deste gênero, que, por isso mesmo, podem ser chamados com razão de Instrumento da Comunicação Social (DECRETO INTER MERIFICA, 1963).

A Rede Vida de Televisão foi o primeiro canal da Igreja Católica a ir ao ar no Brasil, por iniciativa do jornalista Monteiro Filho. Em 17 de dezembro de 1992 foi criado o Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã – Inbrac. Com a concessão aprovada pelo Congresso Nacional e o Inbrac formado, a emissora católica estreou no primeiro dia de maio de 1995. Logo se seguiram outras e já são doze emissoras de televisão pertencentes à Igreja:

Em pouco mais de uma década, numa reação ao avanço das igrejas evangélicas, surgiram duas redes de televisão católicas com cobertura nacional em sinal aberto – Rede Vida e Canção Nova – e várias emissoras locais e regionais. A velocidade de crescimento da Igreja Católica, na área televisiva, só tem similar com o da Igreja Universal, do bispo Edir Macedo, nos anos 90, embora os investimentos da Universal em emissoras sejam muito maiores.

A Universal tem 22 emissoras geradoras, sendo 19 da Rede Record, que disputa o segundo lugar entre as redes comerciais com o SBT. Já a Igreja Católica tem 12 emissoras em funcionamento, mas ao menos mais 14 concessões já autorizadas pelo governo, a serem implantadas.

Até a inauguração da Rede Vida, em 1995, a Igreja Católica tinha só uma emissora, a Sudoeste, no interior do Paraná, da Ordem dos Frades Menores. Na época, a igreja priorizava rádios. Em 1998, entraram no ar a primeira geradora da TV Canção Nova (hoje são quatro) e a TV Horizonte, da Arquidiocese de Belo Horizonte.

Um ano depois, surgiu a TV Século 21. Em 2002, a TV Nazaré, da Arquidiocese de Belém (PA), à qual se seguiram a TV Educar (Ponte Nova-MG, em 2003) e a TV Imaculada Conceição (Campo Grande-MS, em 2004). Em 2005, foi lançada a TV Aparecida, com a pretensão de ter cobertura nacional. (LOBATO, 2007).

Como vimos, desde a segunda metade do século 20 o estilo neopentecostal, seja evangélico, seja católico, vem se destacando no campo religioso brasileiro. Parte desse sucesso se deve ao uso sistemático da mídia eletrônica. Contudo, certos pontos foram determinantes para o estreitamento da relação dos neopentecostais com a mídia nesse período: a presença marcante da bancada evangélica na Constituinte de 1988; o espantoso crescimento da Igreja Universal do

Reino de Deus, que culminou na compra em 1989 da TV Record; a prática corriqueira da concessão de tempo das emissoras comerciais às igrejas neopentecostais, a exemplo do *Show da Fé*, programa da Igreja Internacional da Graça de Deus que está décadas no ar. Esses fatores contribuíram para o aumento dos evangélicos na população brasileira⁴⁶.

A televisão é o lugar de visibilidade da sociedade contemporânea e o veículo preferido pelos brasileiros e, conseqüentemente, dos anunciantes para inserção de mensagens publicitárias. É ela que distribui informação, cultura e entretenimento às massas. Por isso, assume na economia das corporações contemporâneas e na vida de grande parte dos telespectadores um peso muito maior do que qualquer outra forma de mídia. Segundo o diretor de marketing da Rede Globo, Anco Saraiva, “a tv aberta é a mídia de massa mais rentável e eficiente do mercado brasileiro, mais uma vez teve um desempenho positivo, manteve a sua participação em níveis elevados e apresentou crescimento relevante” (PEREIRA, 2008).

O mercado publicitário brasileiro fechou 2007 com faturamento total de R\$ 26 bilhões, de acordo com resultado consolidado do Projeto Inter-Meios – o cálculo já inclui as verbas destinadas à produção de peças publicitárias. O montante é 9% superior ao total de 2006. Com isso, a indústria de comunicação passa a representar 1,05 do Produto Interno Bruto Nacional (PIB) estimado em US\$ 1,31 trilhão pelo Banco Central. A televisão aberta deu o tom no mercado de comunicação, crescendo 8,7 no ano. O faturamento das emissoras de tv brasileiras alcançou a cifra de R\$ 11,2 bilhões, responsável por 59,2% do total das verbas investidas em mídia no país em 2007 (*Ibidem*).

A conquista de uma vida plena de êxito representa um forte apelo de audiência aos programas de cunho religioso para inúmeras pessoas que passam por dificuldades na vida. Por isso, a tv vem sendo instrumentalizada como meio de atração dos fiéis⁴⁷. Podemos constatar que, na IMPD, o conteúdo do programa *O poder sobrenatural da fé* reserva boa parte do tempo ao testemunho daqueles que sofrem de graves enfermidades e parecem sentir falta de uma assistência médica pública mais eficiente, mas que afirmam terem sido restaurados através da fé.

⁴⁶ De acordo com o resultado da amostra do último censo demográfico realizado em 2000, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população brasileira de católicos havia diminuído de 95,2% (39.177.880) em 1940 para 73,8% (124.980.131) em 2000. No mesmo período, os evangélicos aumentaram de 2,6 % (1.074.857) para 15,45% (26.184.942).

⁴⁷ Das 42 pessoas que afirmaram terem recebido algum tipo de milagre, durante as 14 horas de gravação analisadas na pesquisa, 28 disseram assistir o programa *O poder sobrenatural da fé*.

Assim, os cultos neopentecostais – sejam evangélicos ou de iniciativa do movimento de Renovação Carismática da Igreja Católica – se transformaram em grandiosos espetáculos realizados em templos gigantescos apinhados de gente e suas megacelebrações são exibidas nas televisões. Santuários e templos capazes de reunir grande número de pessoas estão sendo erguidos.

Com mais de 2 mil anos de história, os católicos abriram mão da estética tradicional das igrejas e vão abusar das curvas, placas metálicas e concreto para erguer em Interlagos, na zona sul, o novo santuário Mãe de Deus - Theotokos, em grego -, que receberá as missas do padre Marcelo Rossi. O modernismo contemporâneo, com a assinatura do arquiteto Ruy Ohtake, marca os novos ventos trazidos ao catolicismo pelos carismáticos.

Já os evangélicos da Universal do Reino de Deus, congregação com 31 anos de vida, seguiram caminho inverso. Foram buscar inspiração no passado, mais precisamente no século 11 antes de Cristo, para construir a nova sede mundial da igreja, na Avenida Celso Garcia, no Brás, região central. O novo prédio será uma réplica do Templo de Salomão, o primeiro templo de Jerusalém.

Em Santa Cecília, em um quarteirão colado ao bairro de Higienópolis, a nova sinagoga da Congregação Mekor Haim deve ser o maior centro de educação religiosa para judeus ortodoxos de São Paulo. Com seu estilo funcional, poderia passar por um prédio empresarial, não fossem os pilares de concreto na calçada para evitar carros-bomba e o topo em formato triangular.

Até 2010, representantes de católicos, evangélicos e judeus ortodoxos esperam ter finalizado os três templos, que seguramente farão parte da lista dos principais do Brasil, atraindo centenas de milhares de fiéis. O Santuário Mãe de Deus, por exemplo, terá capacidade para receber 100 mil pessoas, duas vezes mais do que a Basílica de Nossa Senhora Aparecida, no interior de São Paulo, e 30 vezes mais do que a Catedral da Sé.(...) Multidões de evangélicos também serão esperadas na Celso Garcia. Atualmente, a Igreja Universal já conta com um templo para 4 mil pessoas na região. A nova sede ficará poucos metros adiante, na mesma avenida, em um terreno de 23 mil metros quadrados. Serão 12 andares, dois subsolos, com 64,5 mil m² de área construída.

No novo Templo de Salomão da Igreja Universal haverá um amplo salão com capacidade para 9.500 pessoas sentadas. O tamanho da romaria de fiéis, contudo, é imprevisível. A sede mundial da Igreja Pentecostal Deus É Amor, com mais 70 mil metros quadrados, também localizada na região do Brás, já chegou a receber 110 mil fiéis em um só dia. (MANSO, & BRANCATELLI, 2008)

As celebrações são gravadas e as cenas, com testemunho de fiéis que obtiveram cura ou tiveram a vida transformada, são editadas para irem ao ar com a clara intenção de impressionar os telespectadores. Os oradores principais são elevados à categoria de celebridades

e parte deles não poupa lançar mão de um proselitismo muitas vezes excessivo e suspeito no ponto de vista da ética.

O acirramento que se verifica no Brasil dos programas religiosos na busca da audiência do telespectador – este muitas vezes pouco refratário devido a uma existência vazia e um futuro sem horizontes, sintomas do mal-estar na sociedade pós-moderna – alarga as vias para as transações comerciais das coisas sagradas. No rastro dessa guerra, que objetiva a propagação de doutrinas e a conquista de mercado, ficam espalhados os despojos de uma possível unidade religiosa, na qual a ética e as normas ecumênicas perdem espaço na ideologia neopentecostal.

2.2 *Pós-modernidade*

As corporações capitalistas, para manter seus mercados, se viram forçadas a formular estratégias a fim de despertar desejos e estimular sensibilidades individuais para criar uma nova estética com base no consumo que superasse e se opusesse às formas tradicionais de alta cultura. Uma das características do pós-moderno é justamente ter deslocado a estética para o lugar da ética. Para o cientista belga, François Houtart⁴⁸, especialista em questões políticas da América Latina, a ambigüidade pós-moderna não é senão a lógica cultural do capitalismo avançado que constrói a realidade em torno do indivíduo e procura negar o caráter estrutural da sociedade.

É oportuno aludirmos ao pensamento pós-moderno e de revelarmos (...) o seu caráter ambíguo. Na verdade explicitamente crítico de uma modernidade que não só foi impulsionada pelo mercado, mas que também adquiriu consistência nessa forma social de economia, um tipo corrente de pós-moderno se transforma, paradoxalmente, no melhor sustentáculo ideal do livre mercado. Tende a “elementarizar” a representação do real, privilegiando o papel dos atores individuais na construção da sociedade, rejeitando o conceito de estrutura, por medo do totalitarismo no exato momento em que o capitalismo se torna um sistema mundial, e negando às ciências sociais a possibilidade de serem explicativas (HOUTART, 2003, p. 94).

⁴⁸ François Houtart (Bruxelas, 1925). Sociólogo e sacerdote católico belga. Doutor em Sociologia pela prestigiosa Universidade Católica de Louvain, UCL, onde lecionou entre os anos de 1958 a 1990. Grande amigo e colaborador de Dom Helder Câmara, desde o início da década de 60. Perito durante o Concílio Vaticano II (1962 – 1965), auxiliou na elaboração da Introdução da Constituição *Gaudium et Spes*. Publicou vários estudos, entre eles: *Religions and ideology in Sri Lanka*. Colombo, Hansa, 1974; *Religion et modes de production précapitalistes*, Bruxelles, editions de l'ULB, 1992; *Sociologia de la Religión*, México. Plaza y Valdés, 2000.

Atravessamos uma nova era desde os anos 60, quando a produção da cultura tornou-se integrada à produção de mercadorias em geral: a frenética urgência de produzir novas ondas de bens materiais e simbólicos com aparência cada vez mais nova –de roupas a aviões perpassando até o campo das idéias – em taxa de transferência cada vez maior, ganha, agora, função estrutural cada vez mais essencial à inovação e à experimentação estética.

Aceitamos a idéia de que a revolução dos costumes – que eclodiu nos anos 60 e se afirmaria na década seguinte – não ocorreu num vazio cultural, econômico ou político. Foi resultado da evolução do individuo moderno que clama pela liberdade de exercer sua vida privativa sem os esteios normativos de uma sociedade reguladora. Nos países ocidentais, a liberação dos desejos e sua legitimação no espaço público promoveram a publicidade como discurso oficial do capitalismo, aproximando a arte das estratégias publicitárias ao mesmo tempo em que a introduziu nessas mesmas estratégias.

De modo que a televisão produz consenso, instaura e intensifica uma linguagem comum na sociedade brasileira. Não é mais um meio para levar informação à massa, é o meio escolhido pela massa e se constitui como tal no grito da esfera pública, na razão de juízo, dos gostos e sentimentos comuns⁴⁹.

Neste aspecto, Harvey tem um ponto de vista interessante sobre a intertextualidade presente na linguagem e comunicação na pós-modernidade:

Os pós-modernistas tendem a aceitar uma teoria bem diferente quanto à natureza da linguagem e da comunicação. Enquanto os modernistas ressupunham uma relação rígida e identificável entre o que era dito (o significado ou “mensagem”) e o modo como estava sendo dito (o significante ou “meio”), o pensamento pós-estruturalista os vê “separando-se e reunindo-se continuamente em novas combinações”. O desconstrucionismo

⁴⁹ O caso Isabella, a menina jogada da janela de um apartamento de classe média na zona norte em São Paulo, comoveu o país e ocupou grande espaço da mídia em 2008. O pré-julgamento dos pais como culpados e a histeria coletiva foram conseqüências da superexposição do caso pela tv que, supostamente, não teria a dimensão que ganhou caso a vítima pertencesse a uma camada de extrato social inferior. Pouco menos de um mês desse episódio, ocorrido no final de março, uma menina de 4 anos foi achada morta, esganada e estuprada, no interior do Ceará. Outra, de 11 anos, foi achada morta enterrada num quintal da zona litorânea paulista por crime semelhante. Em ambos os casos cujas vítimas eram de famílias pobres, as suítes da notícia não renderam tanto. Em tempo: quatro mil menores morrem a cada mês no país por causa da violência, a maioria vitimada por parentes ou por alguém próximo. **Jornal Nacional**. Rio de Janeiro: Rede Globo. Exibido em 14 abr. 2008.

(movimento iniciado pela leitura de Martin Heidegger e por Derrida no final dos anos 60) surge aqui como um poderoso estímulo para os modos de pensamento pós-modernos. O desconstrucionismo é menos uma posição filosófica do que um modo de pensar sobre textos e de ler textos. Escritores que criam textos ou usam palavras o fazem com base em todos os outros textos e palavras com que deparam, e os leitores lidam com eles do mesmo jeito. A vida cultural é, pois vista como uma série de textos em intersecção com outros textos, produzindo mais textos. Esse entrelaçamento intertextual tem vida própria; o que quer que escrevamos transmite sentidos que não estavam ou possivelmente não podiam estar na nossa intenção e as nossas palavras não podem transmitir o que queremos dizer. É vão tentar dominar um texto, porque o perpétuo entretecer de textos e sentidos está fora do nosso controle; a linguagem opera através de nós (HARVEY, 2002, p. 53 – 54).

Nos países em desenvolvimento na América Latina essa transição veio acompanhada de distorções. O aproveitamento do baixo discernimento das classes subalternas – consequência da precariedade e até, inexistência prática, do ensino básico e fundamental, que se observa na periferia das grandes cidades brasileiras –, por parte dos produtores da indústria cultural da tv contribui para o sucesso de programas de conteúdo apelativo, explorando de forma explícita, através de imagens fortes sobre fatos violentos resultantes da miséria humana e desigualdade social, que servem na obtenção de pontos de audiência para justificar o aumento de preço dos espaços publicitários das redes de tv⁵⁰. O resultado é a baixa qualidade do que se leva ao ar. Porque a televisão é ela mesma um produto do capitalismo avançado e, como tal, é vista no contexto da promoção de uma cultura do consumismo. Isso dirige a nossa atenção para a produção de necessidades e desejos, para a mobilização do desejo e da fantasia, para a política da distração como parte do impulso para manter nos mercados de consumo uma demanda capaz de conservar a lucratividade da produção capitalista (HARVEY, 2002, p. 60).

A crença em Deus – ou numa entidade superior por meio de uma doutrina religiosa – continua sendo o caminho escolhido por bilhões de pessoas no mundo, contrariando os

⁵⁰ O programa de reportagem policial Bronca Pesada, exibido no início das tardes de segunda a sexta-feira, pela TV Jornal do Commercio, repetidora da rede SBT, atinge picos de audiência domiciliar durante o horário na região metropolitana do Recife, chegando a ameaçar a liderança da TV Globo. Fonte: Ibope Workstation – audiência domiciliar – março de 2008.

prognósticos feitos a partir do Positivismo de Auguste Comte (1798 – 1857) e que persiste em nossos dias com os novos ateístas⁵¹.

Apesar de todas conquistas científicas e do incrível avanço tecnológico da informação que o homem vem experimentando nos últimos anos, a religião permanece e, ainda que reformada por pinceladas de verniz restaurador, mantém-se viva nutrindo a crença de multidões que acham na fé o conforto espiritual tão necessário nesta pós-modernidade de urgência imediata, materialista e de necessidades supérfluas.

Há vários teóricos que refletem sobre a pós-modernidade. Em muitas dessas reflexões achamos pontos em comum como a sua força desfragmentadora e o surgimento de novas identidades a partir de uma simbiose com outras identidades. De acordo com Stuart, as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio. E propõem surgir novas identidades, fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livram de forma inédita de todos os tipos tradicionais de ordem social. Se tais sociedades não desaparecem totalmente não é porque são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certa circunstância, ser conjuntamente articulados. (Cf. HALL, 2003. p. 15 – 39).

O mundo virou um *self-service*, um supermercado de estilos de vida, na qual a lógica do consumo se generalizou. O indivíduo, no seu corolário de saber particular, não passa de um consumidor. Os contratos são cada vez mais provisórios em todos os domínios, “e percebe-se a variedade de reivindicações pelas demandas de direitos particulares e de liberdade individual” (HOUTART, 2003. p. 104).

Vive-se a par de tudo, com relações efêmeras e grupos ocasionais, conforme o interesse do momento. Bauman vê aí uma tendência de privatização da vida na pós-modernidade

⁵¹ A maior estrela desse movimento é o biólogo britânico Richard Dawkins, natural do Quênia (Nairobi, 26 de março de 1941) é um eminente zoólogo, evolucionista e popular escritor de divulgação científica britânico, além de professor da Universidade de Oxford. Dawkins é conhecido principalmente pela sua visão evolucionista centrada no gene, exposta em seu livro *O Gene Egoísta*, publicado em 1976.

(Cf. BAUMAN, 2001. p 33 – 45). Já Habermas assinala que se trata de uma crise de toda e qualquer legitimação teórica. Para os pós-modernos não há mais necessidade de legitimações, pois eles insistem que as teorizações são o totalitarismo da verdade (HOUTART, 2003. p. 101). Um valor novo é atribuído ao transitório, ao fugidio e ao efêmero, a própria celebração do dinamismo revela um anseio por um presente estável, imaculado e não corrompido. O caráter transformador da pós-modernidade está relacionado ao progresso de mudança conhecido como “globalização” e seu impacto sobre a identidade cultural.

A pós-modernidade elevou ao máximo a individualização do sujeito. Mercê da imperiosa necessidade de conquistar a segurança de uma vida privada – essencial para a sobrevivência na era contemporânea –, o indivíduo secularizado, tangido como gado para o estábulo sob o estalo das regras e exigências sociais que o oprime, reclama por forças mais que interiores para realizar-se espiritualmente. A solução está na ênfase à subjetividade e à experiência estética. Nesse sentido, o neopentecostalismo apresenta uma solução lapidar para a subjetividade pós-moderna (Cf. OLIVEIRA; PIRES, 2005, p. 105), através de um discurso ideológico de fácil aderência, baseado na ação transformadora da fé para inserir indivíduos no mercado de consumo de bens simbólicos e materiais, na qual estão incluídas até mesmo as camadas subalternas da sociedade brasileira neste limiar de século.

2.3 Ideologia

Não é fácil definir a expressão ideologia pelo alto teor conceitual que reveste o termo. Temos, pois, a tarefa de tentar situá-la no contexto de nossa pesquisa uma vez que vamos analisar o conteúdo de um programa religioso e sua influência sobre as pessoas. Porque quem fala procura dizer algo e ser entendido. Essa fala tem um sentido ou significado que se reveste de uma intenção, ou seja, de influenciar, tornar convincente ou persuadir quem a escuta. Este discurso, portanto, é ideológico.

Pelo desgaste na acepção do termo, há quem defenda o suprimento da expressão. Geertz considera aceitável simplesmente alijar o termo “ideologia” do discurso científico e abandoná-lo ao seu destino polêmico – como ocorreu com a “superstição”. Para ele há duas abordagens principais ao estudo dos determinantes sociais da ideologia: a teoria do interesse e a teoria da tensão. Para a primeira, ideologia é uma máscara e uma arma; para a segunda, um sintoma e um remédio.

Na teoria do interesse, os pronunciamentos ideológicos são vistos contra o pano de fundo da luta universal por vantagens; na teoria da tensão, contra um pano de fundo do esforço crônico para corrigir o desequilíbrio sócio-psicológico. Em uma delas, o homem persegue o poder, na outra eles fogem da ansiedade. Como poderiam parecer, ambas teorias – e até mesmo uma por meio da outra – não é necessariamente contraditória, porém a teoria da tensão (que surgiu em resposta às dificuldades empíricas encontradas pela teoria do interesse), sendo menos simplista, é mais penetrante e, sendo menos concreta, é mais abrangente (GEERTZ, 1989. p. 171–172).

Geertz argumenta que a ideologia coloca uma ponte sobre o fosso emocional existente entre as coisas como são e as coisas como se gostaria que fossem, assegurando assim o desempenho de papéis que, de outra forma, poderiam ser abandonados pelo desespero ou pela apatia. Para ele, a solidariedade significa o poder da ideologia de unir um grupo ou classe social, uma condição que tem efeito na religião. “Um grupo de primitivos se reúne, com toda a honestidade, para rezar pela chuva e termina por fortificar sua solidariedade social” (*ibidem.*, p. 175).

2.3.1 A ideologia marxista

Contrariando Feuerbach, que considerava “a religião uma essência universal do ser-humano” (FEUERBACH, 1997, p. 44), Marx e Engels postularam a religião como “o suspiro do oprimido” cuja realidade não pode estar dissociada das condições históricas. Para Marx, o homem na figura de alienado economicamente – afastado dos meios de produção – constrói sua teodicéia, termo cunhado pelo filósofo alemão do século 17 G.W. Leibniz (Cf. VIERIA, 1874). Enquanto houver opressão no mundo, a história reconhece a necessidade da religião. É justamente esse escapismo que Marx chama de “suspiro”, ou seja, o alívio que projeta a

realização humana para a transcendência, visto que o que há aqui não é completo ao homem. No entanto, Marx acreditava que na medida em que o homem conseguisse realizar plenamente suas potencialidades tornaria paulatinamente nulo o papel da religião (Cf. ARON 1999. p. 34 – 36).

Em *Ideologia Alemã*, Marx e Engels determinam o surgimento da ideologia no instante em que a divisão social do trabalho separou o trabalho manual do intelectual. A divisão social do trabalho não se constitui numa simples divisão de tarefas, mas a manifestação de algo fundamental na história: a propriedade, isto é, a divisão entre as condições e instrumentos ou meios de trabalho e o próprio trabalho, incidindo, por sua vez, na desigual distribuição do produto do trabalho. Em suma, o que Marx quis dizer foi que a divisão social do trabalho se engendra na desigualdade social entre os proprietários dos meios de produção e os trabalhadores.

Segundo Marx, o trabalhador detém a força do trabalho em troca de um salário. O produto trabalho, portanto, passa a ser uma “mercadoria” que possui um “preço”. O proprietário dos meios de produção detém o capital e visa o lucro que se nutre e engorda com a exploração do trabalho não remunerado do trabalhador através de um processo que Marx cunhou como “mais-valia”. Desaparecem os seres-humanos, ou melhor, eles existem sob a forma de coisas “donde o termo usado por Lucaks: reificação; do latim: *res*, que significa coisa” (CHAUI, 1980, p. 58).

A pergunta que se faz é como entender que o trabalhador não se revolte com esta situação na qual não somente lhe foi reduzida sua condição humana a coisa, mas ainda é explorado naquilo que faz? Como explicar que essa realidade pareça normal, racional e aceitável? De onde vêm o obscurecimento desses antagonismos sociais? A resposta dessas questões, segundo Marx, conduz diretamente ao fenômeno da ideologia. Para ele a ideologia nasce para servir aos interesses de uma classe e que só pode fazê-lo transformando as idéias dessa classe particular, ou melhor, da classe dominante, em idéias universais de modo a ser aceitas passivamente como verdade absoluta. Através da persuasão ideológica se dá a dominação sem resistência, trazendo as classes subalternas para as trincheiras da classe dominante.

2.3.1.1 O conceito de hegemonia em Gramsci

O fenômeno de manutenção das idéias dominantes é o aspecto fundamental daquilo que Antonio Gramsci denominou de “hegemonia”. Ele afirmava que se, num dado momento, os trabalhadores de um país precisam lutar usando a bandeira do nacionalismo, seria preciso redefinir a idéia de nação e elaborar uma idéia do nacional que seja idêntica à de popular e que sirva de contraponto à idéia dominante.

Substancialmente, a obra de Gramsci se apóia no binômio cultura hegemônica versus culturas subalternas. Militante político que morreu nos cárceres do fascismo, Gramsci vivencia a derrocada do movimento operário italiano pelo fascismo como sendo a derrota de uma hegemonia alternativa das classes subalternas:

O pressuposto ideológico de toda análise é que as classes subalternas são exploradas pela classe dominante não só economicamente, mas também culturalmente. Enquanto essas não expressarem, através de intelectuais próprios, uma concepção orgânica do mundo, que reinterprete a cultura dominante em uma visão original autônoma, não conseguirão organizar eficientemente o processo revolucionário (LAJOLO, 1980, p. 106).

Gramsci foi o primeiro marxista a examinar a ideologia das classes populares como o conhecimento por elas acumulado e suas maneiras de ocupar-se com a vida. Sua contribuição está em reconhecer a ideologia um valor cognoscitivo no sentido de que indica o processo através do qual se formam as concepções do mundo. Um campo bastante aberto para a exploração do sentimento religioso. Neste aspecto, ele defendia a idéia que a religião devia ser encarada como uma necessidade espiritual inata ao homem, mas que devia ser substituída por uma força moral na qual o indivíduo pudesse apelar nos momentos supremos da vida, saindo do círculo das ocupações cotidianas e, assim, salvando-se da desagregação. Sem dúvida uma posição oposta ao pressuposto marxista que rejeita absolutamente a vestimenta religiosa como necessária à revolução, que deveria travar todas as suas batalhas exclusivamente no terreno político. Por sua vez, Gramsci considerava o marxismo como herdeiro das reformas religiosas. De modo que superadas todas as ideologias religiosas viria à revolução.

Gramsci avaliava que certas idéias no cristianismo haviam sido inspiradas por um sentimento político e exemplifica os partidos que têm como emblema a democracia cristã. Para

ele, a manutenção da coesão ideológica é o objetivo principal da Igreja e que somente podia ser alcançada através da permanente instrução do fiel pela fé:

A religião – ou uma igreja determinada – mantém a sua comunidade de fiéis (dentro de certos limites fixados pelas necessidades do desenvolvimento histórico global) na medida em que mantém permanente e organizadamente a própria fé, repetindo infatigavelmente a sua apologética, lutando sempre e em cada momento contra argumentos similares, e mantendo uma hierarquia de intelectuais que emprestem à fé pelo menos a aparência da dignidade do pensamento (PORTELLI, 1984. p.132).

Gramsci deduz daí que se uma ideologia não pode difundir-se a não ser através de razões sociais e políticas, ela não se tornará durável sem que “formalmente” se adapte à mentalidade das classes populares; estas, ao contrário dos intelectuais, não serão seduzidas por explicações racionais; a nova ideologia deveria, então, ser recebida como uma fé:

“Mas, fé em quem e em quê? Notadamente no grupo social ao qual pertence, na medida em que este pensa as coisas também difusamente, como ele; (...) Ele próprio, é verdade, não é capaz de sustentar e desenvolver as suas razões como o adversário faz com as dele, mas que – em seu grupo – existe quem poderia fazer isto, certamente melhor do que o referido adversário; e, de fato, ele se recorda ainda de ter ouvido alguém expor, longa e coerentemente, de maneira que ele se convenceu de sua justeza, e não saberia repeti-las, mas sabe que elas existem, já que ele as ouviu expor e ficou convencido delas” (*Ibidem.*, p. 205).

Interessante observar que a idéia gramsciana, na qual a ideologia religiosa cristã se fertiliza com facilidade no terreno da maioria desvalida, ressoa na mesma intensidade com o pensamento de pesquisadores brasileiros que se debruçaram sobre a análise do proselitismo religioso via tv, ou seja, daquilo que se configura Igreja Eletrônica (IE), conceito surgido nos Estados Unidos e que se refere à veiculação de programas religiosos através da mídia eletrônica:

O fundamentalismo proselitista fez, à sua maneira, a sua opção pelos pobres: transformou-os em destinatários principais do seu bombardeio de mensagens radiofônicas e televisivas. A “Igreja Eletrônica” dos EUA coincide com esses evangelistas atuantes na América Latina na medida em que, também ela, articula os códigos de suas mensagens ao redor das inseguranças, medos solidões e incertezas próprias do desvairado capitalismo campeante naquele país. Mas os “milagres”, as “curas divinas” e as promessas de “salvação”, embora se valham igualmente de supostas intervenções divinas e recursos psicologistas triviais, se abastecem, sobretudo, de um referencial básico: a miséria extrema. (...) É provável que a adaptação, adequação – e em

conseqüência, a penetração – dos programas nas audiências populares tenha a ver, precisamente, com a capacidade de sintonizar e afinar-se com as necessidades das massas indigentes (ASSMANN, 1986, p. 80 – 81).

Enfim, Gramsci chega a uma conclusão que o fenômeno religioso é permanente e está ligado à cultura popular; “supera o quadro restrito das religiões confessionais para impregnar o senso comum e mais geralmente todas as ideologias que se difundem nas classes subalternas” (PORTELLI, 1984, p. 209).

Uma vez que o neopentecostalismo não é penitencial em sua natureza no sentido de que não absorve os pecados do fiel, e sim o orienta a seguir a crença que apregoa como forma não somente de salvação extramundo, mas também como garantia de superação de todos os males intramundo, consideramos que a ideologia da IMPD, ao se proclamar como “a última porta” e com denotações contidas em jargões de sentido excludente a qualquer outra opção religiosa como “aqui está o verdadeiro evangelho” se correlaciona com o modelo de hegemonia gramsciano. O discurso de fácil aceitação da IMPD ganha espaço ao reconhecer as mazelas da passagem do homem sobre a terra e os problemas mais humanos, como questões que dizem respeito à saúde e de ordem financeira. E substitui a preocupação dos dogmas abstratos pela discussão das carências mais urgentes. Assim, as doenças têm raízes na falta de fé. Por sua vez, o sucesso profissional, a aquisição da casa própria ou do carro novo, passou a ser visto como concessões de dádivas do plano superior. Dádivas essas que somente poderão ser concedidas ao fiel por meio da fé e de um acordo institucional com a igreja que requer, entre outras coisas, o pagamento do dízimo e ofertas. É, pois, a ação transformadora da fé o meio de inserir os indivíduos no mercado de consumo.

Contudo é necessário atentar para o fato de que enquanto o racionalismo protestante aboliu as missas, a intercessão dos santos, as orações pelos mortos, pondo o pastor na condição de homem comum, mais próximo dos fiéis pela ausência de ostentação litúrgica, simplificado os fatos religiosos, despindo-os “dos três mais antigos e poderosos elementos concomitantes do sagrado: o mistério, o milagre e magia” (BERGER 1985, p. 124), a doutrina neopentecostal promete as graças do céu no plano terreno e legitima o combate contra as forças do mal, que tem a magia como arma. E concentra, justamente, na capacidade de operar milagres a

estratégia principal para ganhar terreno no campo religioso brasileiro. E o senso comum dita que aqueles que sentem mais as agruras do cotidiano são os que têm a maior demanda de solidariedade e consolo. Eis aí a fórmula de conversão na ideologia neopentecostal.

A conversão religiosa nasce de uma experiência que está fora do sagrado. O indivíduo vai ao médico e este não o cura, leva uma vida pautada por tudo aquilo que acredita dele se esperar e de repente vê escorregar por entre os dedos a segurança e a certeza de poder até mesmo prover-se materialmente e à sua família, persegue objetivos comezinhos e não os alcança, sofre perdas emocionais e enfrenta-se com a morte mas não é capaz de atinar com seu sentido. A religião supre aquilo que o mundo profano não dá. O catolicismo há muito se recusa a curar, preferindo entregar á ciência a competência de tratar dos males físicos e emocionais. É nesse momento, quando a medicina falha, a racionalidade econômica frustra, a certeza dos propósitos rui, que as alternativas religiosas se mostram como respostas. É no momento da crise existencial que a conversão se dá, quando se manifesta a cura, quando o problema se resolve, quando a vida recupera sentido. (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 17).

Neste capítulo refletimos sobre algumas questões intertextuais entre neopentecostalismo, mídia, pós-modernidade e ideologia. Vimos que o alcance e eficácia da tv vêm sendo explorados pelas denominações religiosas no Brasil desde a década de sessenta do século passado. Tal poder serve como estratégia no abarcamento de fiéis na intensa concorrência que se verifica entre as religiões no país. A consequência disso é que pregadores se exibem na televisão com um proselitismo de cunho ideológico-religioso muitas vezes de modo desconexo com aquilo que se pressupõe como real. A absoluta ausência de critérios que possam regular a propagação midiática de crenças produz contradições familiares aos tempos pós-modernos, como a banalização e conseqüente comercialização do sagrado. Pois se a febre do catolicismo chamado progressista é a politização, a infecção do neopentecostalismo é sua mercantilização.

Contudo, a redução no âmbito de aparatos sacramentais, a perda de significado real de certas práticas religiosas e a retomada de milagres extraídos a partir de trechos da Bíblia não representam nada de novo em se tratando do fenômeno religioso. Como as demais religiões cristãs e afro-brasileiras, o neopentecostalismo pode ser visto como uma doutrina religiosa de cura (*Ibidem.*, p. 32), que tem repertório próprio para explicar as causas das doenças e apontar soluções. Mas o neopentecostalismo acrescentou um novo verniz a essa interpretação e soube

equilibrar as exigências impostas pela pós-modernidade no mesmo patamar das demandas espirituais de uma parcela daquele que classificamos de homem contemporâneo.

Seu êxito, todavia, deve-se a muitos fatores resultantes do processo evolutivo da sociedade que veio a reboque da industrialização das cidades e a cada vez mais imediata necessidade de proximidade social que move as pessoas na busca de alguma solidariedade coletiva. Decerto há um desejo primitivo no ser humano de ser aceito pela comunidade, de estar amparado num dossel protetor, de que alguma autoridade o aponte qual caminho seguir. São esses aspectos interpretados sob a sociologia weberiana, e a função da magia no neopentecostalismo, que vamos nos debruçar no próximo capítulo.

3. SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO E ELEMENTOS DA MAGIA

Diversos estudos a partir de Weber apontam que os fenômenos religiosos surgem como resultado de diferentes condições socioeconômicas e históricas. Isso quer dizer que, do ponto de vista da sociologia, as crenças são programadas para acontecerem num determinado momento como resultado da variante de um fato. Ou seja, não ocorre de modo acidental. Vem na esteira das relações de produção que, por sua vez, serve de ponte na transformação da sociedade. Portanto, não devem ser compreendidas como algo voltado somente para o indivíduo, pois são partes na costura do tecido sociais. Assim sendo a religião representa uma dimensão constitutiva da sociedade.

Faz tempo que a sociologia começou a ser estruturada por dois personagens ironicamente separados pela condição social, mas partidários no campo das idéias: o conde Claude-Henri de Saint-Simon e o plebeu Auguste Comte. A dupla defendia que todas os saberes deveriam orbitar em torno de uma só ciência, que reunisse o conhecimento enciclopédico da história e das etapas da evolução humana. Esta condição excepcional em se constituir num conjunto das ciências duras seria função da sociologia. A partir daí, a análise interdisciplinar na busca de sentidos que explique a revisão conceitual das instituições sociais e o papel que desempenha na construção da história passaram a ser questões perseguidas pelos pesquisadores contemporâneos. Como a estrutura social das principais civilizações antigas se baseia em princípios religiosos, os mais geniais cientistas alastraram seus estudos pelo campo religioso.

Um deles foi o francês Emile Durkheim (1859-1917). Considerado um dos pais da sociologia moderna nasceu na província de Lorraine. Ele dizia que os fatos sociais deviam ser tratados como coisas e forneceu uma definição do normal e do [patológico](#) em cada [sociedade](#). Para Durkheim, o normal seria aquilo que é ao mesmo tempo obrigatório para o indivíduo e superior a ele, o que significa que a sociedade e a consciência coletiva são entidades morais e não assumem uma existência tangível. A preponderância da sociedade então obriga o indivíduo a se integrar nessa estrutura.

Segundo Durkheim, as idéias essenciais da lógica científica – e nisso se inclui todos os mecanismos que sistematizam as instituições – têm origem religiosa. Daí os seus estudos comparativos entre religiões primitivas e o pensamento científico. Apesar de tudo, Durkheim não definiu o que é religião, mas deixou claro o que não é. Para ele, a religião não se trata de algo dependente do irracionalismo, superstição ou do sobrenatural⁵². É um sistema de idéias, de crenças e coisas sagradas que se manifestam através dos ritos. E os ritos são fatos sociais que agem independente dos indivíduos, impondo um certo modo de pensar.

A religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos (DURKHEIM, 2003, p. XVI).

De acordo com a perspectiva sociológica durkheimiana, a religião estabelece regras que normatizam as atividades humanas em sua volta e sua função maior seria, justamente, a integração e conservação de uma unidade social. Por isso, Durkheim afirma que o simbolismo religioso representa a sociedade na qual a sua constituição se dá através dos fatos sociais que, por sua vez, são coisas em si mesmos. Portanto, externas ao indivíduo e que só podem ser explicados a partir de outros fatos sociais⁵³.

Neste ponto, Max Weber discorda da tese durkheimiana. Para ele, o comportamento religioso de contemplação e a oração solitária não podem ser interpretados como “ação social”. Weber não admitia a ordem presente nas sociedades como uma realidade exterior e independente dos indivíduos como Durkheim. Defendia que a soma da consciência dos indivíduos é que costurava os modelos normativos e reguladores do tecido social. Nos fundamentos do que Weber chama de ‘sociologia compreensiva’, na obra *Economia e Sociedade*, o fenômeno social é um fato carregado de sentido que converge para outros fatos e, conseqüentemente, outros significados, sejam de natureza política, econômica ou religiosa.

⁵² Entenda-se aqui o sobrenatural como aquilo que a [ciência](#) não confirma ou tudo aquilo que se refere a coisas ainda não testada cientificamente.

⁵³ Para Durkheim a religião tem a função de fortalecer os laços de coesão social, e contribuir para a solidariedade dos membros do grupo. Por isso, as cerimônias e os rituais ganham grande importância, pois possibilitam o encontro dos fiéis e a reafirmação de suas crenças. A religião vista assim tem a função de conservar e fortalecer a ordem estabelecida.

Nessa ótica, o objetivo maior da sociologia seria desvendar os fatores que dão sentido a ação social em diferentes contextos. Daí a profunda ligação que a teoria weberiana faz entre as ciências históricas e a sociologia. A divergência entre Durkheim e Weber é assim resumida por Raymond Aron:

Nas ciências da realidade humana deve-se distinguir duas orientações: uma no sentido da história, do relato daquilo que não acontecerá uma segunda vez, a outra no sentido da sociologia, isto é, da reconstrução conceitual das instituições sociais e do seu fundamento. Estas duas orientações são complementares. Max Weber nunca diria, como Durkheim, que a curiosidade histórica deve subordinar-se à investigação de generalidades. Quando o objeto do conhecimento é a humanidade, é legítimo o interesse pelas características singulares de um indivíduo, de uma época ou de um grupo, tanto quanto pelas leis que comandam o funcionamento e o desenvolvimento das sociedades (ARON, 1999, p. 469).

3.1 Ética protestante e o espírito do capitalismo

Não pretendemos fazer um resumo do pensamento do jurista e economista alemão Max Weber (1864-1920) e da sua enorme contribuição para o avanço das ciências sociais – o que nos seria por demais exaustivo, além de inadequado aos nossos propósitos. Mas, certas considerações são necessárias por estarem diretamente relacionadas com o objeto de estudo em questão: o fenômeno religioso que representa a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD) no Brasil de nosso tempo.

Em síntese, o pensamento central de Weber – apresentado no clássico *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* – é que o processo de racionalização da religião protestante construiu as noções do capitalismo. Ele concebeu essa idéia ao constatar que homens de negócios e operários qualificados e de alto nível eram majoritários da religião. Isso se deu entre outras coisas pela valorização dada ao trabalho, ou seja, às vocações intramundanas propostas pelo reformista Lutero.

Aquele grande progresso histórico-religioso da eliminação da magia do mundo, que começara com os velhos profetas hebreus e conjuntamente com o pensamento científico helenístico, repudiou todos os meios mágicos de salvação como superstição e pecado, chega aqui à sua conclusão lógica (WEBER, 1983, p. 53).

Como vimos no primeiro capítulo, Martin Lutero conceituava a vocação “algo que o homem deve aceitar como uma ordem divina, à qual deveria se adaptar” (*Ibidem.*, p. 73). Desse modo, Weber concluiu que o acúmulo do capital, através dos esforços do indivíduo, passou a ser aceito como um dever no ponto de vista ético-religioso. As vocações ou atividades profissionais foram assim motivadas e ganharam a conotação de bem supremo, a expressão da própria vontade de Deus. Portanto, uma chave para abrir a porta do paraíso que parecia vedada ao fiel reformado com a abolição da prática das indulgências.

Assim, as idéias weberianas propõem explicar a gênese e as peculiaridades do racionalismo ocidental que levaram a ética protestante ao favorecimento do espírito do capitalismo, por meio da vocação direcionada do puritano para seu aperfeiçoamento intelectual e profissional.

O racionalismo econômico depende parcialmente da técnica e do direito racionais e é determinado pela habilidade e disposição do homem em adotar certos tipos de conduta racional prática. Quando tais tipos de conduta têm sido destruídos por obstáculos espirituais, o desenvolvimento da conduta econômica racional encontrou também séria resistência interna. As forças mágicas e religiosas e as idéias éticas de dever nelas baseadas têm estado sempre, no passado, entre as mais importantes influências formativas de conduta (*Ibidem.*, p.32).

A sociologia comparativa de Weber aponta traços visíveis no mundo atual. A busca àquilo que é inerente nas configurações históricas e que responde as transformações na sociedade moderna serve como método para a estruturação de uma análise empírica dos fatos. Ainda que Weber tivesse como referência a Alemanha da sua época⁵⁴, a teoria que formulou sobre a compreensão interpretativa da ação social para explicar sua causa ainda está em curso. E surtindo efeito. Afinal, qual função teria então a presença do capitalismo organizado em redes, os

⁵⁴ Weber viveu na Alemanha durante o período que ficou conhecido como República de Weimer, na qual a circunstância era reconstruir um país em frangalhos logo após a Primeira Guerra, e em crise moral diante a queda de um governo militar e a renúncia do imperador Wilhem II que foram substituídos por uma democracia parlamentarista.

grandes conglomerados econômicos que promoveram a globalização, a diluição da barreira da distância e do tempo pela tecnologia da informação se não fossem invenções do capitalismo para tornar a racionalização congruente com a vida moderna?

3.1.1 A teoria da dominação aplicado na Igreja Mundial do Poder de Deus

Em outra obra, *Economia e Sociedade*, escrita entre os anos de 1911 a 1913, Weber aborda o conceito de dominação. Este esquema analítico nos interessa, particularmente, por acreditarmos que vários de seus aspectos se relacionam com o neopentecostalismo, o que corresponde ao estudo que empreendemos da práxis religiosa numa denominação de origem protestante e com características anti-secular – ainda que surgida no processo de secularização – devido, entre outros aspectos, a projeção que dá a um deus vivo e atuante, próximo e sempre pronto para acolher as súplicas dos fiéis, o que se distancia da definição do “totalmente outro” que Rudolf Otto em 1917 trouxe em *O Sagrado* (OTTO, 2007).

Weber conclui que é algo próprio da natureza humana aceitar a obediência para ordens específicas dentro de um determinado grupo. Tal dominação pode ser baseada por vários motivos: desde um hábito inconsciente até àquele fruto do intelecto e com fins programados. Mesmo que a teoria weberiana tenha chamado a atenção ao fato de que nem toda dominação preste exclusivamente para a obtenção de fins econômicos, a obediência – seja por interesse próprio ou sob influência do ambiente – faz parte da relação de dominação que os indivíduos estão sujeitos na sociedade.

Weber classifica os motivos que levam a pessoa a se vincular a obediência por costume, afeto, interesse material ou ideal. Esta última, sobretudo, nos chama atenção por dizer respeito diretamente a valores. Frisamos que os motivos e a crença são fatores determinantes das classes de dominação assim classificadas por Weber: a racional, a legitimada pelas leis, no direito de mando da pessoa nomeada; a tradicional, através da crença das tradições vigentes e na

legitimidade daqueles que representam a autoridade destas tradições. E finalmente a carismática, baseada na veneração à santidade do poder e o caráter heróico da pessoa e das ordens por ela criada (WEBER, 1999, p. 15).

À primeira vista poderíamos aceitar que o tipo de dominação observada na IMPD é de origem tradicional, uma vez que o estilo neopentecostal adotado pela igreja fundada por Santiago, ainda que tenha solapado valores puritanos, pertence ao tronco reformado cujas raízes estão no cristianismo primitivo e no catolicismo romano ou ocidental. De modo que não se trata de uma organização revolucionária em si e sem precedente na história das religiões. Pelo contrário, está relacionada com a evolução histórica do cristianismo. Todavia, o que se constata na IMPD é algo mais complexo. Não se resume apenas a um produto secular da Reforma, é uma força oposta à secularização com toda sua estrutura girando em torno de um líder cujo poder não lhe foi atribuído por nenhuma ordem e nem herdado. Emana de um dom próprio. Por isso, entre os tipos de dominação esquematizados por Weber consideramos que o carismático é o que mais se enquadra no modelo de liderança que se observa na IMPD tendo em vista que, no estágio atual, a sua organização administrativa e funcional encontra-se nas mãos da figura carismática do apóstolo Santiago.

Baseamo-nos nas características que Weber identifica o carismático e que se encaixam em nossa análise. Se não, vejamos. Para Weber, carisma é uma qualidade pessoal que extrapola o cotidiano. A sua origem mágica está condicionada aos profetas, sábios, curandeiros, juízes e heróis. Pela sua excepcionalidade, atribui-se ao carismático poder sobre-humano, mágico. Seus dominados o vêem ainda como uma espécie de enviado de Deus. Dessa forma se dá a sua legitimação como líder autêntico, sendo a devoção afetiva que lhe é conferida através da crença em suas faculdades mágicas e, também, pela sua oratória (MOTTA, 1983, p. 17).

Weber adianta que a dominação dos adeptos se realiza numa relação comunitária e tem caráter emocional. Eis aí outro dado que ressoa nos objetivos de nossa pesquisa. Os cultos da IMPD são repletos de momentos de grande comoção e de forte atmosfera emotiva que afloram o sentimento religioso e se aproxima da definição de Durkheim na qual a origem da religião está na própria “efervescência” religiosa de um grupo social. Em momentos particulares de entusiasmo

coletivo, nas celebrações e festas religiosas, os indivíduos, dizia Durkheim, podiam ter a experiência do sagrado por meio de representações simbólicas, crenças e práticas religiosas que tornam possível a realização da totalidade social⁵⁵. Ele deduziu que

os primeiros sistemas de representações que o homem produziu no mundo e de si próprio são de origem religiosa. Não há religião que não seja uma cosmologia ao mesmo tempo em que uma especulação sobre o divino. Se a filosofia e as ciências nasceram da religião, é que a própria religião começou por fazer às vezes de ciências e de filosofia. (DURKHEIM, 2003, p. XV)

A estratégia utilizada pelo líder da IMPD em defesa dos poderes divinos que afirma manifestar-se em seu ministério é exaltada e colocada constantemente à prova, a fim de coibir qualquer questionamento quanto à sua virtuosa capacidade de intervir no plano divino Ou seja: sua virtuosa capacidade de um verdadeiro enviado de Deus. Esse desafio é encarado permanentemente e isso ajuda a manter o controle da situação e inibir qualquer dúvida quanto sua autoridade e a qualidade especial de fé que detém. Para Weber, o carismático tem seu domínio atrelado à própria força que emana dele e só o obedecerão enquanto seu carisma existir.

Os cargos hierárquicos na administração da IMPD são escolhidos segundo o desempenho e a vocação do pretendente. Não são observadas as qualificações profissionais e nem se prende à tradição. Sua competência está no carisma e eloquência que domina tal como um apresentador de tv. Outra característica da dominação carismática é a capacidade que tem de romper com o passado. Nesse sentido há algo de revolucionário. O carismático tem o dom da criação momentânea, expressa através dos milagres múltiplos e simultâneos comuns nos cultos – a ação e exemplos desse dom caracteriza a dominação carismática em Weber. Porém, ele somente se legitima enquanto o carisma pessoal do líder tiver reconhecimento. Tal reconhecimento se dá pelas provas, ou melhor, nas soluções dadas através das terapias espirituais e dos milagres que opera. Por fim, Weber nos adianta que para que se estabeleça a dominação carismática, o líder tem que ser considerado legítimo pelos seus seguidores e esses estabelecerem com ele uma lealdade pessoal (WEBER, 1999, p. 15 – 29). Como podemos ver, a teoria weberiana nos oferece

⁵⁵ No clássico “As Formas Elementares da Vida Religiosa”, Émile Durkheim analisou as sociedades primitivas e mais simples conhecidas na época: o sistema totêmico das tribos Australianas e da América do Norte, na qual pode observar comportamentos uniformes nos ritos e celebrações religiosas, que serviram de base para as formulações de suas idéias.

muitos elementos que sustentam uma reflexão a cerca das questões de religião que se acham no neopentecostalismo brasileiro.

Weber posicionou de lado oposto o desapego católico quanto as coisas deste mundo e o materialismo protestante. Nesse jogo de forças, concluímos que a balança pendeu mais para o lado puritano se levarmos em conta que o sistema capitalista moderno no Ocidente de fato tenha se originado na concepção protestante da vocação de Calvino. Validado o trabalho como dádiva, abriu-se caminho para que as organizações religiosas inspiradas no racionalismo protestante – e aqui estão inseridas as que seguem o estilo neopentecostal – pudessem adotar novos meios legitimadores das ofertas e dízimo que não estivessem presos somente à contribuição espontânea individual ou a título de filantropia das empresas, na qual muitas viram a prática da doação como oportunidade de ganhar a simpatia dos consumidores através da pretensa lógica do compromisso com o social. E que outro canal seria melhor que os meios de comunicação de massa para propagar a doutrina e comercializar bens simbólicos, ou melhor, produtos da fé?

3.2 Em torno de como a psicologia interpreta o fenômeno religioso

No campo da psicologia, o criador da psicanálise Sigmund Freud definiu a religião como uma neurose coletiva obsessiva da humanidade na qual predomina a ilusão. Ressalva-se que em Freud a ilusão não significa algo falso, sem correspondência com a realidade, mas uma força que emerge da esfera do inconsciente e que manifesta nos desejos do sujeito. A teoria freudiana adianta ainda que a raiz da religião estaria no complexo de culpa pela morte do pai patriarcal da horda primitiva. Daí que a religião seria uma “neurose obsessiva universal” (FREUD, 1978, p.87).

Freud chegou a acreditar que o homem moderno poderia ser mais suscetível à voz da razão, mais resignado e, portanto, menos propenso a recorrer aos consolos da religião. Ou seja,

o pai da psicanálise chegou a considerar a possibilidade de que a religião deixasse de existir à medida que a ciência mostrasse seu poder de trazer soluções para os problemas da humanidade para os quais, até então, só a ilusão da religião poderia oferecer consolo (OLIVEIRA; PIRES, 2005, p. 81).

É concernente que Marx, Weber e Freud tivessem em comum os estudos sobre as mediações entre religião e modernidade na qual cada um expôs suas críticas em diferentes ângulos da ciência. Mas a questão que prevalece é: se da maneira como a qual o homem moderno vive contribui para obstaculizar o sentimento de pertença religiosa, por que paralelo a isso se observa o surgimento de novos movimentos religiosos?

Acreditamos que essa questão, aparentemente antagônica, seja resultado da pós-modernidade, que se segue na esteira do processo de secularização, mas ao mesmo tempo, contra-secular. Como afirma Bauman o fator decisivo da perda de espaço da religião “nesses tempos pós-modernos é o desinteresse demonstrado pela coletividade no mundo pós-vida” (BAUMAN, 1998, p. 94). Há um desejo primitivo do homem em delegar a resolução de seus conflitos a outras forças não empíricas como a experiência religiosa. Há também a predisposição de boa parte das pessoas em obedecer a uma autoridade como nos diz Weber. São desejos que afloram do inconsciente e tornam necessária uma reflexão a cerca dos mecanismos da psique que os motivam.

Vimos no capítulo anterior que, de acordo com Berger, o racionalismo protestante despiu os fatos religiosos dos três mais antigos e poderosos elementos concomitantes do sagrado: o mistério, o milagre e magia, para assim romper o cordão umbilical entre o céu e a terra, o estilo neopentecostal inverteu o fluxo, trazendo o céu para a terra. Todavia, para combater as forças do mal – as maldições e os demônios responsáveis pela miséria humana –, legitimou sobre nova roupagem certos elementos mágicos supostamente dotados da capacidade de operar feitos miraculosos. Em contrapartida, para surtir os efeitos desejados, essas igrejas exigem a crença absoluta aos seus líderes e nos poderes sobrenaturais de seus produtos sagrados, afora o pagamento do dízimo e das ofertas pelos fiéis. Eis aí a fórmula empreendedora das corporações neopentecostais: o praticante tem que seguir seus preceitos doutrinários e, mesmo que siga tudo à

risca e ainda assim não obtiver êxito, é porque não teve fé suficiente. Silva faz uma analogia entre dádiva e marxismo:

Se voltarmos ao exemplo que Marx dá ao referir-se, em *O Capital*, à forma mercadoria do produto do trabalho, no caso citando o exemplo de um casaco não pode ser definido como uma coisa a ser vestida ou cuja utilidade seja de aquecer alguém. Como mercadoria, expressão de um processo de universalização da produção (é isso que, para Marx, significa o capitalismo), o casaco não é mais uma coisa, mas o valor de troca. Através dessa troca (que se dá fundamentalmente através do pagamento por tal peça) tem-se um outro sentido, revela-se um outro tipo de relação social. A medição para essa relação é o mercado, e este, ao ser constituído como referência central para as relações capitalistas, ocultou a dádiva, ou a “a verdadeira” dádiva, através da qual a relação é marcada pela gratuidade. É assim que Godbout (1999:29) qualifica a dádiva: “qualquer prestação de bem ou serviço, sem garantia de retorno a criar, alimentar ou recriar os vínculos sociais entre as pessoas”. Nessa lógica, as relações não tendem a esfriar; o excluído da lógica mercantil aqui se refaz e tende a reproduzir esses vínculos sob a base de uma dívida social: dar/receber/retribuir. Há, por assim dizer, uma expectativa de devolução (SILVA, 2003, p. 36).

A redução de aparatos sacramentais e a retomada do sobrenatural a partir de trechos bíblicos nada mais representam que modelos reciclados de interpretações religiosas – de algum modo enraizado na mente das pessoas, ou no inconsciente coletivo, como veremos adiante – para servirem como meios de produção imperiosos à subsistência da organização neopentecostal. Weber afirma a disposição das pessoas em obedecer a uma autoridade. Tais impulsos afloram do inconsciente o que nos reporta a uma reflexão sobre os mecanismos reguladores da psique.

Podemos refletir também que Durkheim defendia a sociologia não como meio para buscar, conhecer e reconstituir formas extintas da civilização, mas para situar questões diferentes daqueles da história e etnografia.

Como uma ciência positiva tem por objeto explicar uma realidade próxima de nós, do homo sapiens atual, que evoluiu até os dias de hoje com todas as ferramentas que inventou, guarda um resíduo do arcaico, das sociedades mais

primitivas. É a partir dela que surge a natureza religiosa do homem que é um aspecto especial e inerente à humanidade. Se não estivesse fundada na natureza das coisas teria sofrido resistências insuperáveis (DURKHEIM, 2003, p. 66).

Sendo assim, do mesmo modo que os fatos religiosos refletem uma certa sociedade – que constitui o campo de pesquisa da sociologia da religião – esses mesmos fatos também funcionam como espelho da psique humana. Isso sugere um círculo vicioso, uma vez que “a religião é uma vivência pessoal e também comunitária, pois sem o ser humano não há experiência religiosa” (CROATTO, 2001, p. 19). A psicologia da religião parte do pressuposto de que o sentimento religioso é uma elaboração do Eros básico do homem. Eros aqui entendido como a substância excretada na satisfação ou frustração dos desejos.

Abordaremos sucintamente duas correntes de pensamento que balizam os estudos das relações entre religião e psicologia, e que se constituem marcos teóricos fundamentais na análise dos aspectos subjetivos que agem sobre o rebanho de fiéis.

3.2.1 Freud

A primeira corrente – a que principiou os estudos das relações entre religião e psicologia – é marcada pelo criador da psicanálise, Sigmund Freud (1856 – 1939). Médico nascido em Viena, ele deixou clara sua aversão à religião. Curiosamente é um dos autores que mais teorizou sobre o assunto. Sua idéia é a de que a religião um produto negativo de conflitos ancestrais. Algo ocorrido ainda na fase remota do desenvolvimento do homem e que corresponde à horda primitiva, quando a morte do pai tirano pelos filhos – a fim de que pudessem possuir as mulheres da tribo – teria gerado um sentimento universal de culpa. Freud chamou esse sentimento de *Complexo de Édipo*, devido à semelhança da sua teoria ao *Édipo Rei*, tragédia grega escrita por Sófocles, por volta de 427 a.C. No *Mito da Horda Primitiva* o pai morto é representado pelo totem.

Para apagar as marcas do crime, o homem teria criado as leis de incesto e exogamia de modo a sublimar a imagem do pai na figura do totem. Assim, nas festividades totêmicas, redimiam o remorso pelo crime cometido em rituais libertadores.

A origem da religião não seria mais do que uma ilusão, similar ao sono, ao delírio, à neurose obsessiva, seria o reino do *imaginário* por excelência. Deus ocuparia o lugar de um imaginário “pai onipotente” (CROATTO, 2001, p. 20).

Os textos de Freud estão divididos em três categorias: os que tratam especificamente do fenômeno religioso; os que o fenômeno são indiretamente considerados e, por fim, os escritos que, embora não estejam relacionados à experiência religiosa, podem, por sua vez, oferecer subsídios para elucidar a psicodinâmica do fenômeno religioso. De modo que podemos classificar a obra de Freud em três modelos de compreensão do funcionamento psíquico quanto ao fenômeno religioso. O primeiro afirma que a prática religiosa segue a lógica psíquica da neurose obsessiva; o segundo traduz a religião como uma ilusão capaz de aliviar o homem frente ao terror da morte. O último diz respeito à dinâmica psíquica empregada na relação com o sagrado.

Seguindo o funcionamento da psique na lógica freudiana, a pessoa religiosa, e somente ela, estaria tentada por pulsões que estariam recalçadas. Escapando esses recalques, surgiria o impulso de realizá-las, desejo esse encarado como um ato pecaminoso pelos fiéis.

3.2.2 Jung

Outra vertente da psicologia sob o viés da religião surge através de Carl Gustav Jung (1875 – 1961), psicólogo suíço que se afastou da corrente freudiana em 1913. Ao contrário de Freud, a perspectiva sobre a experiência religiosa em Jung é positiva. Para ele, o fenômeno religioso tem origem nas entranhas do homem e não fora, no mundo, como acreditava Freud – idéia partilhada também por Durkheim, mas noutra disciplina, a sociologia. Por isso, Jung é tido como um rebelde da psicanálise ortodoxa de Freud e do médico vienense Josef Breuer, a partir dos estudos da dupla sobre a histeria.

Uma das conjecturas mais notável defendida por Jung é a existência de um inconsciente coletivo mais arcaico que o inconsciente individual. Trata-se de uma espécie de memória ancestral, de sedimentação da vivência das primeiras gerações dos seres humanos e que se manifestam em profundas marcas psíquicas, os quais ele chamou de arquétipos:

Os arquétipos do inconsciente seriam a fonte, tanto dos sonhos como dos mitos da religião (Jung sempre insistiu na associação entre uns e outros). De maneira que essa associação tem para ele um papel positivo: os mitos, como os sonhos, têm um papel estabilizador na constituição da personalidade (o Selbst ou “Si Mesmo”, diferente do “Eu”) (*Ibidem.*, p.21).

Ainda que Jung partilhe o mesmo ponto de vista de Freud sobre o consciente – algo como o leigo tem a respeito de si mesmo⁵⁶ – o inconsciente pessoal para ele é uma mistura do inconsciente e do pré-consciente freudianos. Ou seja, os conteúdos do inconsciente pessoal são acessíveis à consciência (Ego) e contém apenas os materiais que chegaram ao inconsciente como resultado das experiências pessoais do indivíduo e do “inconsciente coletivo” (PALMER, 2001, p. 125 – 149).

Em Jung, os arquétipos resultam dos mitos e das produções artísticas. Sendo assim, representam algo adquirido na experiência externa do indivíduo, que opera universalmente como força elementar presente na essência humana. No entanto, Jung não se preocupou com a existência ontológica de Deus, mas com sua existência como realidade psíquica, ou seja, “fenomenológica”. Para Jung, Deus é um fenômeno psíquico. E só. Ele descartava qualquer conotação transcendental ao termo. Jung se dizia um cientista empírico.

Nesta breve consideração, observamos que Jung contraria a definição do pai da psicanálise em vários aspectos, ainda que muito da estrutura psíquica freudiana tenha sido aproveitada na sua teoria. As imagens primordiais e universais comuns a toda a humanidade seria para Jung uma camada mais profunda do inconsciente, o *inconsciente coletivo*. De modo que os fatores psicológicos agem independentemente da experiência do indivíduo. São adquiridos através de uma memória refratária e ancestral, vinda de antepassados e que, portanto, o indivíduo

⁵⁶ A estrutura da psique em Freud contempla o Id, o inconsciente, zona onde residem idéias e lembranças obstaculizadas pelo consciente, o Ego. Por sua vez, esses obstáculos são acionados no Superego, ou seja, as normas externas que dizem respeito a moral e a ética necessária ao homem para viver em sociedade.

carrega no seu DNA. Por mais estranho que pareça às acepções acerca do Todo-poderoso a questão é que a experiência religiosa representa um campo aberto aos pesquisadores da religião de diversas áreas das ciências na busca de pistas que levem a decifrar o *numinoso* de Rudolf Otto, como ilustra Libório:

O problema de Deus e do nascer da “experiência religiosa” – se proveniente de dentro, de fora do homem ou de ambos – é uma questão aberta para todos os estudiosos da Religião, através das diversas ciências (antropologia, sociologia, psicologia, filosofia, teologia, etc.) que abordam a experiência que o homem faz do *numinosum*, em sua breve ou longa caminhada, na face da terra, em busca do pleroma tão sonhado consciente ou inconsciente por todos os povos e culturas das mais primitivas às mais cultas (LIBÓRIO, 2005, p. 75).

De modo que considerando os subsídios que buscam prover sentido ao fenômeno religioso e à experiência religiosa, distinguida nas correntes teórica de Freud e Jung – e de seguidores que trouxeram novas formulações e críticas à psicologia da religião, a exemplo do austríaco Victor Frankl⁵⁷, que considerava, entre outras coisas, que a psicanálise destruía a integridade da pessoa porque todo o pensamento psicanalítico seria materialista, atomístico e mecanicista –, vamos procurar interpretar as motivações que agem sobre a subjetividade dos fiéis por meio das técnicas de persuasão presentes no programa de tv *O poder sobrenatural da fé*.

Todavia, mesmo municiado de teorias fundamentais à compreensão da engrenagem mental, somado aos estudos interdisciplinares, como a sociologia durkheiana, marxista, e weberiana, temos a idéia de que possivelmente uma abordagem hermenêutica seja capaz de fornecer pistas para entender o que passa na cabeça daquele que crê. Do contrário, qual lógica move alguém a cruzar um pórtico de gesso na certeza de que fazendo isso vá se curar dos males que a aflige? Ou o que faz alguém no cair da tarde se prostrar diante a tv empunhando um copo de água na crença de que forças superiores irão interceder em seu benefício? Qual dentre as disciplinas da ciência positivista pode explicar os sentimentos e revelações que ocorrem no íntimo da pessoa que acredita piamente no poder transformador dessas ações? Paden afirma:

⁵⁷ Viktor Emil Frankl criou a *Logoterapia*, considerada a terceira escola vienense da psicanálise, que consiste na aplicação da psicoterapia a partir do espiritual.

Embora o esquema social seja revelador e útil, ele não desautoriza necessariamente outros níveis de explicação. Embora a teoria social veja a psique individual como parte da vida social, de muitos modos cada indivíduo é uma agente psicológico único por seu próprio mérito e, como tal, é claramente uma fonte organizadora de cultura. A criatividade individual, explicada em termos quer de um inconsciente, quer de personalidade, gerou boa parte do que consideramos grandioso ou poderoso na cultura. (...) A incongruência estar em sabermos que, do ponto de vista puramente sociológico, pode haver em nossa cultura outras interpretações que não a social. Estes níveis pertencem a variedades de sistemas simbólicos dentro da sociedade. A linguagem da sociologia é apenas uma entre outras interpretações que são dadas na compreensão hermenêutica do fenômeno religioso. A religião se torna um fenômeno completamente diferente quando enxergamos a religião através do prisma da psicologia, os deuses, divindades e crenças, assumem, então coloração e formas diferentes (PADEN, 2001, p. 86 – 94).

E a efervescência coletiva – as assembléias movidas a paixões que se manifestam nos templos neopentecostais – não se resume a contagiar somente indivíduos pertencentes a extratos mais humildes da sociedade: “Pessoas – maiormente mais controladas, sensíveis e mais maduras emocionalmente – vivem uma religiosidade mais profunda”(BARTHON; VAUGHAN apud LIBÓRIO, 2005, p.19). E é inegável, hoje, o bem-estar na saúde mental daquele que tem participação religiosa⁵⁸.

Diante tantos obstáculos que dificultam reunir ciência e religião, fazemos nossas palavras de Muller na defesa de uma hermenêutica sobre a questão:

(...) há de se estar aberto para deixar-se tocar pelo sagrado. Quem o estiver – e minhas reflexões pretendem ser um estímulo para isto – verá que isso lhe há de trazer um grande enriquecimento para a sua vida. Com isto, ele estará satisfazendo um anseio que é parte essencial da natureza de todo homem. (...) Na experiência do sagrado, eu entro em contato com um mundo que não

⁵⁸ As relações sociais que se criam nas igrejas podem afetar positivamente na longevidade de um indivíduo. Especificamente, o impacto do estresse na mortalidade é reduzido quando os "freqüentadores de igreja" buscam ajuda nos companheiros de cultos. Pesquisas anteriores sugerem que um maior envolvimento com a religião está associado com a saúde física e mental. Este envolvimento estaria relacionado a atividades como cantar, interagir com outros membros da religião, ouvir aos sermões, etc. estudos realizados por Dr. Neal Krause, da Universidade de Michigan, revelaram que o maior benefício de todos é o de cultivar amizades ou relações sociais com companheiros de culto. Krause comparou as respostas da pesquisa de três grupos de americanos com mais de 66 anos: os que são atualmente cristãos; cristãos que não praticam mais a religião, e aqueles que nunca estiveram associados a nenhum tipo de crença. Os dados mostraram que dar um suporte emocional para outro membro de congregação faz com que os problemas econômicos minimizem, baixando o risco de mortalidade. É interessante notar que este benefício não é recíproco: aqueles que receberam o suporte emocional não apresentaram mudanças significativas nos riscos de mortalidade. Disponível na internet: www.geron.org. Acesso em 17 mai. 2008.

conheço a não ser através da imaginação. Jamais o hei de ver – pelos menos enquanto estiver vivo. Jamais o poderei tocar. E, no entanto, ele existe (MULLER, 2004. p. 9 – 25).

Podemos considerar a pluralidade religiosa e o processo de secularização como agentes predominantes no surgimento de novas formas de cultivar a fé. Isso se constata pela perda de espaço do catolicismo para as doutrinas protestantes no país que vem ocorrendo há tempos e se acentuou com o surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus. Como vimos, a dissolução do antigo corpo eclesiástico da Universal fez surgir novas congregações como a Igreja Internacional da Graça de Deus e a IMPD.

3.3 Secularização

Assunto de acaloradas discussões, sobretudo no domínio teológico, a secularização já era um termo utilizado no século 17 para referir o abandono do sacerdócio ou da vida religiosa, conforme figura no tratado de Vestefália, em 1648. No seu sentido semântico, vem de *saeculum* que no latim pode significar geração, com duração de cerca de 30 anos, idade, época, raça, estirpe, moda dos tempos, posteridade ou paganismo e vida mundana. No latim eclesiástico, a partir de informação do padre e professor de filosofia, Anselmo Borges⁵⁹, o termo passou a conotar “o espírito do mundo” ou “a vida do mundo”. Luiz Gonzáles-Carvajal, que faz a história do termo, afirma que já no século 19 passou a assumir um significado cultural, designando “um processo de mundanização vivido pela sociedade no seu conjunto”⁶⁰.

Se não falta quem a condene – pois estaria na base do afastamento das pessoas aos princípios da religião –, outros saúdam-na como condição da purificação religiosa. Desse modo, a secularização ganha sentido elástico, mas que converge para uma só direção. Assim da mesma forma que pode ser vista como eclipse do sagrado, autonomia do profano, privatização da religião, mundanização das igrejas, retrocesso das crenças e práticas religiosas, pode também ser interpretada como uma conseqüência natural da evolução do cristianismo. Neste aspecto Borges sublinha que:

⁵⁹ Diário de Notícias Online, edição de 04/jun/2006. Acesso em 19 mai.2007. Disponível no site www.dn.sapo.pt/

⁶⁰ *Ibidem*.

Na perspectiva bíblica, o Deus transcendente pessoal cria o mundo a partir do nada e por um acto de pura liberdade de amor. A criação assim entendida implica uma diferença qualitativa infinita entre Deus e a criatura e a real autonomia do mundo, que é mundano e não divino, e é o fundamento da aliança do Deus-Liberdade com homens e mulheres livres. Se Deus cria a partir do nada, por amor e não por necessidade, então não há rivalidade nem concorrência de interesses entre Deus e a criatura. Pelo contrário, a vontade de Deus é a realização plena do homem: quanto mais vivo e realizado for mais Deus é glorificado. Assim, a secularização no sentido de emancipação da razão autônoma e das esferas temporais tem fundamentos bíblicos e pertence à dinâmica adulta do cristianismo⁶¹.

Contudo, enquanto nos círculos ligados às igrejas tradicionais tem sido associado a um modo equivalente de paganismo ou descristianização, nos meios anticlericais e progressistas ganha o significado de “libertação do homem moderno da tutela da religião” (BERGER, 1985, p. 118). Apesar da ambigüidade presente na aceção do termo representar um desafio para o historiador ou sociólogo em descrever o fenômeno empírico sem assumir uma posição valorativa, é possível investigar suas origens históricas sem levar em conta se é um processo próprio do desenvolvimento ou degenerescência do cristianismo. Essa distinção é observada por Berger:

Uma coisa é sustentar que há uma relação de casualidade histórica entre o cristianismo e alguns traços do mundo moderno. Outra, completamente diferente, é dizer que, “portanto”, o mundo moderno, inclusive seu caráter secular, deve ser tido como uma certa realização lógica do cristianismo (*Ibidem.*, p. 119).

A secularização vai além de um processo estrutural da sociedade porque afetou o esteio das instituições que a sustentavam. Na história ocidental moderna, a secularização representou a separação entre a Igreja e o Estado. Foi um processo de laicização que trouxe no seu bojo a expropriação das terras da Igreja e a emancipação do poder eclesiástico sobre a educação.

Por secularização entendemos o processo pelos quais setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos.(...) ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência, como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular, do mundo (*Ibidem.*, p. 119).

⁶¹ *Ibidem.*

Quando dissemos que a secularização representa um fenômeno que ultrapassa as camadas que constituem a estrutura da sociedade é porque afetou também a consciência do indivíduo, no instante em que se viu de frente com a questão de como encarar o mundo sem contar mais com os recursos das interpretações religiosas. Essa manifestação da secularização em nível da consciência, chamada “secularização subjetiva”, tem seu correlato sócio estrutural, ou seja, com a “secularização objetiva”. Sendo o homem não muito seguro acerca dos assuntos religiosos e das questões espirituais, passa a ser assediado por uma vasta gama de tentativas de definição da realidade desse mundo e fora dele. E isso nos leva a outras questões abertas na modernidade.

Podemos, então, concluir que há uma crise de credibilidade na religião e um dos efeitos mais notados dessa crise é o processo da secularização. Contudo sua distribuição não é uniforme. Há zonas geográficas e grupos populacionais mais vulneráveis à sua ação do que outras. Assim, as cidades são atingidas mais fortemente do que as áreas rurais, as classes diretamente vinculadas à moderna produção industrial estão mais sujeitas que agricultores e pequenos comerciantes, protestantes mais que católicos, e por aí vai. Berger pontua um aspecto peculiar de um resumo sucinto feito por Thomas Luckmann sobre o assunto:

É possível dizer, com alguma segurança, com base nesses dados, que a religiosidade ligada à Igreja é mais forte (e assim, de alguma forma, a secularização sócio-estrutural o é menos) nas áreas marginais da sociedade industrial moderna, tanto em termos de classes marginais (como nas velhas pequenas-burguesias remanescentes), quanto em termos de indivíduo (como nos que estão fora do processo de trabalho) (*Ibidem.*, p. 120).

Para nós o problema da plausibilidade e do pluralismo religioso não representa nada além que sedimentos do despojo do magma expelido nas contínuas erupções provocadas pela secularização. Se ela não conseguiu até agora eliminar Deus da vida humana, estilhaçou a noção do sagrado como um espelho que se parte e passa então a projetar não uma, mas muitas imagens em vários pedaços. Os fenômenos de plausibilidade e do pluralismo são claramente evidenciados no Brasil, país de maioria católica onde se avança o protestantismo em sua forma pós-moderna suprimindo pontes transcendentais – como sacramentos e a intercessão de santos – e abrindo outro canal de relação explícita com Deus.

O protestantismo aboliu a maior parte dessas mediações. Ele rompeu a continuidade, cortou o cordão umbilical entre o céu e a terra, e assim atirou o homem de volta a si mesmo de uma maneira sem precedentes na história. Não é preciso dizer que não era essa sua intenção. Seu objetivo, ao despir o mundo de divindade, era acentuar a terrível majestade de Deus transcendente e, ao atirar o homem num estado de “queda” total, abri-lo à intervenção da graça soberana de Deus, o único verdadeiro milagre no universo protestante (*Ibidem.*, p. 124).

Contudo é preciso achar algo que una o mais comum dos mortais, suas queixas e súplicas, às dádivas e o Reino dos Céus que agora não está sobre as nuvens, no pós-vida. Não se trata mais de uma promessa invisível de recompensar as agruras da vida pela fé. O indivíduo moderno reclama a resolução das suas angústias e dos seus problemas materiais deste mundo, de modo imediato e tangível aos seus sentidos, uma palavra que se possa acreditar, que seja convincente, que faça mover a esperança adormecida no fundo da sua alma, alguém que o sacuda e desperte. Esta mediação é feita através da figura do pastor neopentecostal.

Em *Rumor de Anjos*, Berger aprofunda a sua análise sobre a secularização dando uma nova interpretação às idéias sobre a descoberta do sobrenatural na sociedade moderna. O próprio autor revelou, certa vez, que o livro é fruto de uma certa insatisfação sua a cerca do *O Dossel Sagrado*, considerada sua obra máxima. Nela o autor afirma que quanto mais cresce a consciência sobre a imensa variedade do pensamento e da ação humanos, mais se colocam em proporção os ideais e instituições que se apresenta sob o verniz de modernidade. E acrescenta o

quão relativa é a visão de mundo da secularidade moderna (...) as tradições religiosas foram reinterpretadas de modo a legitimar esta ou aquela finalidade secular – socialismo, feminismo, consciência negra, meio ambiente ou o que se quiser (...) Ainda não vejo sinais de que esta onda de idéias secularizantes exauriu-se (BERGER, 1997 p. 86 – 120)

A onda secular expandiu-se pelo mundo todo paralelo a modernização. Os dados empíricos se referem na maior parte das vezes às manifestações sócioestruturais da secularização e pouco nos dizem sobre a secularização da consciência, “mas temos dados suficientes que indicam a presença maciça desta última no ocidente contemporâneo” (*Ibidem.*, p. 121). Dessa forma, seus efeitos têm a ver com a dinâmica do capitalismo industrial, o sistema econômico reinante nesse lado do planeta. Isso nos remete a questão sobre o alcance que tem o conteúdo do discurso oficial do capitalismo – promovido e executado pela propaganda – a favor dessas forças.

Alcance esse que se projeta através dos avançados meios de comunicação para disseminar tanto as idéias anticlericais como as que têm a função de persuadir o público a aderir certos estilos de vida concomitantes com a dinâmica da sociedade atual.

A busca da preferência do consumidor e a conquista de mercados por parte das organizações são questões intrinsecamente ligadas ao capitalismo. Segundo dados do IBGE⁶², nove em cada dez residências no Brasil têm televisão. Este eletrodoméstico que entrou na vida dos brasileiros em 1950 voltou a ser, de acordo com as estatísticas do comércio, o equipamento preferido pelo consumidor. No Natal de 2007 as vendas de televisores superaram a dos celulares, que liderava absoluto nos últimos anos. Talvez aí resida o fato da televisão continuar sendo nos dias atuais o meio preferido e mais cortejado pelas igrejas, sobretudo, as de histórico reformista, na propagação de sua doutrina.

Há pelo menos uns cinquenta anos, o papel particular desempenhado pelo protestantismo no estabelecimento do mundo moderno intriga os estudiosos da história e da sociologia. Enquanto o universo católico ao longo desse período se manteve em sua, digamos, plenitude, o protestantismo mutilou radicalmente elementos considerados essenciais do cristianismo primitivo já cambaleante em ver certos dogmas caírem por terra pela ciência. Ainda que a reforma tenha imprimido mais mobilidade e poder de adequação às igrejas protestantes, observa-se que – e isso serve de exemplo o Brasil – elas não puderam manter-se solidamente acomodadas num bloco homogêneo e se repartiram em várias vertentes (os batistas, presbiterianos, luteranos, metodistas, pentecostais, etc.).

Se o protestantismo evangélico absorveu uma parcela de fiéis suprimindo nas últimas décadas o espaço do catolicismo no campo religioso brasileiro, por outro lado fragmentou-se em várias organizações religiosas. Surgido no país na segunda metade do século passado, o movimento neopentecostal veio acirrar ainda mais a disputa pela preferência dos fiéis. E não mede esforços para conquistar novos adeptos, ainda que para isso tenha que se valer de uma mecânica semelhante como a que move as empresas e organizações com fins lucrativos na

⁶² Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontam que 93,5% dos domicílios no Brasil, em 2006, eram equipados com televisão. Consultar www.ibge.gov.br. Acesso em 26.set. 2008.

atração do mercado consumidor. Eis aí a função maior da propaganda religiosa através da televisão.

Vimos que o progresso da IMPD a ver com a eficácia com que seu proselitismo atinge as camadas menos afortunadas da sociedade, pela ação das igrejas e mais que tudo através da transmissão de um programa de tv. Estatísticas indicam que as camadas mais simples da sociedade são mais vulneráveis a influências por questões relacionadas à renda e escolaridade os quais são flagrantes nas massas que aderem à doutrina pentecostal.

A pesquisa *Novo Nascimento*, realizada pelo ISER no Grande Rio em meados dos anos 90, revelou que: 61% dos pentecostais recebiam até dois salários mínimos, 29% entre dois e cinco e apenas 10% ganhavam mais de cinco salários; 42% tinham menos de quatro anos de escolaridade, 35% entre cinco e oito anos e 23% nove ou mais de formação escolar (...) Comparadas às da população em geral, a renda e escolaridade dos pentecostais são muito inferiores (MARIANO, 1999, p. 12).

Seu forte apelo popular para a cura geralmente espelha os problemas cotidianos enfrentados pela maioria dos moradores da periferia dos centros urbanos. Esta estratégia, contudo, não faria sentido sem a atmosfera espetaculosa que envolve os ritos religiosos da IMPD e o carisma do apóstolo Santiago. A ele se atribuí a cura de doenças fatais como a aids e a lepra. São inúmeros depoimentos de fiéis que todos os dias no programa *O poder sobrenatural da fé* afirmam ter sido curados. E aqui correlacionamos alguns aspectos mágicos que se acham no neopentecostalismo praticado pela IMPD.

3.4 *Acerca dos dons do mágico*

Nos cultos exibidos no programa televisivo da IMPD os milagres têm destaque. A eles se reserva boa parte do tempo pelo forte teor emotivo das cenas. Cegos voltam a enxergar, aleijados largam a muleta e pulam em frente às câmeras. Todos querem tocar o apóstolo que transpira abundante. Alguém atira um lenço. Santiago se curva, pega, enxuga atrás do pescoço e o atira de volta à multidão. Surge um mar de mãos espalmadas no ar como num bloqueio defensivo de um time de vôlei. Pois o seu suor é unguento.

Impressiona o fascínio que o apóstolo exerce sobre a massa e a ocorrência de fenômenos estranhos durante os cultos. Sobre o poder dos mágicos, Mauss diz:

Atribuem-se quase sempre aos mágicos uma destreza e uma ciência pouco vulgares. Uma teoria simplista da magia poderia especular a respeito da sua inteligência e malícia, para explicar, por invenções e por fraudes, todo o seu aparato. (...) Além desse poder geral sobre as coisas, o mágico possui, sobre si mesmo, poderes que são sua força principal. (...) a esse respeito, o que mais fala à imaginação é a facilidade com que o mágico realiza tudo quanto quer. Ele tem a faculdade de, na realidade, evocar muito mais coisas do que é possível sonhar. Suas palavras, seus gestos, o seu piscar de olhos, seus próprios pensamentos são poderes. Toda a sua pessoa emana eflúvios, influências às quais cedem a natureza, os homens, os espíritos e os deuses. Sua vontade faz com que execute movimentos de que os outros são incapazes (MAUSS, 1974, p. 62 – 63).

As câmaras estrategicamente posicionadas registram tudo. As melhores cenas serão editadas para exibir na tv e para a produção de DVDs. Os milagres e as manifestações populares de veneração e respeito dirigidas ao apóstolo potencializam o convencimento do telespectador em relação à eficácia da IMPD. Ele age naturalmente, tem intimidade com as câmeras. Como um animador de auditório domina a platéia, sabe o que ela quer e promove o espetáculo. Às vezes grita, exalta os fiéis e, após mais um depoimento sobre alguma graça alcançada, exclama e pergunta: “Oh Deus maravilhoso!!! Ainda tem alguém aqui quem ache que eu não sou um enviado de Deus?”⁶³. Então cai de joelhos, cerra os olhos, o suor escorre a testa. A platéia vai ao delírio. Os fiéis mais exaltados têm de ser contidos pelos obreiros. Alguém fura o cerco e o agarra. Santiago se recompõe, enxuga o rosto com outro lenço atirado no altar e exclama emocionado novamente: “Oh Deus maravilhoso!!!”⁶⁴. Afrouxa a gravata, a camisa ensopada colada ao corpo, está ofegante. Mais um mar de mãos acena para ele. A multidão se comprime contra a barreira de obreiros. É o ápice extático. Então, tal qual um pastor secularizado, pós-moderno e midiático pede a oferta e, imediatamente, alguém se pronuncia. Os obreiros se apressam para recolher o dinheiro. Sobre a oferta, Callois observa:

O suplicante não imagina, então, para constranger aquelas a lhe concederem essas graças, nada melhor que tomar ele próprio a dianteira fazendo-lhes uma dádiva, um sacrifício, ou seja, consagrando, introduzindo a sua custa no

⁶³ Trecho extraído do programa **O poder sobrenatural da fé**, Rede TV. Exibido em: 22 nov. 2007.

⁶⁴ *Ibidem*.

domínio do sagrado algo que lhe pertence e que ele abandona, ou que se encontrava à sua disposição e em relação ao qual ele renuncia a qualquer direito. Assim, as potências sagradas, que não podem recusar esta oferta usurária, tornam-se devedoras do donatário, ficam ligadas pelo que receberam e, para não continuar em dívida, devem conceder o que se lhes pede: benefício material, virtude ou remissão de uma pena. A ordem do mundo encontra-se então restabelecida. Pelo sacrifício, o fiel passou a ser credor e espera que as potestades que ele venera liquidem a dívida que contraíram para com ele satisfazendo as suas súplicas (CALLOIS, 1998, p. 23).

O caráter mágico do apóstolo Santiago e dos bens simbólicos que oferta – unguentos, elixires, bálsamos, rosas unguidas e outros – são apresentados como produtos capazes de solucionar todos os males, desde dor-de-dente até moléstias fatais. Prestam também para resolver conflitos conjugais e financeiros. Constantemente a IMPD promove campanhas para arrecadar fundos e financiar a abertura de novos templos e a produção do seu programa de tv. Assim, solicita um esforço adicional dos fiéis, por exemplo, para ofertar em dobro o dízimo, deixando claro – para não contradizer o preceito bíblico – que metade é para Deus, a outra, para a igreja, mas com garantia do “retorno multiplicado do dinheiro”⁶⁵.

Para legitimar os supostos poderes sobrenaturais dos produtos sagrados que são ofertados, os pastores da IMPD costumam realizar ritos antecipadamente anunciados em locais afastados, morros e colinas nas zonas periféricas das cidades. Essas manifestações ocorrem geralmente às sextas, sempre ao nascer do dia. Pois, foi num monte que Deus falou a Moisés e, também, ao apóstolo Santiago:

A Igreja Mundial é fruto de uma oração no monte. Há nove anos, em uma madrugada, subi ao monte de São Roque (interior de São Paulo e falei com o meu Deus e Ele falou comigo que a obra que ele colocaria sob a minha responsabilidade seria muito grande (...) Deus falou comigo que Ele estava procurando uma pessoa corajosa, que não se dobrasse e que sabia que podia contar comigo. Por isso, Ele daria um grande Ministério, uma grande Obra em minhas mãos. Ele falou isso comigo⁶⁶.

Locais e dias determinados são condições para a realização dos ritos, conforme atesta Mauss:

⁶⁵ Trecho extraído do programa **O poder sobrenatural da fé**, Rede TV. Exibido em 23 nov. 2007.

⁶⁶ **Revista mundial sem limites**. Ano I, n.1. Abr. 2007. p.17

O momento em que o rito se deve cumprir é cuidadosamente determinado. Certas cerimônias devem ser celebradas à noite, até mesmo em determinadas horas noturnas, como, por exemplo, à meia-noite; outras em certas horas do dia, ao pôr ou nascer do sol; os dois crepúsculos são especialmente mágicos. Os dias da semana também não são indiferentes; a sexta-feira, sem exclusão dos outros dias, é o dia do sabá. Desde que houve semana, o rito foi fixado num dia determinado (MAUSS, 1974, p. 62 – 63).

Neste capítulo procuramos analisar as mediações da economia, sociologia psicologia e, até mesmo, da magia com a doutrina neopentecostal. Mantivemos o foco de nossas observações direcionado ao nosso objeto de estudo com vista a identificar correlações entre essas disciplinas que possam fornecer pistas para uma melhor compreensão do fenômeno que representa o surgimento da IMPD no campo religioso brasileiro.

Vamos agora nos debruçar na análise da mecânica operacional subjetiva que justifica a existência da IMPD como organização religiosa pós-moderna, cuja força de atração se concentra na retórica, ou seja, nas técnicas persuasivas, aliadas a traços de sugestão hipnótica, utilizadas em sua prelação doutrinária que ganha os lares de milhões de brasileiros através do *O poder sobrenatural da fé*.

4. A RETÓRICA DO SOBRENATURAL NA TV

A pós-modernidade está repleta de contradições e os modelos estereotipados de comportamento são como nunca antes largamente veiculados por incríveis meios de comunicação com vista a atrair as massas consumidoras aos propósitos das empresas e instituições. Este é o campo em que predomina a propaganda comercial que funciona como se fosse o discurso oficial do capitalismo. A propaganda evoluiu bastante e ampliou seu magnetismo com o avanço da tecnologia da informação. Contudo o seu propósito principal permanece inalterado através dos tempos. Talvez a tentativa de influenciar a opinião alheia tenha surgido tão logo o homem pronunciou as primeiras palavras.

4.1 Conceitos de propaganda, publicidade e certas questões de retórica

O dicionário Oxford define propaganda como “*uma associação ou projeto para propagar uma doutrina ou prática*”. A palavra tem origem no latim *propagare*, que significa plantar ou semear plantas no solo. Foi utilizada pela primeira vez, de forma oficial, digamos, em 1633, pelo Papa Urbano VIII ao enviar uma missão de cardeais para divulgar o cristianismo mundo afora (Cf. BROWN, 1971, p. 12).

Brown nos traz as definições formuladas por dois psicólogos de importantes centros acadêmicos dos Estados Unidos. O primeiro, Kimball Young, do Queens College, em Nova York, define propaganda como sendo

o uso mais ou menos deliberadamente planejado e sistemático de símbolos, principalmente por meio de sugestão e de técnicas psicológicas correlatas, tendo em mira alterar e controlar opiniões, idéias e valores, e em última análise mudar ações ostensivas segundo linhas predeterminadas. A propaganda pode ser ostensiva e de finalidade evidente, ou pode ocultar sua intenção. Ela sempre se situa dentro de determinado quadro sócio-cultural, sem o qual seus aspectos psicológicos e culturais não podem ser entendidos (*Ibidem.*, p. 21).

Leonard W. Doob, da Universidade de Yale, sugere uma definição abreviada de Young. Propaganda. Para ele, propaganda é

uma tentativa sistemática por um indivíduo (ou indivíduos) interessado(s) de controlar as atitudes de grupos de indivíduos mediante o uso de sugestão e, conseqüentemente, controlar-lhes as ações (*Ibidem.*, p. 21).

Parece-nos correto o princípio no qual a propaganda consiste na propagação de uma crença ou prática com intuito de influenciar as atitudes emocionais do público receptor da mensagem. Já a publicidade – ainda que dicionários da língua portuguesa a tenham como sinonímia da propaganda⁶⁷ – está a serviço do mercado. Propaganda diz respeito à propagação de doutrinas e ideologias. Portanto está ligada a crenças e idéias. Já a publicidade nada mais é que a propaganda comercial cuja função é informar, esclarecer e induzir o consumidor à compra de um determinado serviço ou produto. Por outro lado, um elemento comum se apresenta tanto na propaganda quanto na publicidade e sem o qual ambas ficariam privadas de função. Falamos da retórica, ou melhor, dos mecanismos utilizados para dar as palavras dimensão de verdade: a persuasão.

Uma das disciplinas mais antigas, com mais de 2000 anos, a retórica teve tempo suficiente de se desenvolver e oferecer uma diversidade metodológica muito abrangente. Não se destina aqui construir uma análise da retórica, ainda que certos pressupostos teóricos tenham contribuído no desenlace da pesquisa. Optamos, então, em não nos prendermos a minúcias da lingüística que exigem um estudo da retórica. Caso contrário, independentemente de qual modelo aplicado, exigiria um enorme esforço de analisar os cânones da retórica e outros aspectos relacionados às categorias da linguagem figurativa que não priorizamos no momento. Todavia, o viés histórico e as modalidades discursivas da retórica transformadas ao longo do tempo serão investigados na continuidade natural da nossa pesquisa. O que importa agora é tentar trazer alguma contribuição aos estudos interdisciplinares sobre religião no país, apor meio de uma análise acerca dos motivos que levam uma denominação, com apenas dez anos de existência, afigurar-se como sendo mais uma organização neopentecostal a ocupar espaço no disputado campo religioso brasileiro.

⁶⁷ Os dicionários Aurélio Buarque de Holanda e Houaiss da língua portuguesa apresentam propaganda e publicidade como palavras sinônimas.

O crescimento da Igreja Mundial do Poder de Deus⁶⁸ se credita a duas características principais: o uso sistemático da televisão e o desempenho do fundador e líder, apóstolo Santiago, em frente às câmeras. Contudo, questões relacionadas à retórica pontuaram a análise dos atos de persuasão⁶⁹, ainda que estivessem restritas ao objeto de estudo, que definimos contextualizado como sendo uma congregação pós-moderna, secular e anti-secular ao mesmo tempo e que faz uso do mais potente meio de comunicação no país para persuadir as massas à sua crença.

Sendo assim, a retórica se situa aqui, digamos, num segundo plano por se achar focada na pesquisa justamente naquilo que lhe é próprio – a persuasão. Mas não se pode dizer que a retórica seja idêntica à persuasão. “Cabe a ela verificar quais os mecanismos utilizados para se fazer algo ganhar a dimensão de verdade (...) no concernente a uma dada questão, descobrir o que é próprio para persuadir” (CITELLI, 1985, p.10). É fundamental, então, situar a persuasão em nosso trabalho.

Não se pode afirmar que persuadir seja o mesmo que convencer. Assim como há distinções entre propaganda e publicidade, igualmente ocorre com as duas palavras. Uma simples analogia resume a diferença entre elas: persuadimos uma criança a tomar sorvete enquanto pretendemos convencê-la de que comer vegetais é bom para saúde. Logo a persuasão tem a ver com processos cognitivos, alude a um conhecimento nato ou socialmente adquirido. Tem algo a ver com nossa natureza instintiva – que busca prazer e conforto. E também se correlaciona com o assentimento espontâneo do indivíduo. Já convencer remete a ação. Convence-se alguém a pensar ou agir de um modo por meio de argumentos lógicos ou especulativos. Então, tem-se aí disparidade de conceitos.

⁶⁸ Devido o crescimento da IMPD, bispos e pastores consultados não souberam fornecer dados aproximados sobre o contingente de fiéis na congregação. A dificuldade em obter essa informação se deve ao contínuo surgimento de novos templos. No período de 09 ago. 2008 a 07 set. 2008, 14 igrejas tinham sido inauguradas no país. Informação obtida no site www.impd.com.br. Acesso em 14 de ago. 2008.

⁶⁹ Há uma multiplicidade de empregos para a palavra retórica que abraça vários modelos de análise. Para fins de pesquisa investiga-se o ato de persuadir, a análise dos atos de persuasão ou se elabora uma cosmovisão sobre o poder persuasivo do discurso. A aplicação desses modelos foi feita por Joan Leach e pode ser vista em BAUER, Martin; GASKELL, George, 2002. p. 293.

A pertinência em apontar as diferenças entre propaganda e publicidade, e persuasão e convencer, reside diante a necessidade de certos esclarecimentos de ordem conceitual na construção de uma análise a partir de recortes extraídos do programa televisionado da IMPD, *O poder sobrenatural da fé*, e da metodologia empreendida para otimizar essa investigação.

Pelo objetivo doutrinário o qual se presta o programa trata-se, portanto, de um meio de propaganda da igreja. Contudo, isso não impede que haja publicidade no seu conteúdo. A venda de saquitéis, toalhas e unguentos apresentados como produtos dotados de poderes sobrenaturais não exclui a natureza comercial desta atividade mesmo envolvendo bens simbólicos. Mas, ninguém é convencido a comprar um pedaço de pano mágico através de argumentos lógicos. É persuadido a isso.

Alguns referenciais teóricos foram úteis para nortear a pesquisa. Por se tratar de um mecanismo empregado na linguagem – com fim ou não ideológico –, a persuasão está inseparável do discurso. Tomamos de partida então o modelo aristotélico do *Organum*. Nesse modelo, o filósofo grego Aristóteles⁷⁰ classifica o discurso em quatro categorias de veracidade: analítico, dialético, poético e retórico. De modo resumido, o primeiro toma partido daquilo que é certo, ou seja, universalmente aceito; o segundo, explora argumentos prováveis, mas sem fugir à coerência lógica; já o poético tem a imaginação como meio para atrair o público (Cf. ARISTÓTELES, 2006). Por fim, o discurso retórico, capaz de conduzir à platéia a uma conclusão verossímil a partir das próprias convicções por meio da persuasão. Este particularmente nos interessa.

Uma preocupação do discurso persuasivo é provocar reações emocionais no receptor. Almeja levar alguém a fazer algo por livre-arbítrio ou pela identificação com aquilo que lhe foi dito. Nesse caso o objetivo do emissor é premeditado. Ele procura se corresponder com o receptor de modo a persuadi-lo a fazer uma determinada ação por vontade própria, seja através de sentimentos enraizados na mente dele ou por não haver alternativa que contraponha a sugestão que chega a reboque da mensagem.

⁷⁰ A Arte Retórica de Aristóteles, escrito por volta de 338 a.C. é uma das obras mais importantes sobre retórica e persuasão. Compostas de três volumes constitui uma indispensável fonte de pesquisa para o estudo da estrutura do discurso na linguagem.

Persuadir, antes de mais nada, é sinônimo de submeter, daí sua vertente autoritária. Quem persuade leva o outro à aceitação de uma dada idéia. É aquele irônico conselho que está embutido na própria etimologia da palavra: per + suadere = aconselhar (CITELLI, 1985, p.13).

Por ora nos interessa ver até onde certas técnicas de aliciamento verbal são articuladas no discurso institucional da IMPD e como se agregam aqueles elementos de justificação ideológica que se acham presentes em seu repertório. Acreditamos que – bem além do vago engodo de pura enganação que permeia o assunto – há na arte de persuadir um apelo de comando implícito por parte do emissor e uma necessidade de obedecer por parte do receptor. Eis o motivo de previamente termos vistos aspectos referentes à ideologia, a teoria de dominação de Weber e àqueles pertencentes ao campo da psicologia relacionados com religião.

4.2 Metodologia

A metodologia aplicada na pesquisa se baseou nas estratégias de propaganda denominadas como técnicas de persuasão por James Brown. Concebida na década de sessenta do século passado se apresenta ainda atual ao ser empregada na análise de um programa de televisão cuja finalidade é persuadir pessoas a ingressar numa denominação religiosa. Para Brown o que regula e torna eficiente a propaganda é a sugestão.

O mecanismo fundamental empregado por todas as formas de propaganda é a sugestão, que pode ser definida como a tentativa de induzir em outros a aceitação de uma crença específica sem dar razões por si mesmas evidentes ou lógicas para essa aceitação, quer elas existam ou não. (...) por isso, a sugestão, apesar de arma poderosa, só será provavelmente eficaz quando o propagandista for capaz de dar a impressão de que o que ele defende está de acordo com as crenças já existentes, ou quando a sugestão por ele apresentada for relativamente superficial e não oferecer qualquer ameaça às convicções de seu público (BROWN, 1971, p.24).

Segundo ele, determinadas técnicas empregadas na propaganda são particulares ao comportamento humano.

Ninguém, porém, pode criar emoções ainda não existentes e o propagandista limita-se a evocar ou estimular as atitudes adequadas a seu fim entre todas as existentes em seu público, atitudes essas que podem ser inatas, porém mais usualmente são socialmente adquiridas. Como todas as motivações básicas do homem são condicionadas emocionalmente, o

especialista recorrerá amplamente ao amor, raiva, medo, esperança, culpa, e quaisquer outros sentimentos, emoções e impressões úteis ao que tem em vista (*Ibidem.*, p. 24 – 25).

E percebemos certos componentes intrínsecos à sociologia weberiana e da psicanálise freudiana em suas convicções. Tal quando afirma que

... outras lições que o candidato a manipular pessoas tem de aprender o valor do apelo à autoridade, pois poucos de nós escapam ao condicionamento arcaico de submissão a um pai ou mãe poderoso, ou a uma figura substituta dos pais, o que nos torna inclinados a dar ouvidos ou mesmo a imitar exemplos posteriores (...) a maioria das pessoas deseja considerar os problemas simples e não complexos, deseja ter seus preconceitos confirmados, deseja sentir que pertence a alguém e precisam culpar um inimigo para justificar suas frustrações (*Ibidem.*, p.25 – 29).

Em seu modelo, Brown esquematiza oito estratégias de persuasão empregadas na propaganda que ocultam a sua intenção verdadeira que é alcançar pela sugestão os resultados preconizados no discurso. São elas:

- Emprego de estereótipos
- Substituição de nomes
- Seleção
- Mentira
- Repetição
- Afirmação
- Apontar o inimigo
- Apelo à autoridade.

De agora em diante nosso exercício será aplicar o modelo browniano – associando as técnicas persuasivas acima discriminadas – ao conteúdo do programa *O poder sobrenatural da fé*. Veremos que certas falas e diálogos reproduzidos se ajustam facilmente em duas ou mais

estratégias, como também alguns aspectos relativos a neurolinguística e hipnose serão úteis como embasamento na análise. Certos trechos foram mantidos na íntegra com vista a dar uma maior dimensão textual. Isso justifica a transcrição longa de algumas cenas.

4.3 Dados de pesquisa

O material pesquisado consiste em quatro programas *O poder sobrenatural da fé*, gravados na íntegra em DVD, que foram levados ao ar das 5h às 8h30 da manhã, entre os dias 18 a 21 de março de 2008, em cadeia nacional, através do canal pago de assinatura Rede TV. Um programa tem duração de três horas e meia, o que totalizou a análise de catorze horas de fala e imagem.

Por razões de comodidade técnica e afim de não perder o papel que o auditório representa como instância legitimadora da práxis da IMPD, a transcrição do formato das cenas procurou ser a mais crível possível e foi simplificada para facilitar a compreensão do leitor. Sendo assim, adotamos os termos “discurso”, “orador” e “auditório” para que seja entendido como argumentação,

aquele que apresenta e aqueles a quem ela se dirige, sem nos determos no fato de que se trata de uma representação pela palavra ou pela escrita, sem distinguir discurso em forma e expressão fragmentária do pensamento (PERELMAN, 1996, p. 7).

Em conformidade com as pesquisas de audiovisuais foram aplicados métodos da análise de imagens em movimento, a fim de que as cenas selecionadas fossem reproduzidas da forma como aconteceram, ou melhor: sob interferência menor da parte do pesquisador. Com esse propósito alguns diálogos mais relevantes foram transcritos integralmente e outros descartados pela sua inviabilidade. Assim, os quadros regionais produzidos pelas representações da IMPD nos estados, a agenda de cultos, leitura de cartas, e-mails e telefonemas dos telespectadores foram suprimidos da pesquisa. A pesquisa priorizou a grade nacional do programa composta de vinhetas e prelações do apóstolo em estúdio e cultos.

A seleção das entrevistas feitas pelo líder da IMPD e os testemunhos dos fiéis durante os cultos foram descritos de maneira que a translação fosse reproduzida no formato mais convencional. Optamos então transcrever os trechos e diálogos pelo modelo usual de roteiro para audiovisuais. As correções foram mínimas. Por isso, eventuais atropelos da gramática foram mantidos. Óbvio que esse recorte – e o próprio processo de translação – implicou decisões e escolhas. E o autor está ciente do risco de ter deixado passar algum dado valioso. Porque o “que se foi deixado fora não é menos importante quanto o que está presente” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 343). De modo que procuramos transladar da forma mais explícita possível, dentro de nossos recursos, peculiaridades da fala e aspectos visuais considerados importantes na descrição das imagens selecionadas tais como cenário, pausas, hesitações na fala, efeitos especiais, luz e sonorização.

A descrição das cenas foi estruturada em duas colunas: áudio e dimensão visual. A data da gravação está identificada na parte inferior da tabela. As imagens são intermediadas pelos ângulos de câmera, haja vista que embora existam várias possibilidades de manejar a câmera, a televisão continua a fazer uso de algumas das mais usuais convenções da fotografia⁷¹. Somente foram roteirizados aqueles contextos cuja comunicação não verbal falasse mais que a verbal. O enunciador é apontado nas vinhetas e diálogos, mas suprimidos quando fica evidente tratar-se do líder da IMPD, apóstolo Santiago. Boa parte das seqüências selecionada precede um texto introdutório sobre a técnica persuasiva em questão e comentários. São transparentes as limitações existentes numa pesquisa com esse intuito. De acordo com Diana Rose:

Nunca haverá uma análise que capte uma verdade única do texto (...) os materiais de televisão não são definidos apenas a partir do texto. A dimensão visual implica técnicas de manejo de câmera e direção, que são apenas secundariamente texto. Elas produzem sentidos, certamente, mas esses sentidos são gerados por técnicas de especialistas (*Ibidem.* p. 344 – 345).

4.4 Identificação das técnicas persuasivas no programa *O poder sobrenatural da fé*

⁷¹ O close, por exemplo, é uma tomada de lente fechada que sugere atenção e realça a emoção. A abertura média transmite autoridade, por isso a praticamente universalização do uso do plano americano no enquadramento dos apresentadores e âncoras nos noticiários da tv.

4.4.1 Emprego de estereótipos

Os estereótipos são usados para tipificar categorias ou grupos sociais. É um verniz que cobre a superfície do real e, dependendo de como seja aplicado, pode estigmatizar o verdadeiro significado de um nome. Tanto serve para produzir uma idéia positiva quanto negativa. O estereótipo cristão medieval reapropriado pelos nazistas contra os judeus exemplifica o extremo que se atinge através do pleno domínio deste recurso caso venha a cair em mãos erradas.

A propaganda faz uso abundante do estereótipo com o propósito de influir o comportamento das pessoas, um modelo a ser seguido ou rejeitado. A indústria da publicidade difunde nos meios de comunicação estereótipos associados a produtos. Assim, o estereótipo tanto se presta para convencer as pessoas a parar de fumar porque seja prejudicial à saúde ou pelo fato de ser um hábito inoportuno⁷². Afora que também ajuda a vender muito sabonete. Mas talvez a maior característica do estereótipo é o de evitar questionamento sobre o que se anuncia para que seja visto como de domínio público.

a) Estereótipos positivos:

Sobre a denominação que fundou:

Áudio	Dimensão visual
<p>Fundo musical com melodia suave.</p> <p>Este ministério tem marcado a vida de muita gente. Tem restaurado, tem funcionado como um pronto-socorro. Sabe... aquela oficina, aquele lugar... a última instância, né? É isso. Aquele lugar onde as pessoas têm recorrido. As crentes, evangélicas de muitos anos, católicos, espírita, pessoas que não têm religião. Gente que já foi em muitos lugares e... se deparou com grandes obstáculos, com grandes dificuldades, adversidades. E não tendo mais</p>	<p>Estúdio. O fundo é tomado por um painel fotográfico de ovelhas pastando. Um púlpito está no centro.</p> <p>Plano-médio do apóstolo. Ele veste terno escuro. Tem um microfone no canto da boca. Gesticula muito e pausa a fala enquanto anda de um lado a outro. Dirige-se simultaneamente para as duas câmeras posicionadas na esquerda</p>

⁷² O hábito de fumar era o estereótipo de charme na Hollywood dos anos 40 e 50. O que seria de Humphrey Bogart sem um cigarro no canto da boca. Certamente os filmes de detetive perderiam o seu clima *noir*.

forças pra resistir, pra continuar, Deus mostrou este ministério, esta porta, mostrou este programa. E essas pessoas têm sido tocadas, têm sido restauradas, têm se recuperado. (enfático) E eu tenho a certeza absoluta que Deus tem a solução pra você...	e direita do estúdio. Os cortes se sucedem entre uma e outra. No canto à esquerda está um mostruário com livros e DVDS que compõe o kit comemorativo dos dez anos da IMPD.
	18.03.2008

A mente está sujeita a sofrer por meio da sugestão persuasiva. Quem atravessa um momento crítico da vida geralmente se encontra vulnerável do ponto de vista emocional. Pesquisas no campo da neurologia mostram que o excessivo fortalecimento das conexões sinápticas dentro do córtex cerebral pode resultar na perda da especificidade ou da reação de alguém quando submetido a forte estresse. Por isso é comum a confusão e o estado vacilante, a necessidade “de um tempo para pensar” naquele que atravessa esse estado mental. “O fortalecimento exagerado das conexões sinápticas pode resultar numa atividade cortical parecida com doenças repentinas originando fortes dores de cabeça e desorientação” (FURMAN, 1999)⁷³.

Portanto, arrastar o sistema nervoso para um nível mais baixo de atividade, é essencial para reduzir rapidamente a resistência à suas sugestões. O último grande benefício ao se conduzir deliberadamente o estado cerebral a um nível mais baixo é a diminuição da atenção geral e um aumento para manter a atenção focada. A música tem o poder de induzir alterações na consciência como movimentos incontroláveis do corpo – o transe através da dança em muitas religiões como a umbanda brasileira e o vodu haitiano constituem provas do poder indutor da música no comportamento humano.

No exemplo acima, a música suave ao som repetitivo de piano oscila na faixa de 45 a 72 batidas, ritmo próximo ao da frequência cardíaca. O painel campestre ao fundo e a voz pausada num estilo monótono e padronizado do orador auxiliam a produzir um clima de serenidade, de relaxamento, atingindo o que os neurologistas chamam “de estado *alfa*, que é pelo

⁷³ Informação coletada na revista Anchorpoint , 1996. Disponível em www.nlpanchorpoint.com/. Acesso em 29 set. 2008.

menos 25 vezes mais sugestionável do que se estivesse no estado *beta*, que é a de plena consciência”(SUTPHEN, 2008)⁷⁴.

Já no exemplo abaixo, a fala branda do líder da IMPD e a atmosfera de cansaço na expressão em todos na cena torna verossímil o sacrifício imposto pela árdua vigília de louvor a Deus o que contribui no convencimento e enaltecimento da fé do pastor e dos membros da igreja. A fadiga física e mental é largamente utilizada para a conversão a uma causa ou manipular alguém a dizer ou fazer algo contra a vontade própria⁷⁵.

Áudio	Dimensão visual
<p>Estamos nesta madrugada aqui neste altar, do nosso Deus, na casa de Deus, buscando a sua vitória, a solução, a resposta que você tanto deseja, que você tanto espera, pra sua vida, pra sua família, pra sua saúde, pra sua vida sentimental, espiritual, a restauração completa, a prosperidade...</p> <p>Eu vou provar aqui, os milhões do outro lado que nos acompanham... este programa é o programa de maior audiência entre os programas evangélicos, comprovadamente e disparado. Não é por minha causa, tenho certeza absoluta que não é, mas é por causa daquilo que Deus faz aqui. Deus... Ele tem julgado meu ministério, a minha conduta pelo que Ele vê dentro de mim, não pelo exterior. Pelo zelo que tenho pela obra Dele...</p> <p>Todos que ligarem agora serão abençoados verdadeiramente.</p> <p>Agora, dobrem os joelhos, vamos orar. Peguem um copo de água e coloquem em frente da televisão...</p>	<p>Fundo musical com melodia suave.</p> <p>Vigília durante a madrugada no Templo dos Milagres.</p> <p>Close do apóstolo.</p> <p>Câmera recua e o mostra no centro sentado no chão atrás de duas enormes pilhas de papel. É ladeado pela a bispa Franciléia e outros bispos, também sentados, fazendo uma meia-lua no palco. Os homens usam camisa social. A gravata está frouxa no colarinho. Uns seguram nas mãos o paletó. Outros estiram as pernas. A atmosfera é de cansaço. Ao fundo há mais gente em torno do circulo de pessoas.</p> <p>Câmera congela.</p> <p>Todos ajoelham no palco. Muitos colam a testa no chão. A câmera dá um giro de 180 graus mostrando a cerimônia.</p>
	19.03.2008

⁷⁴ Terapeuta americano com 16 livros publicado sobre hipnose e que dirige o *Hypnoses Center in Scottsdale*, no Arizona, EUA.

⁷⁵ O esgotamento alcançado por longas horas de privação do sono é uma técnica conhecida por autoridades ameaçadoras para quebrar a resistência moral de prisioneiros de guerra.

O apóstolo Santiago sobre ele mesmo:

Áudio	Dimensão visual
<p>O kit tem três livros. No Grande Livramento eu conto o naufrágio quando estava como missionário na África. Foi no Oceano Índico. Éramos quatro, dois Deus levou. E eu fui salvo nadando... Eu tinha 153 quilos na época e nadei das nove da noite até as cinco da manhã aproximadamente. Com tubarão branco, tubarão tigre. É... eu convivi com eles. Dois que estavam conosco desapareceram porque os tubarões ali são terríveis. Até ser resgatado por dois anjos do Senhor. Eram anjos porque depois eles desapareceram...</p> <p>(...) Este O Grande Livramento é o meu testemunho na África quando fui missionário na África e... sobre o naufrágio que estive ali, no Oceano Índico, e alguns atentados que eu sofri. Tive... passei pelo vale das sombras da morte algumas vezes por ali... a bomba... a mina. Conto sobre a mina que explodiu... debaixo do meu carro, né? E outras coisas me ocorreram, mas Deus optou por me deixar viver e anunciar o evangelho. Deus é quem marca nossa hora, não é verdade? Então você vai aprender muito nesse livro.</p>	<p>Estúdio. O fundo é tomado por um painel fotográfico de ovelhas pastando. Um púlpito está no centro.</p> <p>O apóstolo veste manga de camisa social e gravata. Tem um microfone no canto da boca. Esfrega as mãos e gesticula muito enquanto fala e anda de um lado a outro se dirigindo a duas câmeras posicionadas na esquerda e direita.</p> <p>Câmera aproxima e mostra prateleira com o kit comemorativo dos dez anos da IMPD.</p> <p>Close do livro. A imagem permanece congelada por alguns instantes.</p> <p>Câmera recua e mostra plano-médio do apóstolo no púlpito.</p>
	20.03.2008

O mito do herói povoa o imaginário popular desde a antiguidade. Homero, Dom Quixote e Che Guevara – independentemente de reais ou fictícios – atravessam diferentes épocas diante a imperiosa necessidade da coletividade em se espelhar através de personagens épicos os valores edificadores do espírito humano e a força superadora do homem. No exemplo acima está evidente na fala do orador sua intenção em se autopromover, deixando claro o poder quase inumano que tem em sobrepujar perigos fatais a qualquer mortal, bem como a coragem de enfrentar feras perigosas. E no fim da narrativa afirma a intercessão direta de Deus ao enviar anjos para salvá-lo, tal como se vê nas escrituras.

Toda essa retórica se destina, o que a linguagem do marketing denomina como a ação de “agregar valor” ao produto. Nesse caso, trata-se de um livro apresentado como importante na formação religiosa do fiel. Enaltece-se a figura do apóstolo, que se mostra um habilidoso vendedor. A persuasão aqui é empregada na autopromoção do líder da IMPD e está focada à obtenção de um único resultado: vender. Logo representa nada além de uma técnica de venda.

Áudio	Dimensão visual
Eu não sou absolutamente nada... Eu sou o que sou pela graça de Deus. Não sou hipócrita, não sou mentiroso... Eu sou aquilo que você vê, aquilo que você tem presenciado porque Deus vai continuar na minha vida...	Vigília durante a madrugada no Templo dos Milagres. Câmera mostra apóstolo ao centro, sentado no chão atrás de duas enormes pilhas de papel. A sua mulher, Franciléia, e bispos estão sentados ao seu lado formando uma meia-lua no palco. Os homens usam camisa social. A gravata está frouxa no colarinho. Alguns seguram o paletó. Outros estiram as pernas. A atmosfera é de cansaço. Ao fundo há mais gente em torno do círculo de pessoas.
	<i>20.03.2008</i>

No exemplo acima o orador se apresenta humilde durante uma vigília de orações. A humildade é uma virtude bastante reconhecida e valorizada no campo religioso. Contrário a demonstrações de soberba expor-se com humildade consegue exercer facilmente o acolhimento e simpatia junto da maioria das pessoas por estar em sintonia com o senso comum da coletividade cristã.

Na cena seguinte, o orador dá ênfase ao humor⁷⁶ apresentando-se à audiência de modo, digamos, um tanto despojado. Trata-se de uma crítica subliminar, em tom de deboche, a líderes de outras igrejas neopentecostais que se apresentam maquiados no vídeo, como R.R. Soares, que já foi chamado do “Silvio Santos da religião” pela semelhança que tem em comandar o auditório com o notório apresentador brasileiro.

⁷⁶ O humor, além de quebrar a monotonia da fala, é uma técnica que permite o comunicador saber se está com pleno domínio sobre a platéia.

Áudio	Dimensão visual
<p>Fundo musical com melodia suave.</p> <p>Eu não preparo estúdio. E... camarins... maquiadores pra me maquiar? Aqui se for maquiar borra tudo porque chora mesmo. Eu não uso também. O Brasil já se acostumou com a minha cara desse jeito. Eu não uso pó de arroz... (apontando) Essa mulher disse aqui uma coisa que tocou. Ela disse: eu cheguei aqui com a vida destruída, mas conheci o verdadeiro Deus...</p>	<p>Durante culto no Templo dos Milagres. O apóstolo usa camisa de manga, anda de um lado a outro do palco. A câmera o acompanha enquanto fala para a multidão de fiéis.</p> <p>Corta. Câmera mostra em Plano-médio mulher à esquerda do palco.</p>
	<i>19.03.2008</i>

b) Estereótipos negativos:

Áudio	Dimensão visual
<p>Nós estamos vivendo hoje uma época em que muita gente duvida do poder de Deus devido aos escândalos, as frustrações... Uma fase difícil pro evangelho. E Deus, Ele tem, através deste ministério, reativado a fé de muita gente.</p>	<p>Estúdio. O fundo é todo tomado por um painel fotográfico de ovelhas pastando. Plano-médio do apóstolo na frente do púlpito. Veste um terno escuro. Fala andando de um lado para outro com um microfone no canto da boca.</p>
	<i>19.03.2008</i>

Áudio	Dimensão visual
<p>Música suave de piano.</p> <p>Eu sei que alguns, infelizmente, líderes espirituais... que até nos assiste (sic), têm uma certa preocupação negativa com este ministério... A preocupação é em relação à igreja deles. É... Se você perguntar pra eles: essa obra é de Deus, a Igreja Mundial? Eles dirão: sim, é de Deus. É... vocês se preocupam com essa obra? Sim nos preocupamos... A preocupação deles é que as pessoas possam sair de suas igrejas... né? E vir pra este ministério. É uma preocupação, é uma demonstração clara</p>	<p>Estúdio. O fundo é tomado por um painel fotográfico de ovelhas pastando. O apóstolo Santiago veste um terno escuro fala no púlpito. Tem um microfone no canto da boca. Gesticula muito.</p>

de falta de espiritualidade, de visão, porque... quem trabalha pra Deus teoricamente é um ganhador de almas e está trabalhando para o reino de Deus.	Neste momento vai até a prateleira e pega um kit dos dez anos da IMPD. Volta para trás do púlpito segurando com a mão esquerda a embalagem na altura do peito para que fique bem visível.
	<i>18.03.2008</i>

Apesar de não nomear a quem se dirige, as cenas acima representam ataques do líder da IMPD ao Catolicismo⁷⁷ e as denominações neopentecostais rivais que, segundo ele, perseguem seu ministério. No último exemplo, o epicentro da narrativa se reveste de cunho ideológico numa clara referência da superioridade do ministério de Santiago sobre outras denominações religiosas.

Essa seqüência encontra paralelo na teoria gramsciana na qual a sociedade mantém a estabilidade por meio de uma combinação de força e hegemonia e algumas instituições e grupos procuram exercer “violentamente o poder para conservar intacta as fronteiras sociais (ou seja, polícia forças militares, grupos de vigilância, etc.) enquanto outras instituições (como religião, escola ou mídia) servem para induzir anuência à ordem dominante, estabelecendo hegemonia ou domínio ideológico” (KELLNER, 2001, p. 48). Fica evidente aqui a intolerância da IMPD pelo antagonismo⁷⁸ que o orador evoca supostamente quando se refere a outras congregações neopentecostais. Tal teor separatista pode ser interpretado como característica do fundamentalismo que, segundo Pierucci, se originou no cristianismo protestante:

O termo nasceu, sim, em contexto religioso. De fato, sua origem é cristã, não islâmica, e desde o início o nome foi usado para designar um movimento cristão: o fundamentalismo protestante. Tanto a coisa quanto o nome "fundamentalismo" surgiram e se firmaram nas primeiras décadas do século passado, nos Estados Unidos: 1910, 1914, 1919, 1920, 1925 são datas marcantes da primeira onda fundamentalista. Como figura histórica original, o fundamentalismo é cristão, ocidental e protestante. Mais especificamente, filho do protestantismo conservador do sul dos Estados Unidos. O estado do Tennessee é seu ícone geográfico. Designação fortemente pejorativa hoje em

⁷⁷ Essa fala foi gravada no período da viagem de Bento XVI a Austrália cujas circunstâncias era de grande expectativa da imprensa em torno do discurso do Papa que condenaria casos de pedofilia cometido por sacerdotes da Igreja Católica.

⁷⁸ Richard Johnson enfatiza que é preciso fazer uma distinção entre o conceito pós-moderno de “diferença” e a noção de Birmingham sobre “antagonismo”, uma vez que o primeiro conceito se refere a uma concepção liberal de reconhecimento e tolerância das diferenças, enquanto a noção de antagonismo se refere a forças estruturais de dominação, em que as relações assimétricas de poder existem em locais de conflito. Ver Kellner, 2001.

dia é curioso como a palavra inglesa *fundamentalism* foi, de início, um nome orgulhosamente auto-aplicado por seus próprios portadores para se distinguir dos protestantes "liberais", deturpadores da "verdadeira" fé cristã revelada na Bíblia. Uma autodesignação orgulhosa de si e não, como hoje soa, uma acusação que a faz sinônimo de morbidez fanática, um insulto dirigido a terceiros demarcando uma alteridade. (PIERUCCI, 2004).

4.4.2 Substituição de nomes.

Esta técnica procura influenciar o público com termos favoráveis ou desfavoráveis. Dizer Partido Nacional Socialista da Alemanha não é o mesmo que dizer nazismo. Como também “tomar posse” não significa dar dinheiro. Os eufemismos se prestam muito bem ao vocábulo simples do repertório discursivo da IMPD.

No exemplo abaixo relativo a termos favoráveis, a palavra “projeto” serve como recurso para substituir o apelo explícito de financiar o programa de televisão, enquanto a frase “a mão de Deus está neste lugar” tem conotação com a própria congregação, uma vez que o chavão “a mão de Deus está aqui”, associado ao ícone de mãos em concha envolvendo o planeta, representa um signo identificado na logomarca da IMPD. O sentido que se constrói é: as mãos de Deus sustentam a Terra que se soma a frase “a mão de Deus está aqui”, logo a mão de Deus não está em outro lugar. Eis a imagem que revela a dimensão ideológica na práxis da IMPD.

Há nesse comercial uma perspectiva implícita no conteúdo textual quando condiciona que para “Deus estar neste lugar e na sua vida também”, é preciso ao fiel adquirir o carnê, a fim de expressar efetivamente o desejo do colaborador, de forma material por meio da doação de dinheiro, e sua participação contributiva para a permanência do programa no ar. O suplicante imagina, fazendo uma dádiva, que lhe será concedido graças. Sobre a oferta, Callois comenta:

As potencias sagradas que não podem recusar esta oferta usurária, tornam-se devedoras do donatário, ficando ligadas pelo que receberam e, para não continuarem em dívida, devem conceder o que lhes pede: benefício material, virtude ou remissão de uma pena (CALLOIS, 1988, p.28).

Termos favoráveis:

Áudio	Dimensão visual
<p>Locutor em <i>off</i>: Faça parte você também deste projeto. Ligue agora para zero operadora onze, três, quatro, oito, oito, três zero, cinco, zero. Zero operadora onze, trinta, setenta. Solicite o seu carnezinho para contribuir com o projeto do programa de televisão e comprove que a mão de Deus está neste lugar e na sua vida também.</p>	<p>Fundo azul. Surge legenda do texto do áudio e se dissolve. Surge número dos telefones e imagem do carnê dos empresários e outro com os dizeres “Escolhido para a obra de Deus” ao lado da frase: “faça parte deste projeto.” Funde com panorâmica em plano médio de fiéis na igreja. Funde com logomarca da IMPD (mãos em concha envolvendo o planeta Terra). Aparecem no vídeo os dizeres: “A mão de Deus está aqui também”.</p>
	20.03.2008

Áudio	Dimensão visual
<p>Música suave de piano.</p> <p>Apóstolo – Nosso Deus e nosso pai querido e amado. Nós entramos em sua presença e oração, em nome do nosso Senhor Jesus Cristo, seu filho amado. Diz a tua palavra: evoca-me e eu te responderei (...) e peço que haja resposta, que haja libertação, que haja cura, que haja prosperidade, transformação nos lares... (tom lamurioso) Remova Senhor o câncer, remova Senhor o diabetes, a paralisia, as dores, as perturbações demoníacas, problemas financeiros, dívidas. (Sobe áudio de música) Tira o desespero dos corações. Tira Deus da alma a angústia, a tristeza, o sofrimento. Essa criatura pai que não tem porta mais pra bater, não tem mais em quem se apegar, em quem confiar. Só a ti. Que nesse momento ela clama, ela evoca, ela chora, ela suplica. Ela sabe que somos homens, mas o Senhor está em nossas vidas (...) Meu Deus toca pra que essa criatura se restaure, pra que essa empresa pague as dívidas, pra sair do vermelho. Toca meu Deus pra ouvir e restaurar todos que telefonaram (...)</p>	<p>Estúdio. Luz fraca. Câmera congela em plano-médio mostra apóstolo e bispos orando com a testa no chão, num ato de completa submissão.</p> <p>Câmera aproxima lentamente até enquadrar o apóstolo e a bispa Franciléia ao seu lado agachada. O apóstolo e seguidores estão de olhos fechados.</p> <p>Câmera congela no apóstolo ao lado da mulher Franciléia.</p> <p>Câmera abre e enquadra a oração coletiva e congela por alguns instantes. Depois dá um giro (panorâmica) de 180 graus mostrando toda a cerimônia.</p>

Meu Deus liberta a vida sentimental, financeira, os casamentos...	A câmera gira rapidamente e alterna com closes do apóstolo.
	20.03.2008

A atmosfera de emoção forte envolve a oração no exemplo acima. A subjugação dos fiéis vistos com a cabeça colada no chão enfatiza a ação do ritual ao mesmo tempo em que dramatiza a seqüência de imagem, através do deslocamento freqüente da câmera, alterando os ângulos entre panorâmicas e closes. A cena convida a audiência a acompanhar a oração.

A seqüência de cenas se sobressai na voz padronizada e ritmada⁷⁹ do orador e a sonorização, próxima à pulsação do corpo humano, contribui para produzir uma certa alteração no estado de consciência do interlocutor. A iluminação⁸⁰ reduzida ajuda na aceitação, concentração e entrega do público à oração.

Termos desfavoráveis:

Áudio	Dimensão visual
Apóstolo – Você quer vê uma coisa... as pessoas não lêem muito a bíblia. Aí, quando eu vejo essas igrejas fazendo rituais... porque ultimamente essas igrejas têm procurado imitar macumba fazendo rituais pra expulsar demônio. O demônio sair...aí amarra um resto, um negócio do alho, amarra uns dentes de alho não sei aonde, põe uma ferradura atrás da porta, pega uma camisa e dá três nó. Faz um caminho de sal com uma cruz de cabeça pra baixo com não sei quantos metros. E a pessoa fica ali a vida inteira. Oh, nove anos dentro de uma igreja e... Como é que tava? Eu nunca vi um negócio desse...	<p>Durante culto no Templo dos Milagres. O apóstolo usa camisa de manga. Está no centro do palco e comenta após o testemunho de um casal que participava de outra denominação, mas que somente viu a vida se transformar depois de entrar na IMPD.</p> <p>Plano-médio do apóstolo ladeado pelo casal.</p> <p>Câmera aproxima e enquadra o apóstolo e a mulher. Aponta para a mulher, recua e volta para o plano anterior.</p>

⁷⁹ A "voz ritmada" é um estilo padronizado, através de pausas, muito utilizado por hipnotizadores para induzir alguém a um estágio de transe. Trata-se de uma técnica usada para causar um "vazio", para alterar o estado de consciência, que inicialmente induzem calma ao dar à mente alguma coisa simples para tratar, como a concentração num pensamento simplório. O resultado é a redução da atividade mental, e eventualmente se usado por muito tempo, a cessação de todo de todo o conteúdo da mente, exceto o que os controladores desejem. Ver Sutphen.

⁸⁰ A cognição é um processo complexo que inclui julgamento, memória e percepção. Estudos da cognição revelam a influência da luz e do som sobre o comportamento humano. Talvez aí esteja o motivo pelo qual boa parte das denominações neopentecostais tende a investir pesadas somas na instalação de sistemas de luz e de som nas igrejas.

20.03.2008

No trecho acima, o termo “essas igrejas” pode ser interpretado como uma referência às denominações que concorrem com a IMPD na conquista de espaço no campo religioso brasileiro. Desta vez, sugere dirigir-se, especialmente, à antiga congregação do apóstolo Santiago, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) – a qual sua saída se deu de maneira conflituosa –, uma vez que as representações exemplificadas na fala do orador deixam pistas que se referem à práxis da IURD, tida como a mais poderosa denominação neopentecostal do Brasil. Isso faz incidir a idéia de algum sentido que se possa interpretar como sendo de intolerância religiosa presente no discurso ideológico por parte do líder da IMPD.

Áudio	Dimensão visual
<p>Homem – É a quarta vez que nós vem à igreja...(sic) só que só consegui contar o milagre hoje...</p> <p>Apóstolo – Por que não contou antes?</p> <p>Homem – não tinha jeito... tinha gente demais e chegamos atrasado...</p> <p>Apóstolo – Tinha muita gente mermo (sic)? Aqui não tinha garrafa de dinossauro, não?</p> <p>Homem – Não...</p> <p>Apóstolo – Beleza... Eu que não quero ir num lugar desse que só enterra a vida das pessoas. Eu não quero saber disso não.</p>	<p>Culto. Câmera em plano-médio mostra apóstolo e casal de entrevistado.</p> <p>Câmera acompanha o apóstolo andando pelo palco enquanto fala com o público.</p>
	20.03.2008

4.4.3 Seleção

O orador diante a grande quantidade de fatos complexos, seleciona apenas os adequados ao fim em vista. O recurso visual na vinheta, ilustrado no primeiro exemplo abaixo, é

carregado de forte emotividade implícita na imagem de uma criança só com expressão tristonha, sugerindo desamparo e abandono. Soma-se à seqüência a imagem de um homem velho, de olhar melancólico e profundamente triste, que soa como um alerta quanto à fragilidade que vulnerabiliza o homem ao final de sua existência. Há na transcrição ainda a importância que é dada pela IMPD ao programa *O poder sobrenatural da fé*. Subtende-se no seu conteúdo textual tratar-se de um instrumento que Deus utiliza para solucionar todos os problemas mundanos e operar milagres. A informação é transmitida num tom direto e pessoal. A voz gutural do locutor realça a mensagem com uma atmosfera ao mesmo tempo ameaçadora e misteriosa.

No segundo exemplo vemos numa oração que as palavras são direcionadas a fim de solucionar todo tipo de problema. Ou seja, a mensagem é universal o que garante a eficiência da propaganda no atingimento de vários públicos. É nesse contexto em que estão selecionados os mais corriqueiros problemas de ordem mundana comuns na vida da maioria das pessoas.

Áudio	Dimensão visual
<p>Loc em <i>off</i>: Muitos lares têm sido atingidos por problemas familiares, financeiros, espirituais, vícios, doenças incuráveis, mas a Igreja Mundial do Poder de Deus, através do seu programa de televisão, tem trazido solução a estes problemas.</p> <p>Deus tem operado milagres extraordinários através deste programa. Não deixe esta obra parar!</p> <p>Deus tem um chamado para você: seja mais um escolhido para este projeto.</p> <p>Vamos dar as mãos num só propósito! (palavras no áudio como vício, doenças incuráveis, milagres aparecem e se cruzam ininterruptamente com as cenas).</p>	<p>A vinheta inicia com seqüência rápida de cenas paradas em preto e branco. Homem negro com uma criança negra nos braços; corta para close de pés de ancião de alpercata; corta para imagem parada em cor de criança brincando com carrinho; funde com imagem em movimento do apóstolo mais jovem, de camisa de manga e gravata (é assim que ele se apresenta nos cultos, enquanto nas cenas de estúdio veste terno), pregando na tv; corta para imagem parada em cor de homem segurando a cabeça de uma mulher; panorâmica mostra multidão; corta para close de pessoas orando em êxtase religioso; corta para imagem parada do apóstolo abraçando mulher que ergue uma muleta.</p>
	19.03.2008

4.4.4 Mentira

A falsidade sempre fez parte do cabedal propagandista. A mentira pode ocorrer sem nenhum disfarce ou de forma sutil. No primeiro exemplo, a mensagem falsa é transmitida diretamente, sem metonímia, metáforas ou outros recursos lingüísticos. Já na forma sutil, em entrevistas, por exemplo, é comum o emissor fazer uma pergunta na intenção de obter uma determinada resposta do receptor, ou seja, ele é induzido a responder de acordo com a assertiva camuflada. Isso garante ao orador a veracidade da informação emitida através da concordância alheia. Verifica-se freqüentemente tal recurso mascarado nas perguntas dos jornalistas. Serve para que a idéia repassada na pergunta não sofra desvios, ou seja, o receptor repete automaticamente as palavras inclusas na formulação da pergunta⁸¹. Em caso de discordância, o orador experiente interrompe a entrevista, embaralhando as informações na mente do receptor pela agilidade em que ocorre. Essas interrupções servem para desviar o raciocínio do receptor, e quando o assunto é retomado se suprime a questão inicial do diálogo, caso seja desfavorável às intenções persuasivas do emissor.

No primeiro exemplo abaixo, a mulher afirma ter sido curada de cegueira provocada por diabete, mas não apresenta prova que comprove o fato. No começo, a fala do apóstolo sugere que a mulher voltou a enxergar naquele momento, o que não corresponde com a verdade. No segundo, é a vez do mudo que quase não aparece em cena e pouco fala, desvirtuando, assim, o sentido da informação emitida.

No terceiro e último exemplo – o testemunho de um pai cujo filho havia sofrido um grave acidente de carro, com perda de massa cefálica –, não se pode afirmar categoricamente que se trata de um caso de ressurreição. Sabemos que a literatura médica lista vários exemplos de recuperação de vítimas que sofreram traumatismos graves, alguns inclusive preservam todas as suas funções e não apresentam seqüelas. Os diálogos aqui reproduzidos estão de acordo com o contexto no qual foram construídos. Soma-se ainda o movimento nervoso da câmera cuja intenção é estandardizar os acontecimentos.

⁸¹ A repetição é um gesto espontâneo. Temos tendência a repetir palavras e gestos. A criança aprende a linguagem repetindo as palavras dos pais. Se alguém bocejar em nossa frente provavelmente faremos o mesmo.

Nas seqüências abaixo também se observa a sobreposição do espaço de locução ao espaço de relação e de tematização, que estão em concordância com os três comportamentos linguageiros formulados por Charaudeau⁸².

O espaço de *locução* é aquele ao qual o sujeito falante deve resolver o problema da “tomada da palavra”. Nesse sentido deve justificar porque tomou a palavra (em nome de quê, impor-se como sujeito falante, e identificar ao mesmo tempo o interlocutor (ou o destinatário) ao qual lê se dirige. Ele deve, de algum modo, conquistar seu poder de se comunicar. O espaço de *relação* é aquele no qual o sujeito falante, ao construir sua própria identidade de locutor e a de seu interlocutor (ou destinatário) estabelece relação de força e de aliança, de exclusão e de inclusão, de agressão ou de convivência com o interlocutor. O espaço de *tematização* é onde é tratado e organizado o domínio (ou domínios) o saber, o tema (ou temas) da troca, sejam eles predeterminados por instruções contidas nas restrições comunicacionais ou introduzidos pelos participantes da troca. O sujeito falante deve não somente tomar posição com relação ao tema imposto pelo contrato (aceitando-o, rejeitando-o, deslocando-o, propondo um outro). (CHARAUDEAU 2006, p. 70 – 71)

O que podemos atestar com as seqüências que veremos adiante é que a argumentação utilizada, através da reprodução dos diálogos provocados pelo orador, tem intenção de produzir veracidade na informação no âmbito do imaginário, sem que haja evidências de autenticidade e nem de designação, mas verossimilhança⁸³. Isto é: baseadas nas representações do que supostamente se assiste na cena.

Áudio	Dimensão visual
Meu Deus... Você tá me vendo aqui, tá? Vê o milagre que você vai ver agora (dirigindo-se para o câmara). Mostra lá irmão o que está	No culto. O apóstolo usando camisa de manga e gravata prossegue com as entrevistas no palco. Ouve uma mulher que tinha dores no

⁸² Para Charaudeau todo ato de comunicação está condicionado ao conjunto dos comportamentos linguageiros quando os dados externos da situação de comunicação estiverem percebidos, depreendidos e reconhecidos são repartidos em três espaços. Ver CHARAUDEAU, 2006.

⁸³ A autenticidade se caracteriza pela possibilidade de atestar a verdade sem artifício, sem filtro entre o que seria o mundo empírico e a percepção do homem. Para Charaudeau os meios discursivos utilizados para abarcar esse imaginário incluem o procedimento de designação, que diz “O que é verdadeiro eu mostro a vocês”. Daí os documentos e objetos exibidos funcionam como provas concretas, daí a função predominante da imagem quando esta tem a pretensão de mostrar diretamente ou não o mundo como ele é. Por outro lado, a verossimilhança se caracteriza pela possibilidade de se reconstituir um real de suposição, sendo a verdade alguma coisa na esfera do possível. Ver CHARAUDEAU, 2006, p. 56.

<p>acontecendo ali ó... nós vamos mostra um milagre agora que você não vai ficar sentado não. É cega de nascença, é!? Há quantos anos? Ah, ficou cega por causa da diabete. (aumentando o tom da voz) Uma mulher cega está enxergando aqui agora pela mão de Deus!!! (aqui o apóstolo continua a entrevista e depois volta até onde estão as duas no palco).</p>	<p>corpo e foi curada. Câmera abre e mostra duas mulheres se aproximando. Ele interrompe e puxa pelo braço a entrevistada rapidamente para o centro do palco e se dirige ao público. Câmera volta para as duas mulheres, a mais velha segura uma rosa vermelha e chora.</p>
<p>Apóstolo – Você é o que dela?</p>	<p>Close das mulheres chorando.</p>
<p>Mulher jovem – Sou filha...</p>	
<p>Apóstolo – Vem acompanhando isso?</p>	<p>Câmera acompanha apóstolo que se dirige até as duas mulheres.</p>
<p>Mulher jovem – Venho.</p>	
<p>Apóstolo – Que drama, né?</p>	<p>Plano-médio dos três.</p>
<p>Mulher jovem – É...esse drama...essa doença maldita...</p>	
<p>Apóstolo (interrompendo) – Está chorando de alegria?</p>	
<p>Mulher jovem – Tô chorando de alegria porque eu pensei que ela não ia enxergar mais...</p>	<p>Close das mulheres.</p>
<p>Apóstolo – Hein?</p>	
<p>Mulher jovem – A gente pensou que ela não ia enxergar mais... que ela nunca mais ia voltar a ver nada.</p>	
<p>Apóstolo (olhando para a câmera) – Brasil o cego está vendo. (Grita conduzindo a mulher mais velha pelo palco) O cego está vendo pela glória de Deus! Glorifica de pé. Glorifica de pé Brasil!!! Veja a mão de Deus... Veja a emoção da filha! (aplausos). Veja a alegria dessa mulher. Tava sofrendo filha?</p>	
<p>Mulher mais velha – Tava sofrendo muito...</p>	<p>Close do apóstolo abraçando mulher mais velha.</p>
<p>Apóstolo (tirando os braços da mulher) – Tá me vendo aqui mesmo?</p>	

<p>Mulher mais velha – A gravata...</p> <p>Apóstolo – ah, tá vendo tudo!?! (apontando para o lado) ó...</p> <p>Mulher mais velha (feliz) – A minha filha ali...</p> <p>Apóstolo (em off) – Vai lá e dá um abraço nela então.</p> <p>Apóstolo – Não é brincadeira não Brasil, o cego está vendo. Assim como no passado a mão de Deus opera. Não é verdade minha filha?</p> <p>Mulher jovem (com o rosto banhado de lágrimas) – Ela dizia que o sonho dela era poder enxergar o senhor...</p> <p>Mulher jovem – Ela falava que o sonho dela era um dia poder enxergar na igreja e enxergar o senhor...</p> <p>Apóstolo – Você ligava a televisão?</p> <p>Mulher jovem – Eu ligava a televisão...</p> <p>Apóstolo – E ela ouvia?</p> <p>Mulher jovem – Ela ouvia... ela só ouvia.</p> <p>Apóstolo – Tem os exames?</p> <p>Mulher jovem – Tenho.</p> <p>Apóstolo – Cadê?</p> <p>Mulher jovem – Não trouxe...</p> <p>Apóstolo - Guarda os exames...⁸⁴</p>	<p>Câmera abre mostrando o palco e o público.</p> <p>Corta para público levantando-se e aplaudindo. Corta; câmera faz um giro de 360 graus e volta a enquadrar plano médio do apóstolo e da mulher mais velha.</p> <p>Câmera mostra mulher mais nova.</p> <p>As mulheres se abraçam e choram</p> <p>Câmera mostra o apóstolo andando enquanto fala e gesticula para o público. Câmera mostra o público e volta a enquadrar o apóstolo que caminha até a mulher jovem.</p> <p>Close da mulher jovem. Câmera intercala abertura com o apóstolo abraçado à mulher mais velha que está aos prantos e close da mulher jovem. Congela a imagem.</p> <p>Congela em close da mulher jovem.</p>
	<i>18.03.2008</i>

⁸⁴ Em diversos testemunhos nos programas gravados, o apóstolo indaga sobre os exames que comprovem a cura. Em todas as situações, embora as testemunhas afirmem possuí-los, não foram apresentados em cena. Entretanto, em outros programas assistidos pelo autor, e não analisados aqui, houve casos em que laudos médicos foram apresentados. Inclusive com a participação de uma médica que aferiu a informação.

Áudio	Dimensão visual
<p>Apóstolo (dirigindo-se a platéia) – Deixa o mudo contar o milagre que é assim. Aqui quem fala é o mudo. Aqui quem fala muito a gente manda calar porque quem fala é o mudo. Glorifica de pé o nome de Jesus (...)</p> <p>(sobre som de música suave de piano) Olha, presta atenção. O evangelho está sendo pregado. Isso é o evangelho. Isso não é poder mágico, nem truque. Se você acha que é conversa peça os exames pra ele. Mas eu não to preocupado com sua dúvida não porque é problema seu se você duvida. Quem duvida perde a vida. É. Perde mesmo, perde a vida eterna. Agora eu... eu não tenho que provar nada pra ninguém, não. Eu só devo pra Deus. Eu sou um eterno devedor do meu Deus. (...)</p> <p>Agora é que eu to devendo a Ele mesmo depois desse milagre. (...) Cadê os exames?</p> <p>Homem – Tá tudo guardado.</p>	<p>Cena de Culto.</p> <p>Plano-médio mostra apóstolo de costa para a câmera caminhando na direção oposta dela até a beira do palco onde uma multidão se comprime. Corta.</p> <p>Câmera com grua mostra a multidão se levantando. Corta para plano médio do apóstolo esforçando-se para chorar. Abraça o casal.</p> <p>Congela em plano médio do apóstolo e casal. Apóstolo enxuga o queixo com a costa da mão. O tom agora não é de emotividade. É confessional.</p> <p>Congela em plano médio do apóstolo e casal.</p>
	<i>20.03.2008</i>

Áudio	Dimensão visual
<p>Apóstolo – É só ressurreição. Eu falei: o próximo vai sair da terra! É forte demais o que esse Deus faz! (dirigindo-se para o homem) Ele tava morto! Perda de massa???</p>	<p>Culto. Câmera congela em plano médio mostrando o apóstolo e casal. O homem fala sobre um acidente ocorrido com o filho. O apóstolo tira o microfone da boca do homem e fala para a platéia. Plano médio do apóstolo com o casal. Congela a imagem.</p>
	<i>20.03.2008</i>

Durante os cultos, aqueles que desejam ser curados são frequentemente alinhados ao redor do palco e recebem o auxílio dos obreiros que vão abrindo caminho em meio à multidão. O pregador aponta e chama um para vir à frente, a fim de tocá-lo na cabeça e dizer: "esteja curado em nome de Jesus!", ou então, "não sei se você subiu ao céu ou se o céu desceu. Só sei que você está curado em nome de Jesus". São palavras que impressionam o ouvinte e capazes de liberar a energia psíquica. Boa parte vivencia uma experiência mística, catártica que, grosso modo, é a purgação de emoções reprimidas. E quando o apóstolo se aproxima da extremidade do

palco, querem tocá-lo, enxugar com um lenço o seu suor unguado que escorre pela testa. Aí ele ordena correr pelo palco alguém que há pouco não podia andar. Segundo Mauss são poderes que vêm do mágico.

A esse respeito, o que mais fala à imaginação é a facilidade como que o mágico realiza tudo quanto quer. Ele tem a faculdade, na realidade, evocar muito mais coisas do que é possível sonhar. Suas palavras, seus gestos, o seu piscar de olhos, seus próprios pensamentos são poderes. Toda sua pessoa emana eflúvios (...). Além desse poder geral sobre as coisas, o mágico possui, sobre si mesmo, poderes que são a sua força principal. Sua vontade faz com que execute movimentos de que os outros são incapazes (MAUSS, 1974, p. 63).

De modo que pessoas podem gritar, cair ou mesmo entrar em espasmos. E se a catarse é atingida, o processo de sugestão está consumado. Para alguns, a cura pode ser permanente. Para muitos, alguns dias. Para outros, uma questão de horas. Mesmo que a cura não dure, se eles voltarem à igreja, o poder da sugestão pode fazer ignorar o problema ou, pior, mascarar um problema físico que pode vir a prejudicar a saúde do indivíduo⁸⁵.

4.4.5 Repetição

Baseia-se na idéia de que se repetir uma afirmação muitas vezes induz a aceitação pela audiência da mensagem transmitida pelo orador. Segue o notório princípio atribuído ao ministro da propaganda do III Reich, Joseph Goebbels, pelo qual uma informação repetida várias vezes acaba se tornando verdade.

No culto o pastor muitas vezes se irrita com a câmera, num gesto intencional para deslocar a atenção do público, uma vez que o orador deve não somente impor o tema, como escolher “*modos de intervenção* (diretivo, de retomada, de continuidade, etc.), mas também escolher um *modo de organização discursivo* particular (descritivo, narrativo, argumentativo) para o campo temático” (CHARAUDEAU, 2006, p. 71) que melhor lhe convier.

⁸⁵ Não afirmo aqui que curas legítimas não ocorram. Pode ser que o indivíduo estivesse pronto para largar a negatividade que causou o problema em primeiro lugar e apresente melhora permanente ou temporária. Pode vir a ser até obra de Deus. Todavia, o conhecimento existente acerca das funções cérebro/mente e a epistemologia podem fornecer explicações científicas sobre esses fenômenos.

No exemplo abaixo, a presença dominante do apóstolo – e o paroxismo autoritário e imperativo com que conduz a entrevista – não oferece saída para o receptor se não concordar com o enunciador, além do mais se observa que a pergunta vem carregada de conotações subliminares. Ou seja, já é formulada no sentido de obter uma determinada resposta. Aqui novamente o espaço de locução sobrepõe ao espaço de relação e de tematização, de acordo com as categorias languageiras de Charaudeau.

Áudio	Dimensão visual
Apóstolo – Difícil é achar uma câmera pra você trabalhar, sai da frente irmão... olha que emoção.. (dirigindo-se a mulher apontando para a câmera) Olha ali, olha. É a primeira vez que a senhora vem aqui, é?	Culto. O apóstolo conduz a mulher pela mão até o centro do palco.
Mulher – É a primeira vez...	Câmera fecha em plano-médio. O apóstolo dá um forte abraço na mulher e a olha fixamente.
Apóstolo – Tem sofrido muito?	
Mulher – Muito, muito... tava perto de perder meu apartamento...	Ela choraminga enquanto responde as perguntas.
Apóstolo (interrompendo a mulher) – Tava. A senhora sabia que Deus hoje botou a mão na sua vida?	
Mulher – eu sei...	
Apóstolo – A senhora sente isso?	
Mulher – Eu sinto...	
Apóstolo – A senhora não ta sentindo mais nada?	Close da mulher. Congela imagem
Mulher – Nada.	
Apóstolo – Doía tudo?	
Mulher – Tudo. Uma dor enorme na coluna... me contorcia de dor...	
Apóstolo – Tá livre agora?	

Mulher – Não sinto mais nada.	
Apóstolo – Tá livre, filha?	
Mulher – To...tô...	
	Câmera volta para plano-médio
	<i>18.03.2008</i>

4.4.6 Afirmação

O orador evita discussão para não pôr em prova, desnecessariamente, aquilo que defende. Apesar do tom imperativo que usa, faz afirmações ousadas em favor de suas teses que é apresentada de forma rápida e exasperada, mas somente em circunstâncias favoráveis, como na transcrição abaixo do testemunho dos pais de uma criança curada de um tumor cancerígeno na cabeça⁸⁶. A propaganda apresenta somente um lado da questão. Há limitação propositada do raciocínio evitando-se indagações livres.

Áudio	Dimensão visual
Você sabe que tem ministério que às vezes o homem de Deus ele...ele é até é abençoado, mas ele puxa pra um lado e a mulher pro outro... aí a corda parte no meio. Quem sabia disso?	Culto. Após testemunho de um caso anunciado como de ressurreição, o apóstolo enxuga o suor na toalha e olha para frente. O Templo dos Milagres está lotado.
Tem ministério que é abençoado, a igreja é abençoada...só que às vezes o pastor puxa prum lado e a mulher pro outro ai ela parte no meio.	Câmera mostra pessoas se comprimido em torno do palco onde o apóstolo caminha de um lado a outro sendo acompanhado por uma câmera com grua.
Aqui na Mundial é abençoado porque os dois puxam pro mesmo lado. Amém!	Câmera aproxima. O apóstolo sua. Alguém lhe dá uma toalha e ele enxuga a testa e o pescoço. Fala com a voz pausada. Parece hesitar o que vai falar. Mede bem as palavras.
Aqui puxa pro mesmo lado porque é o seguinte: tanto mais falar comigo como falar	Câmera se desloca para focar a bispa Franciléia. Ela está sentada, a cabeça baixa,

⁸⁶ Como dissemos, não cabe aqui averiguar a ocorrência ou não de manifestações sobrenaturais na IMPD. Este caso, particularmente, merece um aparte diante a evidência de cura, mas não de milagre. Um menino de 10 anos com tumor cerebral, segundo o pai, desenganada pelos médicos. Fotos da criança na UTI e a presença dela em duas seqüências do programa – quando convalescia e tempo depois sadia –, somado ao testemunho espontâneo dos pais e da própria criança, que andou e conversou com o apóstolo no ar, constituem provas da veracidade do fato, ou seja, a cura.

<p>com ela. Já perceberam isso aí, não é?</p> <p>Aqui a unção Deus deu ao mistério e, às vezes tem pastor que fala assim... às vezes tá aqui na Mundial... abençoada... a igreja tá cheia... ele chega e fala (irônico): bispo, apóstolo, eu quero me desligar da igreja, eu quero abrir meu ministério, ah, tá bom, fique à vontade meu irmão. Você quer cadeiras, quantas cadeiras você quer? Aí ele abre e daí depois de dois meses fecha e volta. Tem uma chance aí?, ele fala. Ai eu digo tem mais não. Se não você vai sair de novo.</p>	<p>parece envergonhada e na sua submissão mexe nas unhas.</p> <p>Câmera volta a enquadrar o apóstolo e congela em plano-médio.</p> <p>Câmera aproxima. Close do apóstolo. Congela</p>
	<i>19.03.2008</i>

No exemplo acima o apóstolo mostra a sua face e carisma⁸⁷ de líder da IMPD e reclama, através do exemplo, a lealdade dos seus seguidores, pois “a ideologia é uma retórica que tenta seduzir os indivíduos para que estes se identifiquem com o sistema dominante de valores, crenças e comportamentos” (KELLNER, 2001, p. 147).

Segundo Geertz, a ideologia estabelece uma ponte sobre o fosso emocional existente entre as coisas como são e como se gostaria que elas fossem. A seqüência acima o enunciador explora a solidariedade entre ele e sua mulher partilhando numa analogia rebuscada a posição que cabe a eles na denominação. Sabe-se que a solidariedade é um atributo muito presente no cristianismo e, na abstração presente no cristianismo, o exemplo pressupõe o poder que a ideologia tem de reunir um grupo social.

Nas duas seqüências abaixo, a persuasão atinge força máxima quando estrategicamente empregada no discurso religioso na qual a voz de Deus plasma todas as outras vozes. O apóstolo é o interprete da Sua palavra. O enunciador não pode ser jamais questionado.

Áudio	Dimensão visual
Apóstolo – conta seu milagre. Você foi curado	Culto. Plano-médio do apóstolo, no palco,

⁸⁷ O sociólogo Max Weber foi o primeiro a estudar sistematicamente as organizações burocráticas ou formais na construção dos conceitos de poder autoridade e legitimidade. Para ele um dos três tipos fundamentais de dominação é o carisma, na qual a obediência dos seguidores se deve à devoção pelo líder, cujas qualidades o tornam admirado.

de quê?	acompanhado por um casal.
Homem – Câncer.	Câmera aproxima. Close do homem. Congela a imagem por alguns instantes e abre para plano-médio do apóstolo falando com o público. Congela a imagem.
Apóstolo – Quem te curou?	
Homem – Jesus Cristo.	
Apóstolo (dirigindo-se para o público): Vocês entenderam o que ele falou?	
	<i>20.03.2008</i>

Áudio	Dimensão visual
A mão de Deus está aqui! Oh meu Deus maravilhoso!!!	Em várias situações de culto após a realização de algum milagre.
	<i>18 -19 -20 e 21.03.2008</i>

O texto reproduzido acima é largamente utilizado pelo apóstolo. É o seu refrão principal sempre dito em ocasiões oportunas durante o culto, quando as circunstâncias se apresentam favoráveis e há sinais de manifestações de êxtase religioso na platéia. Uma cadeira-de-rodas surge erguida sobre a multidão, mas não se consegue ver quem é o dono. Sendo assim se constitui um caso de verossimilhança no qual existe a conotação de que algum paraplégico se levantou, ou seja, reconstitui-se uma realidade e não o real de fato que se encontra contextualizado numa cena que supostamente é tida como verdadeira.

4.4.7 Apontar o inimigo

É fundamental poder apresentar uma mensagem que não seja apenas a favor de algo, mas também contra um inimigo real ou imaginário, supostamente contrário aos valores morais e éticos do público. Nos exemplos que se seguem, o inimigo e a causa da perseguição não são claramente identificados e muito menos nomeados explicitamente, com exceção do diabo presente na última seqüência.

O papel de perseguido e vítima – tal como Jesus Cristo – é enfatizado com intuito único de despertar a compaixão do público⁸⁸. Solidariedade, condenar a perseguição a um inocente e compaixão são virtudes que fundamentam o universo do cristianismo, e denotam verdades inquestionáveis para aqueles que almejam o reino dos céus. As translações das três seqüências abaixo exemplificam a questão.

Áudio	Dimensão visual
Tem homens de Deus preocupados. Eu soube disso ontem, fiquei tão triste. Eles gostam, eles admiram, mas eles foram na televisão pedir. É pra que não deixassem eu entrar porque senão as ovelhas dele iam sair. Eu não tô preocupado em tirar suas ovelhas não, meu irmão. Eu tô preocupado em restaurá-las. Nós podemos cuidar delas, sarar, e depois elas podem voltar até, aí o problema é voltar (...) Às vezes, a impressão que eu tenho é que esses pregam o evangelho como meio de sobrevivência porque, se não, não estariam preocupados...	Estúdio. Plano-médio do apóstolo por trás do púlpito no centro do palco. O painel fotográfico de ovelhas pastando é visto parcialmente ao fundo. Ele veste terno escuro. Tem um microfone no canto da boca. Na mão esquerda segura um kit dos dez anos da IMPD, bem visível, na altura do peito.
	<i>19.03.2008</i>

Áudio	Dimensão visual
Deus não tolera hipocrisia, hipócritas ...	Prelação do apóstolo em estúdio com o mesmo cenário descrito anteriormente.
	<i>19.03.2008</i>

Áudio	Dimensão visual
Deus não tolera aqueles que tentam ser alguma coisa no altar, é... e fora outra coisa. Portanto seja verdadeiro, (suspirando) seja sincero, tenha um coração voltado. Reconheça a sua	Vigília durante a madrugada no Templo dos Milagres. Câmera mostra apóstolo ao centro, sentado no chão atrás de duas enormes pilhas de papel. A sua mulher, Franciléia, e bispos estão sentados

⁸⁸ Há uma tendência de predileção pela audiência por aquele que é o mais fraco ou que esteja sendo injustiçado, o que facilmente se observa nos espetáculos esportivos quando uma equipe infinitamente superior enfrenta outra ou, então, está sendo prejudicada pela arbitragem. Não é raro no futebol, por exemplo, a torcida se voltar contra o próprio time em circunstâncias assim.

insignificância... sua pequenez... porque é isso que nós somos. E venha depender de Deus também. Venha buscar este evangelho, neste ministério que é o evangelho de Jesus...	ao seu lado e formam uma meia-lua no palco. Os homens usam camisa social. A gravata está frouxa no colarinho. Alguns seguram o paletó. Outros estiram as pernas. A atmosfera é de cansaço. Há mais gente em torno do círculo de pessoas.
	<i>20.03.2008</i>

Áudio	Dimensão visual
Faz parte do projeto do diabo destruir a sua fé usando como arma os problemas que você enfrenta. Satanás está trabalhando para destruir a sua fé, ai ele usa o problema físico, o problema de saúde, financeiro, sentimental e conjugal, familiar. Tá? E outros problemas... Ele atinge um grau de dificuldade, os recursos se esgotam, quando não tem mais possibilidade, os homens já não podem ajudar, aí o diabo bombardeia.	Estúdio. Plano-médio. O apóstolo veste terno e fala em pé andando de um lado para outro com um microfone preso no canto da boca. Um painel fotográfico com rebanho de ovelhas pastando se vê parcialmente. Enumera nos dedos os problemas.
	<i>19.03.2008</i>

De acordo com o pensamento neopentecostal o diabo está por trás de todos os males mundanos. No exemplo acima, o discurso do líder da IMPD aproveita esse paradigma, dado como verdadeiro para prender a atenção da audiência e solicita atenção, consistindo, assim, numa oportunidade para o orador inserir técnicas persuasivas. Uma ótima chance para estereotipar o inimigo comum.

“Os retóricos, tantos os velhos como os novos, assinalaram que a retórica, para ser eficaz, tem de se basear em algum grau de identificação entre o orador e a audiência. Você convence apenas enquanto fala a linguagem dela (...). No cerne da persuasão, e nas raízes da retórica, estão os lugares-comuns (...) Os lugares-comuns são aquelas idéias e valores, molduras do significado, compartilhados e compartilháveis por falantes e ouvintes.”(SILVERSTONE, 2002, p. 70.)

4.4.8 Apelo à autoridade

O apelo que veremos agora é o da autoridade religiosa, que se consiste numa das formas mais poderosas de sugestão. Na vinheta abaixo a mensagem tem a intenção de arrecadar dinheiro. Para isso, a seqüência de cenas rápida mostra a efervescência religiosa da multidão de fiéis. Está claro que o convite parte dele, mas denota como sendo para a realização de uma obra de Deus – um recurso desnecessário no texto que evidencia mais uma vez a figura centralizadora do apóstolo em praticamente todas as instâncias do programa. O testemunho dos fiéis incentiva a audiência a aceitar o convite do apóstolo a fazer uma doação.

As grandes religiões monoteístas, a judaica, islâmica e cristã se entrelaçam numa rede de metáforas. Os escritos sagrados estão repletos deles. Na vinheta, a obra de Deus cumpre função metafórica. Aqui o conteúdo do texto se dirige à multidão de modo generalizado, mas o apelo soa direto e imperativo para cada telespectador, obedecendo ao método que, “os americanos chamam a técnica de todo mundo, segundo a qual todo mundo está fazendo isso e quem não faz está por fora” (BROWN, 1971, p. 29).

Nos exemplos seguintes quem fala não é o enunciador, mas o Todo Poderoso através dele. Ou seja, faz-se entender que quem fala não é o dono do discurso. O apóstolo é o veículo, o porta-voz da palavra do Senhor.

Áudio	Dimensão visual
<p>Locutor em <i>off</i>: O apóstolo Valdemiro Santiago convida você a propagar esta grande obra: a obra de Deus!</p> <p>Um programa, que chega aos lares de milhões de pessoas todos os dias, precisa de você. (recorte do áudio da vinheta)</p>	<p>Seqüência de cenas mostra culto com pessoas cantando, cadeira-de-roda sendo erguida no meio da multidão, mãos espalmadas para o alto, mulher de muleta abraçada ao apóstolo, intercala com o testemunho de pessoas ao apóstolo que prosperaram após se tornar dizimista ou ter adquirido um produto sagrado (bem simbólico) da igreja.</p>
	<i>19.03.2008</i>

Áudio	Dimensão visual
<p>Apóstolo – É forte demais Brasil o que esse Deus faz aqui. Isso não é brincadeira, não. Isso não é o homem que faz. Nenhum homem pode fazer isso. Presta atenção você: nenhum homem pode fazer isso. Só a mão de Deus é</p>	<p>Culto. Câmera em plano-médio mostra apóstolo de mão dada com a mulher, que era cega e voltou a enxergar. Ele fala em tom confessional para a câmera.</p>

que pode fazer isso!!!	
	19.03.2008

Áudio	Dimensão visual
Apóstolo – Quem foi que lhe curou? Entrevistado – Foi Jesus.	Cena de Culto. Câmera em plano-médio mostra apóstolo e entrevistado. Esse é o mote que encerra o testemunho de milagres por parte dos fiéis.
	19 – 21.03.2008

Áudio	Dimensão visual
Apóstolo (clamando) – Só a mão de Deus é capaz disso, Brasil! Só a mão de Deus!!!	Cena de Culto. Câmera em plano-médio mostra apóstolo de olhos fechados. O punho está em riste. A testa enrugada.
	19 – 20.03.2008

Exatamente neste momento, quando a indução ao estado *alfa* foi atingida alcançando o nível máximo de sugestão, no instante em que a assembléia animada de paixão eletriza a audiência, surgem no vídeo os dizeres: “contribua com a obra de Deus! Disque agora para o número...”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho refletiu sobre neopentecostalismo e sociedade, por meio das relações intertextuais entre as disciplinas constantes nos estudos das Ciências da Religião, com vista a pesquisar o modo de ação de uma denominação surgida no campo religioso brasileiro no final do século passado. Como as demais que fazem parte do movimento neopentecostal de vocação protestante, a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD) tem na realização de milagres sua maior bandeira. Prega a prosperidade como sendo uma concessão divina e garante aos fiéis a resolução de todo tipo de problema, sobretudo, a cura dos males da saúde por meio do irrestrito acordo de fé que inclui o pagamento do dízimo e à compra de ofertas que se resumem a produtos mascarados como bens simbólicos supostamente dotados de poderes mágicos. Somam-se ainda características particulares a IMPD como o enaltecimento do hedonismo, pela necessidade que transmite à sua audiência de ser feliz nesta vida e não num mundo do além. Audiência que é seduzida, através de um programa de televisão, exibido de segunda à sexta-feira em praticamente todas as capitais do país e que estandardiza os feitos da igreja: *O poder sobrenatural da fé*, que se configura como meio principal na propagação da sua crença.

O apelo hedonista sobre a cura na sociedade pós-moderna coaduna com a tese de que a espiritualidade neopentecostal apresenta-se como um movimento de acomodação em relação aos valores da sociedade de consumo, não se resumindo apenas a um desdobramento do pentecostalismo. Representa também um fenômeno relacionado a processos externos como a globalização. Suspeitamos que a precária assistência à saúde pelo Estado no atendimento a regiões periféricas das grandes cidades estimula a procura de terapias alternativas por parte da população brasileira menos afortunada. Nesse caso, o pastor assume o lugar do médico.

Para o movimento neopentecostal a condição de fé é fundamental na realização do desejo de bem-estar, saúde, dinheiro e na solução de todos problemas mundanos presentes na vida das pessoas. Como ajuste a essa demanda corpórea e espiritual que a sociedade pós-moderna pleiteia, a IMPD promove o encontro com Deus, mas um Deus presente e próximo do fiel que é representado na figura de Jesus Cristo. Não se trata, portanto, do “totalmente outro” de Rudolf

Otto, uma vez que em Otto a experiência religiosa é marcada pelo sentimento de ser criatura que a distancia de Deus.

Nosso esforço investigativo foi em busca de respostas para a compreensão do fenômeno que representa a IMPD que, no nosso entendimento, vestiu o neopentecostalismo com uma nova roupagem, adotando elementos constituintes das três ondas do pentecostalismo brasileiro – de acordo com o esquema de Freston – para trafegar com desenvoltura nas camadas periféricas, adequando-se sem reservas às leis de mercado como garantia à sua existência. Alimentando-se da fragilidade religiosa de nosso tempo, não se acha no discurso da IMPD, nas 14 horas de programação analisada, a promessa da vida eterna no Reino dos Céus tão apregoada na maioria das organizações religiosas integrantes do cristianismo brasileiro. Talvez esteja aí a maior contribuição que podemos oferecer aos estudos das Ciências da Religião ao constatarmos que nos templos da IMPD a plena felicidade se realiza no plano terreno por meio da ação e presença do Espírito Santo.

De modo que o fio que conduziu esta dissertação nos levou a concluir que:

- O neopentecostalismo expresso na IMPD representa uma religião pós-moderna, reunindo elementos das três ondas do pentecostalismo brasileiro na constituição da sua práxis que busca suprir as necessidades de realizações materiais e saúde com ênfase nos setores marginais da população brasileira.
- A IMPD varreu o ascetismo e sectarismo do pentecostalismo histórico aproveitando o vendaval de mudanças na sociedade contemporânea, que clama novas demandas de serviços espirituais, abolindo do seu discurso promessas de realizações relacionadas com o pós-vida.
- Sendo resultado da Reforma, a IMPD é uma organização religiosa originada no processo de secularização. Contudo, é ao mesmo tempo anti-secular porque, a seu modo, procura promover o encontro do homem com Deus, mas não num plano superior e sim aqui na Terra. Portanto, na ideologia da IMPD a felicidade plena se realiza por meio da intervenção de Jesus Cristo na vida do fiel, e não no Reino dos Céus como apregoa a maior parte das organizações religiosas que abraçam a doutrina cristã.

- No atual estágio em que se encontra, a IMPD existe em função do seu fundador, autodenominado apóstolo Valdemiro Santiago. É ele quem está no topo da hierarquia da igreja e centraliza todas as suas funções institucionais, constituindo-se, desse modo, num típico líder carismático de acordo com a teoria da dominação defendida por Max Weber.
- O avanço da IMPD no campo religioso brasileiro se deve principalmente à manutenção e exibição de um programa de tv para disseminar sua crença caracterizada por um proselitismo fundamentalista, uma vez que prega a obediência restrita da Palavra, utilizando-se para esse fim trechos do Novo e Velho Testamento a fim de legitimar o seu discurso carregado de conotações ideológicas que parece atender com eficácia as demandas das massas populares.
- A adoção de estratégias do marketing corporativo somado a elementos persuasivos comuns na propaganda com vista à adoção da sua crença, bem como a comercialização de bens simbólicos, embalados como sendo produtos mágicos, garantem os recursos necessários à manutenção e multiplicação das igrejas da IMPD, o que explica, em parte, os motivos do avanço dessa neófito organização neopentecostal no campo religioso brasileiro.

• 6. REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Robert Mapes. **Pentecostal and charismatic christianity**. New York. Macmillam Publishing Company, 1987.
- ARISTÓTELES, **A arte retórica e a arte poética**. São Paulo. Ediouro, 2006.
- ARON, R. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo. Martins Fonte, 1999.
- ASSMANN, Hugo. **A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BARBOUR, I. **Quando a ciência encontra a religião**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1998.
- BERGER. L. Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- _____. **Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural**. Petrópolis, 1997.
- _____. **A dessecularização do mundo: uma visão global**. Rio de Janeiro: Religião e sociedade, 2001.
- BIBLÍA. Português. **Bíblia Sagrada**. Atos dos apóstolos, cap. 2 Trad. João Ferreira de Almeida. Editora Vida, 1981.
- BITTENCOURT, Estevão. **Religiões, igrejas e seitas**. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1997.
- BITUN, Ricardo. **Igreja Mundial do Poder de Deus: rupturas e continuidades no campo religioso neopentecostal**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade de São Paulo, em 2007.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- BROWN, James Alexander Campbell, **Técnicas de persuasão: da propaganda a lavagem cerebral**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.
- CALLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1998.

- CAMPOS, L.S. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing** de um empreendimento neopentecostal. São Paulo e Petrópolis: Umesp, Simpósio e Vozes, 1997.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro. UFRJ, 1999
- CHAUI, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo. Editora Ática, 1985.
- COMBY, Jean. **Para ler a história da igreja: do século XV ao século XXI**. São Paulo: Loyola, 2001.
- CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**. São Paulo: Paulinas, 2001.
- DECRETO *Inter merífica*, sobre os meios de comunicação social. Banco de dados. Disponível na internet: www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_decree_19631204_inter-merifica_po.html
- Diário de notícias online, edição de 4 de junho de 2006. Banco de dados. Disponível na internet. www.dn.sapo.pt/. Acesso em 14 de mar. 2008.
- DREHER, Martin N. **A crise e a renovação da igreja no período da reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- FÉ MUNDIAL, edição n. 42, out. 2008.
- FERNANDES, Rubem C. **Censo institucional evangélico CIN**. Rio de Janeiro, ISER, 1992.
- FEUERBACH, L. **A essência do cristianismo**. Campinas: Papyrus, 1997.
- FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Campinas: Tese de doutorado em sociologia, Unicamp, 1993.
- FREUD, S. **Totem e tabu**. Os pensadores, São Paulo: Editora Abril, 1978.
- FURMAN, Mark E. **A dinâmica neocortical da persuasão e da influência**. Revista Anchorpoint , 1996. Banco de dados. Disponível na internet. www.nlanchorpoint.com/. Acesso em 29 de nov. 2007.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 8 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo. Loyola. 2002.
- HOUTART, François. **Mercado e religião**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru. EDUSC, 2001.
- LAJOLO, Laurana. **Antonio Gramsci: uma vida**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- LIBÓRIO, L. A. **A existência humana e a dimensão psico-religiosa**. Recife: 2005. Mimeo.
- LOBATO, Elvira. **Igreja controla a maior parte de TVs do país**. Banco de dados. Disponível na internet. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u373563.shtml>. Acesso em 20 de nov. 2008.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MARTIN, David. **Tongues of fire: the explosion of protestantism in Latin América**. Oxford: Blackwell, 1990
- MARQUES, Luiz Carlos Luz. Observações úteis para entender o Concílio. In: CAMARA, Dom Helder. **Vaticano II: correspondência Conciliar. Circulares à família do São Joaquim, 1962 – 1964**. Recife: editora Universitária da UFPE, 2004.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Vol 1 São Paulo: EPU, 1974.
- MOTTA, Roberto. **Notas para leitura de A ética protestante e o espírito do capitalismo**, Recife: UFPE, 1983.
- MORAES, Denis. **Sociedade Midiatizada**, Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- NOVOS ESTUDOS**, Cebrap, n. 44, março 1996.
- MANSO, Bruno e BRANCATELLI, Rodrigo. **São Paulo terá três novos templos**. Banco de dados. Disponível na internet. http://www.estadao.com.br/cidades/not_cid274747,0.htm. Acesso 20 de nov. 2008.
- MULLER, Wunibald. **Deixar-se tocar pelo sagrado**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- OLIVEIRA, Cláudio I.; PIRES, Anderson C. **A cura integral (psicofísica) no neopentecostalismo brasileiro: uma acomodação ao discurso sobre saúde e doença na sociedade pós-moderna de consumo**. Estudos da religião, Ano XIX, n°29, jul/dez, São Paulo: 2005.

ORO, Ari Pedro. **Podem passar a sacolinha**: um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro. Cadernos de Antropologia, nona edição: Programa de pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS.

_____, **Religiões pentecostais e meios de comunicação de massa no sul do Brasil**. Revista Eclesiástica Brasileira, n. 50. Jun. 1992.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**. São Leopoldo. Sinodal, 2007

PADEN, William E. **Interpretando o sagrado**: modos de conceber a religião. Paulinas, São Paulo, 2001.

PALMER, Michael. **Freud e Jung: sobre a religião**. São Paulo: Loyola, 2001.

PEREIRA, Eliane. **Inter-meios aponta crescimento do mercado publicitário**. Banco de dados. Disponível na Internet. [Http://www.meioemensagem.com.br/serviços](http://www.meioemensagem.com.br/serviços). Acesso em 21 de mar. 2008.

PARELMAN, Chain. Tratado da argumentação. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIERUCCI, Antonio Flávio & PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil**: religião, sociedade e política. São Paulo: Hucitec, 1996.

PIERUCCI, Antonio Flavio. **Criacionismo é fundamentalismo**. o que é fundamentalismo? Banco de dados. Disponível na internet. [Http://www.comconsciencia.br/200407/reportagens/12shtml](http://www.comconsciencia.br/200407/reportagens/12shtml). Acesso em 12 de nov.2008.

PORTELLI, Hugues. **Gramsci e a questão religiosa**. São Paulo.Ed. Paulinas, 1984.

PRAXEDES, Walter & PILETTI, Nelson. **Dom Helder Camara o profeta da paz**. São Paulo: Contexto, 2008.

REVISTA GALILEU. Editora Globo, São Paulo, n.196, nov. 2007.

REVISTA MUNDIAL SEM LIMITES, Ano I, Número 1, abril de 2007. São Paulo.

SILVA, Drance E. **Dádiva, prosperidade e dinheiro nos novos movimentos religiosos**. Revista de teologia e ciência da religião. Ano 2 n. especial, jan. 2003.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

VIERIA, Frei Domingos. **Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza**. 5 vols (v. 1 - 1871; v. 2, 3, e 4 - 1873; v. 5 - 1874). Porto.

SUTPHEN, Dick. Artigo **A batalha pela sua mente**. Disponível na internet. [Http://www.terapeutanlpanchorpoint.com/](http://www.terapeutanlpanchorpoint.com/). Acesso em 30 set. 2008.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1999.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira Editora, 1983.

www.impd.com.br Acesso em 30 set. 2008.

www.luteranos.com.br Acesso em 04 jun 2008.

[www.tribuna.inf.br/ anteriores/2006](http://www.tribuna.inf.br/antiores/2006). Acesso em 03 jun 2008.